

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

REGINALDO PEREIRA DE MORAES

O DIREITO DE PRIMOGENITURA NO ANTIGO TESTAMENTO, À LUZ DAS
NARRATIVAS SOBRE ESAÚ E JACÓ (Gn 25.19-34 e 27.1-45).

São Leopoldo

2012

REGINALDO PEREIRA DE MORAES

O DIREITO DE PRIMOGENITURA NO ANTIGO TESTAMENTO, À LUZ DAS
NARRATIVAS SOBRE ESAÚ E JACÓ (Gn 25.19-34 e 27.1-45).


Dissertação de Mestrado
para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de Concentração: Bíblia

Orientador: Carlos Arthur Dreher

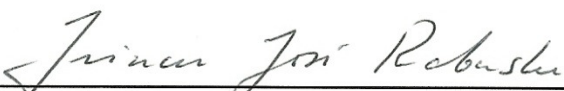
São Leopoldo

2012

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador: 
Prof. Dr. Carlos Arthur Dreher (Presidente)

2º Examinador: 
Prof. Dr. Flávio Schmitt (EST)

3º Examinador: 
Prof. Dr. Irineu José Rabuske (PUC/RS)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M827d Moraes, Reginaldo Pereira de

O direito de primogenitura no Antigo Testamento, à luz das narrativas sobre Esaú e Jacó (Gn 25.19-34 e 27.1-45) / Reginaldo Pereira de Moraes ; orientador Carlos Arthur Dreher. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.

176 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Primogenitura – Ensino bíblico . 2. Direito judaico. 3. Bíblia. A.T. Gênesis 25 – Crítica, interpretação, etc. 4. Bíblia. A.T. Gênesis 27 – Crítica, interpretação, etc.. I. Dreher, Carlos Arthur. II. Título.

RESUMO

Esta dissertação pesquisa o direito de primogenitura no Antigo Testamento à luz das narrativas de Esaú e Jacó, em especial, nos textos de Gênesis 25.19-26; 25.27-34 e 27.1-45. Para isso, optou-se por um delineamento bibliográfico sob um viés exegético. Assim, faz-se um diálogo com a psicologia e a antropologia, de onde se percebe que essa temática é tão presente na antiguidade quanto nos dias hodiernos. Notou-se também que, apesar das convenções praticamente assentadas acerca da hegemonia da primogenitura no Antigo Testamento, não há como saber quais culturas teriam influenciado as outras. Semelhantemente, não se encontrou leis bíblicas que embasassem tal pensamento. Nem por isso, se pode dizer que o primogênito não tivesse sua importância, pois não foram poucos os textos que demonstraram tal relevância. Ainda, a partir das exegeses feitas nas três principais perícopes analisadas, juntamente com uma abordagem, *en passant*, de outros trechos, pode-se argumentar a favor de uma história real, apesar de vários aspectos literários que poderiam ser usados como contrário. Tais narrativas estão carregadas de conflitos intrafamiliares, que serviram para demonstrar a prática corriqueira da primogenitura na cultura hebraica. Além disso, quanto à definição de Direito de Primogenitura, defende-se uma aplicação que abarcava cinco dimensões: espiritual (a bênção em si tinha uma conotação quase que mágica, de tão forte); religiosa (além do fato do primogênito ser consagrado a Deus, havia sua responsabilidade em cuidar e dirigir o culto ao Senhor); patrimonial (os bens repassados aos filhos também consistiam em terra e/ou domínios, não obstante o período de semi-nomadismo e sua constante transumância); social (a liderança do clã e sua representatividade, junto ao conselho de anciãos, faziam parte da função do primogênito); e, ainda, uma dimensão existencial (o filho mais velho era o responsável por perpetuar o nome de seu pai, vivendo como se fosse a continuidade da vida de seus antecessores).

Palavras chave: Primogênito, Direito Familiar, Cultura Hebraica, Primogenitura.

ABSTRACT

This dissertation researches the birthright in the Old Testament in light of the narratives of Esau and Jacob, particularly, the texts of Genesis 25.19-26, 25.27-34 and 27.1-45. For this, a design of bibliography was chosen under an exegetical perspective. Thus, a dialogue with psychology and anthropology is performed, from where it is perceived that theme is as present nowadays as it was in ancient times. It was also noted that, despite the conventions almost settled on the hegemony of the birthright in the Old Testament, there is no way of knowing which cultures have influenced others. Similarly, there were no biblical laws that could justify such thinking. But we can not say that the firstborn would not have his importance, after all there are many texts demonstrating such relevance. Still, from the exegeses made in three major pericopes analyzed, along with an approach, *en passant*, of other passages, one can present an argument in favor of a real story, in spite of several literary aspects that could be used in contrast. Such narratives are full of intra-family conflicts, which served to demonstrate the common practice of birthright in the Hebrew culture. Moreover, regarding the definition of Birthright, an application that included five dimensions is defended: spiritual (blessings had an almost magical connotation, it was very strong); religious (besides the fact that the firstborn was consecrated to God, he had the responsibility to take care of and lead the worship of the Lord); patrimonial (assets transferred to the children consisted of land and or dominions, notwithstanding the period of semi-nomadism and the constant transhumance); social (the leadership of the clan and its representation before the council of elders were part of the responsibilities of the firstborn); and also an existential dimension (the eldest son was responsible for perpetuating the name of his father, living as the continuity of the life of his predecessors).

Keywords: Firstborn, Family Law, Hebrew Culture, Birthright.

Dedico esta pesquisa à minha família;
todos (pais e irmãos) tiveram um importante papel
no desenvolvimento de meus estudos e
em meu progresso acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Mencionar nomes em agradecimentos é cometer gafes, pois sempre se esquece de alguém importante.

Mas não se pode passar sem se fazer menção às inúmeras e profundas ajudas recebidas nestes dois anos de trabalho e pesquisas. Assim, registra-se minha gratidão a todas as pessoas que de uma forma ou de outra me auxiliaram para que eu chegasse aonde cheguei:

Amigos que me incentivaram e apoiaram de várias formas,

Alunos que me obrigaram a dar o meu melhor,

Família que soube compreender minhas ausências,

Colegas que tiveram paciência e me auxiliaram na caminhada,

Colegas de Ministério que entenderam minha correria,

Professores que estiveram acessíveis e compreensíveis,

Meu pastor que sempre me incentivou,

Meu Orientador que acreditou em mim,

E à CAPES pela imprescindível ajuda no custeio dos estudos.

Ainda, não poderia deixar de agradecer a Deus, por sua infinita Bondade e maravilhosa direção.

O Pentateuco é como um lago, mas não é
fácil dizer de onde vêm suas águas.
Uns pensam em quatro rios, outros em rios
e afluentes, outros em lagunas submarinas.
Só uma coisa é certa: trata-se de um lago
esplêndido.

José Luis Sicre

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura Quiástica para o Pentateuco	58
Quadro 2 – Compilação comparativa entre Gênesis e Deuteronômio.....	59
Quadro 3 – Estrutura e relação entre as histórias dos quatro patriarcas.....	63
Quadro 4 – Estrutura quiástica para as histórias dos quatro patriarcas.	63
Quadro 5 – Estrutura de Gn 25.19 – 35.22, em forma de quiasma.	67
Quadro 6 – Comparação entre as perícopes de ensino e suas vizinhas.....	75
Quadro 7 – Relação de nomenclatura nortista utilizada pelo povo de Judá.....	136

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A PRIMOGENITURA – SIGNIFICAÇÕES E CONVENÇÕES GERAIS	17
1.1 Contribuições interdisciplinares.....	17
1.1.1 Contribuições da antropologia.....	18
1.1.2 Contribuições da sociologia.....	20
1.1.3 Contribuições da psicologia.....	21
1.1.3.1 Crianças.....	22
1.1.3.2 Adolescentes e jovens.....	23
1.1.3.3 Ponderações finais.....	24
1.2 Definições bíblicas.....	26
1.3 Cultura familiar hebraica.....	29
1.3.1 Composição da família hebraica na antiguidade.....	29
1.3.2 Patria potestas.....	31
1.3.2.1 Filiação, adoção e desadoção.....	33
1.3.3 Transferência de bênção.....	34
1.3.4 Herança e herdeiros.....	35
1.4 Considerações finais.....	36
2 O DESTAQUE DOS PRIMOGÊNITOS	37
2.1 Nas principais culturas do Antigo Oriente Próximo.....	37
2.1.1 Leis acádias e sumérias.....	38
2.1.2 Códigos legais babilônicos e assírios.....	39
2.1.3 Costumes jurídicos egípcios.....	41
2.1.4 Costumes dos beduínos árabes pré-islâmicos.....	43
2.1.5 Costumes cananeus (1550-1200 a.C).....	43
2.2 Na legislação e no costume dos israelitas.....	44
2.2.1 Leis que apoiam a primogenitura.....	45
2.2.1.1 Deuteronômio 21.15-17.....	45
2.2.1.2 Êxodo 13.1-16.....	45
2.2.2 Indícios da hegemonia dos primeiros na cultura hebraica.....	47
2.2.2.1 Indícios de valorização dos filhos mais velhos.....	47
2.2.2.2 Expressões de indignação.....	48
2.2.2.3 Iniciativa de primogênitos.....	49
2.3 Em alguns casos extrapolados.....	49
2.3.1 Análise preliminar dessas ocorrências.....	50
2.3.2 Hipóteses para os possíveis desusos.....	51
2.4 Considerações finais.....	53
3 APROXIMAÇÃO AOS TEXTOS DE INTERESSE (GÊNESIS 25.19-26, 27-34 e 27.18-45)	56
3.1 Gênero e estrutura.....	57
3.1.1 Estrutura dos cinco primeiros livros.....	58
3.1.2 Estrutura do Gênesis.....	60
3.1.3 Estrutura da narrativa patriarcal (Gn 12-50).....	62
3.1.4 Estrutura do ciclo de Jacó.....	66
3.2 Análise redacional.....	68
3.2.1 Processo de redação.....	68
3.2.2 Propostas de datação.....	73
3.3 Delimitação das perícopes.....	74

4 ANÁLISE EXEGÉTICA DE GÊNESIS 25.19-26 e 25.27-34.....	76
4.1.1 Delimitação da perícopes.....	77
4.1.2 Estrutura da perícopes.....	78
4.1.3 Análise conceitual de palavras chave ou expressões	79
4.1.3.1 Gênesis 25.19	80
4.1.3.2 Gênesis 25.20	81
4.1.3.3 Gênesis 25.21	82
4.1.3.4 Gênesis 25.22	83
4.1.3.5 Gênesis 25.23	84
4.1.3.6 Gênesis 25.24	85
4.1.3.7 Gênesis 25.25	86
4.1.3.8 Gênesis 25.26	87
4.1.4 Cosiderações finais.....	88
4.2 Análise de Gênesis 25.27-34	89
4.2.1 Delimitação de perícopes.....	90
4.2.2 Estrutura da perícopes.....	90
4.2.3 Análise conceitual de palavras chave ou expressões	92
4.2.3.1 Gênesis 25.27	93
4.2.3.2 Gênesis 25.28	94
4.2.3.3 Gênesis 25.29	95
4.2.3.4 Gênesis 25.30	95
4.2.3.5 Gênesis 25.31	97
4.2.3.6 Gênesis 25.32	98
4.2.3.7 Gênesis 25.33	98
4.2.3.8 Gênesis 25.34	99
4.2.4 Ponderações finais.....	100
5 ANÁLISE EXEGÉTICA DE GÊNESIS 27.1-45.....	101
5.1 Delimitação de perícopes.....	102
5.2 Estrutura da perícopes.....	102
5.3 Análise conceitual de palavras chave ou expressões	103
5.3.1 Gênesis 27.1-4: o diálogo entre Isaque e Esaú.....	104
5.3.2 Gênesis 27.5-17: os conselhos de Rebeca a Jacó	105
5.3.3 Gênesis 27.18	106
5.3.4 Gênesis 27.19	106
5.3.5 Gênesis 27.20-22	107
5.3.6 Gênesis 27.23	107
5.3.7 Gênesis 27.24-25	108
5.3.8 Gênesis 27.26-27a	109
5.3.9 Gênesis 27.27b-29	110
5.3.10 Gênesis 27.30-32	112
5.3.11 Gênesis 27.33.....	113
5.3.12 Gênesis 27.34.....	115
5.3.13 Gênesis 27.35-36	116
5.3.14 Gênesis 27.37.....	117
5.3.15 Gênesis 27.39-40	118
5.3.16 Gênesis 27.41-45: o epílogo.....	119
5.4 Ponderações finais.....	120
5.5 Comparação com Gênesis 33	121
6 O DIREITO DE PRIMOGENITURA NO ANTIGO TESTAMENTO, À LUZ DAS NARRATIVAS SOBRE ESAÚ E JACÓ.....	123

6.1 Dimensão espiritual (a bênção em si)	124
6.2 Dimensão religiosa	127
6.3 Dimensão patrimonial	130
6.4 Dimensão social	132
6.5 Dimensão existencial	133
6.6 Considerações finais	137
CONCLUSÃO	138
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICE A – Comparação entre versões (Gênesis 25.19-26)	151
APÊNDICE B – Comparação entre versões (Gênesis 25.27-34)	156
APÊNDICE C – Comparação entre versões (Gênesis 27.18-41)	160
APÊNDICE D – Crítica Textual de Gênesis 25.19-26	172
APÊNDICE E – Crítica Textual de Gênesis 25.27-34	173
APÊNDICE F – Crítica Textual de Gênesis 27.1-45	174

INTRODUÇÃO

A partir de uma rápida leitura em algumas obras sobre o Antigo Testamento percebem-se algumas convenções teológicas relacionadas com a primogenitura que tem sido consideradas como certas, mas com um pouco mais de atenção às narrativas bíblicas, tais teorias não puderam ser comprovadas ou, pelo menos, deixaram a desejar. Desta forma, observou-se a necessidade de definir o que é a primogenitura, em quais situações ela era exercida e quais seriam, de fato, os direitos do primogênito e para tal, pretende-se:

a – analisar a primogenitura, seu significado e importância dentro do contexto veterotestamentário;

b – analisar as leis e/ou os costumes bíblicos e extra-bíblicos, que parecem fomentar a distinção existente entre o primogênito e os demais filhos;

c – verificar o que está em jogo na disputa pela primogenitura no caso de Esaú e Jacó.

Essa busca é necessária porque apesar da grande relevância cultural dada ao primogênito nos meios acadêmico-teológicos, não são poucas as vezes que a Bíblia parece ignorar tal proposição (como nos relatos sobre Abel, Isaque, José, Moisés, Davi, Salomão etc.). Em especial, nas narrativas em estudo sobre Esaú e Jacó, nas quais se encontram três episódios bem distintos e aparentemente independentes que mostram o conflito direto entre esses irmãos, com respeito à primogenitura. Desta forma, em Gn 25.19-26,27-34¹ e 27.18-45, dentre outros trechos que servem de apoio, podem dar uma boa colaboração quanto à questão.

Além dessa constatação, há um grande interesse pessoal (movido por certa curiosidade),² que há anos tem sido demonstrado e com poucas tentativas de

¹ Durante todo o desenrolar dessa dissertação, optou-se por usar este tipo de abreviação para os textos bíblicos. As siglas dos livros serão sempre adotadas a partir daquelas sugeridas pela Bíblia Tradução João Ferreira de Almeida, Século XXI. Essa escolha deu-se, tão somente, por haver mais familiaridade com suas siglas. Convém lembrar também, que os textos serão utilizados de várias versões bíblicas, com as devidas indicações; e para a indicação de capítulos e sua divisão em versículos, optou-se por usar o ponto (.) como divisor entre capítulos e versículos; o hífen (-) para indicar que o texto selecionado vai desde o primeiro número indicado até o último; a vírgula (,) para separar versículos e o ponto e vírgula (;) para fazer separação entre capítulos. Assim, Gn 25.19-26,27-34; 27.1-45 é a indicação de três perícopes (recortes) e significa: Gênesis capítulo 25 do verso 19 ao 26 + Gênesis capítulo 25 do verso 27 ao 34 + Gênesis capítulo 27 do verso 1 ao 41.

² De fato a curiosidade tem sido a maior incentivadora. Durante estes meses de pesquisa várias pessoas chegaram a perguntar se o interesse por estudar a primogenitura não teria sido gerado por

respostas pelas obras já existentes (algumas tão superficiais quanto evasivas). Ainda é notada uma forte relevância no campo teológico, por mexer em conceitos assentados ou ratificados como certos; e também na área da hermenêutica, pois se houver respostas satisfatórias para a questão levantada, poderá ajudar, e muito, numa melhor interpretação de outras passagens. Além disso, há importância no âmbito antropológico, por toda a pesquisa que será feita na sociedade antiga e em seus costumes.

Destarte, com tamanho interesse e vantagens para se estudar tal temática, tem-se consciência de que não será tarefa das mais fáceis, pois ao pensar sobre o “direito de primogenitura” surgem logo de imediato as seguintes perguntas:

I – Qual a definição de primogenitura dentro do Antigo Testamento?

II – A preeminência da primogenitura é um fato histórico-social existente no contexto do Antigo Testamento? Em caso afirmativo, quando surge tal importância?

III – Se o primogênito era o mais importante, por que há textos nos quais o autor sagrado parece mostrar uma preferência divina a favor do não primogênito?

IV – Se houve uma distinção, por que há casos de filhos que não eram os primeiros, mas foram tratados como primeiros e alguns até fizeram história?

V – As poucas leis referentes aos primogênitos foram inovações ou simplesmente uma oficialização de algo corriqueiro e usual?

Diante desses questionamentos, chega-se às seguintes hipóteses:

I – A temática em questão é baseada a partir de duas palavras do hebraico: בְּכוֹר (*bekhor*) e פֶּטֶר (*peter*), que são traduzidas por “primogênito”, sem mencionar as possíveis variantes. A primeira é usada na Bíblia Hebraica para referir-se, em sua maioria, aos primogênitos em relação ao pai e num contexto mais jurídico. A segunda, sempre com referência à mãe e num contexto mais religioso.

II – Para Thiel, na época dos semi-nômades primitivos de Israel não existia o costume de partilhar a herança devido a própria necessidade vivenciada no dia-a-

alguma questão pessoal relativa ao âmbito familiar; a resposta sempre foi não e, nitidamente, a curiosidade tem sido uma de minhas fraquezas. Embora seja possível ver certa correlação no relacionamento com meus irmãos; pois meus pais tiveram seis filhos. Quando a mais velha estava prestes a casar, eu nasci, e, quase dois anos após, nasceu o caçula. Dessa forma, tive privilégios e bajulações como caçula (mesmo que temporariamente e numa fase sem recordações) e, estranhamente, tive sentimentos ou características de primogênito (pois quando estava na infância juntamente com o caçula, uma sobrinha e um sobrinho, os irmãos mais velhos estavam numa outra dimensão de maturidade. Assim, eu me sentia o líder daquele pequeno grupo). Outro detalhe interessante é que o meu irmão mais velho, apesar de ser muito inteligente, não chegou a cursar uma faculdade e o caçula foi o primeiro a conquistar um Mestrado.

dia. A família era estruturada a partir de um senso de solidariedade. Por isso os irmãos se sujeitavam, via de regra, ao primogênito;³ caso contrário, estaria sujeito à pobreza ou teria muita dificuldade de começar com poucos recursos, pois nesse período o patriarca dava apenas algumas doações para o filho que partia.⁴ Diante disso, deduz-se que o direito de primogenitura seria o controle do clã exercido pelo filho mais velho, o qual administrava tanto a família quanto o patrimônio.

Para de Vaux, enquanto o pai era vivo, o filho mais velho recebia sua preferência em detrimento aos demais irmãos e, quando aquele morria, o herdeiro recebia uma porção dobrada da herança e o direito de liderar a família.⁵

III – Segundo Arnold e Beyer, o possível *status* em relação ao nascimento não interfere na posição do homem diante de Deus e suas escolhas.⁶ Já para Hoff, no caso de Esaú e Jacó “Deus trocou o costume daquele tempo que favorecia o filho mais velho”.⁷

Conforme Rösel, “a bênção divina se impõe contra todas as aparências”.⁸

Para Gancho, a subversão é tão comum que chega a existir quase uma regra de favorecimento da divindade pelo filho menor.⁹

Segundo Selms, “as Escrituras Sagradas mostram certa predileção pelo filho mais novo como o menos privilegiado”.¹⁰

Para alguns teólogos, segundo de Vaux, a possível subversão estaria amparada ou justificada pelo costume de ultimogenitura utilizado por alguns povos da antiguidade.¹¹

IV – Sobre o fato do sucesso de alguns não primogênitos, percebe-se que não há uma única causa. Há situações que são extrapoladas pelo próprio Deus, com

³ THIEL, Winfried. *A sociedade de Israel na época pré-estatal*. Tradução de Ilson Kaiser, Annemarie Höhn (notas). São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulinas, 1993. p. 31.

⁴ THIEL, 1993, p. 34

⁵ DE VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003. p. 64.

⁶ ARNOLD, Bill T.; BEYER, Bryan E. *Descobrendo o Antigo Testamento: uma perspectiva cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 97.

⁷ HOFF, Paul. *O Pentateuco*. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. 2. ed. São Paulo: Vida, 1983. p. 69.

⁸ RÖSEL, Martin. *Panorama do Antigo Testamento: história, contexto e teologia*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST. 2009. p. 23.

⁹ GANCHO, C. *Primogênito*. In: DIEZ-MACHO, Alejandro; BARTINA, Sebastian. *Enciclopedia de la Biblia*. Barcelona: Ediciones Garriga, 1963. p. 1256-1257.

¹⁰ SELMS, A. van. *Primogênito*. In: DOUGLAS, J. D.; BRUCE, F. F.; SHEDD, Russell Philip. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 1315.

¹¹ DE VAUX, 2003, p. 65. Por ultimogenitura entende-se a prática de transmissão tanto da herança quanto dos direitos paternos ao último dos filhos.

ou sem possibilidade de explicação. Em outras é o pai quem promove a aparente subversão, também podendo ser vislumbrada em decisões justificadas e arbitrárias. Ainda há ocorrências provocadas pelas mães e circunstâncias nas quais há o envolvimento do próprio primogênito.

V – De Vaux menciona ainda que há um “conflito entre o costume jurídico e o sentimento que inclinava o coração do pai ao filho de seus últimos dias [...] Além disso, a Bíblia destaca explicitamente que esses casos expressam a arbitrariedade das escolhas de Deus”.¹² As leis que estão registradas na Bíblia são poucas e, no mínimo, datadas após o assentamento. Segundo de Vaux, Dt 21.15-17 tinha mais um aspecto político do que simplesmente jurídico e servia, inclusive, para condenar a Abraão, que expulsou Ismael e a Davi que escolheu Salomão no lugar de Adonias.¹³

Diante de tantos questionamentos e suas respectivas hipóteses, a pesquisa delineou-se como bibliográfica, com uma abordagem qualitativa e dentro de um viés exegético, sob o prisma de uma interação entre a antropologia, a psicologia e a teologia.

Em outras palavras, o desenrolar deste trabalho partiu da coleta de fontes (em especial na área bíblica e com algumas abordagens antropológicas, nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa), estudo e condensação deste material, análise exegética a partir do hebraico nos principais textos bíblicos relacionados ao assunto (Gn 25.16-34 e Gn 27.18-41) e ainda numa averiguação na área da psicologia sobre a atualidade do conflito entre primogênitos e os demais irmãos.

No primeiro capítulo apresentam-se os conceitos e algumas considerações sobre a primogenitura e as contribuições das demais áreas afins (sociologia, antropologia e psicologia). Será feita, também, uma análise a respeito da definição bíblica e sobre o funcionamento da família israelita. Na segunda seção, serão destacadas algumas peculiaridades acerca de como o primogênito era tratado e sobre o aspecto de sua ação; tanto na cultura bíblica quanto na dos povos vizinhos. Tudo isso, numa busca pelos indícios ou constatações que provem alguma hegemonia dos primogênitos.

No terceiro capítulo, serão estudadas questões relacionadas à análise literária, com certo vislumbre nas estruturas desde o Pentateuco até se chegar às

¹² DE VAUX, 2003, p. 65.

perícopes propostas e, também, o que diz respeito às análises de redação, de data e delimitação de cada perícopo.

Da quarta à sexta seção, destinou-se espaço para as exegeses propriamente ditas; respectivamente, para as perícopes de Gn 25.19-26; 25.27-34 e 27.1-45, mais especificamente, às ações relacionadas com as peculiaridades e/ou delimitações de cada texto bíblico analisado e ao exame dos conceitos por trás de seu texto. Também foram abordadas questões mais técnicas, como a comparação entre versões e a crítica textual, embora, estas tenham sido apresentadas somente ao final dessa pesquisa sob a forma de apêndices.

No último capítulo, por sua vez, os esforços foram concentrados a fim de buscar uma definição mais aproximada do que seria o direito de primogenitura. Defendendo-se a ideia de que este abranja cinco extensões do cotidiano, sendo elas: dimensão espiritual; dimensão social; dimensão patrimonial; dimensão religiosa; e dimensão existencial.

¹³ DE VAUX, 2003, p. 77.

1 A PRIMOGENITURA – SIGNIFICAÇÕES E CONVENÇÕES GERAIS

Estudar a cultura de povos antigos é deveras fascinante, mesmo diante das dificuldades encontradas no processo de pesquisa. Há situações bem semelhantes com as vivenciadas hoje em dia, mas também há peculiaridades bastante distintas. Diante de tantos costumes, destaca-se como objetivo desta pesquisa: a primogenitura e a maneira como é tratada. Se outras atitudes ou leis mais documentadas já não são fáceis de serem avaliadas, não seria diferente no caso de tentar entender o que os israelitas compreendiam sobre a primogenitura e a sua definição, em especial, num período sem muita confirmação histórico-científica, como na era pré-patriarcal e patriarcal.

A intenção desta análise é averiguar o que as áreas afins à teologia têm a dizer sobre a temática, bem como identificar a definição hebraica sobre a primogenitura, observar os aspectos familiares mais relevantes, analisar as legislações ou costumes de alguns povos vizinhos que possam dar alguma contribuição a respeito, esboçar os principais casos em que, aparentemente, a primogenitura foi suplantada e, por fim, elencar as hipóteses levantadas pelos diversos teólogos estudados.

Diante dos objetivos citados, tem-se a consciência da probabilidade de o assunto em questão não ser esgotado. Entretanto, vê-se a necessidade de recolher a maior quantidade possível de material existente sobre o assunto.

1.1 Contribuições interdisciplinares

Antes de qualquer abordagem bíblica, seria interessante verificar quais seriam as contribuições existentes a partir de algumas áreas afins. A priori, pensou-se em procurar tais subsídios na antropologia, na sociologia e na psicologia. Busca-se, na sociologia e na antropologia, estudar e explicar o relacionamento do homem e da sociedade onde ele está inserido, enquanto na psicologia, entender melhor as rivalidades entre os irmãos, em especial, procurando abordar como seria visto o conflito hoje, se é que ainda há, entre os primogênitos e os irmãos mais novos.

1.1.1 Contribuições da antropologia

Segundo Rogerson, a antropologia não tem sido mais tão almejada para os interesses do Antigo Testamento. Talvez seja, conforme argumenta, pela iniciativa dos próprios antropólogos, pois, a partir de E. R. Leach (1961), esta ciência passou a tratar os relatos bíblicos como algo bem pouco confiável, historicamente. Dessa forma, enquanto os teólogos buscam nessa disciplina, ajuda para entender melhor os aspectos da história, acabam recebendo a “demonstração” de que sua história não teria acontecido.¹⁴ Neste mesmo campo de contestações científicas, conforme Clements, ficaria uma questão bem latente: “até que ponto se podem usar as narrativas bíblicas, que foram construídas para outros fins do que simplesmente fornecer uma coleção de dados históricos, para obter informação suficiente a fim de se fazer uma reconstituição histórica acabada”.¹⁵

Apesar desses posicionamentos negativos e até mesmo discordantes, o mesmo Clements, defende a ideia de buscar uma interpretação da literatura veterotestamentária respeitando o seu “contexto cultural e antropológico”.¹⁶ Pois, além da busca pela cosmovisão do Antigo Testamento, deve-se prestar “muita atenção ao contexto social e humano em que originalmente se expressou essa ideia”.¹⁷

Outro aspecto importante, segundo Rogerson, é:

[...] ainda que se tenha aprendido muito da antropologia estrutural funcionalista [...] ela apresenta, obviamente, limitações quando aplicada não à sociedade que se pode observar em ato, mas a uma sociedade que nos é conhecida somente por lembranças históricas muito incompletas.¹⁸

Apesar de certa desunião entre ambas as áreas afins, acredita-se que a antropologia pode, e muito, desempenhar um bom apoio aos estudos teológicos relacionados às antigas culturas e aos povos narrados nas Escrituras Sagradas.

¹⁴ ROGERSON, John W. *Antropologia e Antigo testamento*. In: CLEMENTS, Ronald E. (Org.) *O Mundo do Antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995. p. 26.

¹⁵ CLEMENTS, Ronald E. Israel em sua situação histórica e cultural. In: _____ (Org.) *O Mundo do antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995. p. 12.

¹⁶ CLEMENTS, In: _____, 1995, p. 16.

¹⁷ CLEMENTS, In: _____, 1995, p. 17.

Como exemplo disso, conseguiram-se algumas contribuições antropológicas para esta pesquisa, tais como:

a) Antropologicamente, segundo Rogerson, “os israelitas viam sua sociedade mais como um agregado de grupo do que como coleção de indivíduos”.¹⁹

b) Para Lemche, as famílias de pastores nômades se compunham de 5 a 8 pessoas, sem nenhuma hegemonia quanto à primogenitura e o campo era usado em forma de cooperativismo.²⁰

c) Com Willems, tem-se a instrução de que em qualquer sociedade não é possível simplesmente contentar-se com definições muito abrangentes. Por exemplo, dizer que uma família é patriarcal não seria uma designação tão completa, como geralmente se pensa. Ela estaria apenas fazendo referência ao papel do pai e não “às obrigações recíprocas entre irmãos e irmãs, entre o irmão mais velho e os mais novos, entre membros consanguíneos e afins, entre membros da família imediata ou conjugal e parentes colaterais e assim por diante”.²¹

d) Outra consideração bastante interessante é sobre o caso de família-tronco, na antiguidade, na qual apenas um dos filhos fica na casa dos pais e os demais saem para formar suas famílias neolocais. Segundo Willems:

[...] o filho que permanece herda, indivisa, a propriedade da família, ao passo que os outros recebem apenas um dote conforme o status econômico da família parental. O herdeiro da propriedade é frequentemente o filho mais velho (primogenitura). Às vezes o mais moço (ultimogenitura), e não raro o pai tem o direito de escolher qualquer um dos filhos. [...] quando houver filhas, apenas uma delas herda o sítio e [...] o marido une-se aos parentes da esposa e assume o seu nome de família.²²

e) Para Laburthe-Tolra, na família extensiva, formada por parentes de sangue e seus descendentes, que se aliam ao longo de ao menos três gerações, “o laço mais forte é entre o pai e seu filho; o segundo laço de importância é o laço entre os irmãos. Supondo-se que a relação de um homem com seu pai é mais forte que com a esposa, os filhos levam a mulher para a casa do pai”.²³

¹⁸ ROGERSON, In: CLEMENTS, 1995, p. 32.

¹⁹ ROGERSON, In: CLEMENTS, 1995, p. 32.

²⁰ LEMCHE, 1985. Apud ROGERSON, 1995. p. 35.

²¹ WILLEMS, Emílio. *Antropologia Social*. Tradução de Yolanda Leite. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia, 1966. p. 27.

²² WILLEMS, 1966, p. 87.

²³ LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. *Etnologia – Antropologia*. Tradução de Anna Hartmann Cavalcanti. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 107.

f) Curiosamente, “a maioria dos sistemas matrilineares são patriarcais”,²⁴ porque, a despeito do membro daquele determinado grupo estar vinculado ao mesmo através de sua mãe, pelo vínculo uterino, o tio materno é quem detém o poder; ou seja, “o marido não é senão uma espécie de locatário de seu filho, que pertence a seu tio materno, ao irmão de sua mãe”.²⁵

g) Outra curiosidade interessante, segundo Käser: “grupos que caçam e pescam são, de preferência, organizados patrilinearmente, assim como agricultores e criadores de gado. [...] Já os plantadores tem a organização matrilinear”.²⁶ Ainda, conforme ele, nas sociedades de organização patrilinear, os filhos são considerados “mantenedores da linhagem”.²⁷

1.1.2 Contribuições da sociologia

Em âmbito geral, diz-se que a sociologia trouxe uma significativa contribuição para a interpretação do Antigo Testamento. Segundo Mayes, além das já conhecidas contribuições weberianas, como os seus estudos sobre o Judaísmo antigo e as ideias elencadas por Alt (o aspecto carismático e a cidade-Estado de tipo ideal) e em Noth (a ideia de Israel como comunidade de juramento), os estudos veterotestamentários sofreram contribuições da tradição de Durkheim, tanto em Causse (que se interessou pela transição da sociedade coletiva para o individualismo) quanto com Gottwald (em sua compreensão sociológica do Israel pré-monárquico).²⁸

Todavia, não foi possível encontrar nada mais específico ou relevante que dissesse respeito à pesquisa sobre a primogenitura e seu direito. A não ser, ao se levar em consideração a pesquisa apresentada na Revista Galega de Economia; na

²⁴ LABURTHE-TOLRA, 2010, p. 109.

²⁵ LABURTHE-TOLRA, 2010, p. 108.

²⁶ KÄSER, Lothar. *Diferentes culturas: uma introdução a etnologia*. Tradução de George Albert Fuchs. Londrina: Descoberta, 2004. p. 101.

²⁷ KÄSER, 2004, p. 107.

²⁸ MAYES, Andrew D. H. *Sociologia e Antigo Testamento*. In: CLEMENTS, R. E. (Org.) *O Mundo do Antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995. p. 48-55.

qual um grupo de economistas apresentam uma análise sobre o critério de eleição do sucessor nas empresas familiares.

Segundo Usmanne e Cabrera, por muito tempo estas empresas familiares adotaram o critério de passar a sucessão ao filho primogênito, simplesmente por ser mais cômodo.²⁹ Embora tenha havido um grande tempo em que esta tradição tenha imperado, o critério de primogenitura tem estado em retrocesso.³⁰ Ultimamente a capacitação do sucessor tem tido maior importância do que a ordem de seu nascimento, apesar de ainda se olhar apenas para os sucessores do gênero masculino.³¹ Entretanto, a decisão final continua sendo daquele que detém o poder administrativo daquela determinada empresa familiar.³²

1.1.3 Contribuições da psicologia

No geral, muitos autores mencionam a existência de certo tabu quanto à figura do filho único ou do primogênito. Por exemplo, culturalmente fala-se que a ordem de nascimento altera a personalidade dos indivíduos,³³ ou que a falta de irmãos “pode interferir no desenvolvimento intelectual, da personalidade e na adaptação ao convívio social [e ainda, quando] o filho único recebe excessiva atenção, amadurece mais rápido, torna-se egoísta, exigente, dependente e

²⁹ USMANNE, 1996 e CABRERA, 1998 apud ROIBAL, Suzana Barbeito, et al. *El criterio de elección del sucesor en las empresas familiares Gallegas*. Revista Galega de Economía, Santiago de Compostela, año 15, n. 2, p. 1-16, 2006. p. 5. Disponível em: <http://buscador.periodicos.capes.gov.br:80/V/RC5RBIGSMQSB7LAH5C2N5VK782CY8DHBBJF2JETMRICIYB3QIX-27067?func=full-external-exec&doc_number=082087051&line_number=0014&service_type=TAG%22www.doaj.org/doaj?func=fulltext&passMe=http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=39115205>. Acesso em: 24 mar. 2011.

³⁰ ROIBAL, 2006, p. 6.

³¹ ROIBAL, 2006, p. 7.

³² ROIBAL, 2006, p. 9.

³³ BERNARDOS, M. L. Sanches, et al. *Orden de nacimiento y apoyo parental: su papel en La orientación interpersonal de los adolescentes. Um estudio preliminar*. In: CLÍNICA Y SALUD. [S.l.], vol. 18, n. 1. p. 9-21, 2007. p. 11. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br/sfxIcl3?sid=metalib:L_SCIELO&id=doi:&genre=&isbn=&issn=1130-5274&date=2007&volume=18&issue=1&spage=9&epage=21&auiast=S%C3%A1nchez%2DBernardos&aufirst=&aunit=&title=Cl%C3%ADnica%20y%20Salud&atitle=Orden%20de%20nacimiento%20y%20apoyo%20parental%3A%20su%20papel%20en%20la%20orientaci%C3%B3n%20interpersonal%20de%20los%20adolescentes%2E%20Un%20estudio%20preliminar&sici=&__service_type=&pid=<metalib_doc_number>013248644</metalib_doc_number><metalib_base_url>http://svrperiodicos2.periodicos.capes.gov.br</metalib_base_url><opid></opid>>. Acesso em: 26 mar. 2011.

Estes desvios de conduta deram-se, em sua grande maioria, em primogênitos com idade entre 18 a 36 meses. Pois, como observado, conforme a criança vai crescendo, há uma grande capacidade adaptativa, ou seja, as maiores demonstrações de qualquer tipo de hostilidade ou comportamento aconteceram nos primeiros meses de nascimento do segundo filho.³⁸

Ainda, segundo Kramer e Ramsburg, as crianças de até 6 anos tendem a mostrar maior dificuldade com a vinda do segundo filho. Enquanto que “crianças relativamente mais velhas possuem habilidades sociais e cognitivas mais bem desenvolvidas que lhes permitiriam entender e tolerar melhor algumas mudanças familiares neste momento de transição”.³⁹

1.1.3.2 Adolescentes e jovens

Conforme Bernardos, os efeitos causados pela ordem de nascimentos na fase da adolescência e juvenil são bem sutis e são, geralmente, atenuadas mediante a outras variantes.⁴⁰ Uma dessas variáveis foi a constatação de que o grande influenciador das atitudes dos adolescentes pesquisados não foi se eram primogênitos ou nascidos depois, nem tão pouco se eram masculinos ou femininos. Porém, os adolescentes que conseguem perceber que são bem quistos e cuidados pelos pais conseguem ter mais consideração com os outros, são respeitosos, possuem autocontrole no que diz respeito aos relacionamentos sociais, sendo muito mais animados, entusiasmados, com mais disposição e interesse pelas coisas em geral.⁴¹ Entretanto, quando faltou o apoio familiar, os primogênitos conseguiram sobressair-se melhor, e, quando o apoio parental é moderado, os filhos nascidos

oc_number>085601988</metalib_doc_number><metalib_base_url>http://svrperiodicos2.periodicos.ca pes.gov.br</metalib_base_url><opid></opid>. Acesso em: 24 mar. 2011.

³⁸ PICCININI, 2007, p. 258.

³⁹ KRAMER e RAMSBURG, 2002 apud PICCININI, 2007, p. 260.

⁴⁰ BERNARDOS, 2007, p. 11,12.

⁴¹ BERNARDOS, 2007, p. 18.

depois mostraram-se mais agressivos e com tendências a transgressão de normas.⁴²

Da mesma forma, Fuchs, consegue detectar poucas diferenças entre os primogênitos, o filho único e aqueles que nasceram depois. Sua pesquisa também foi com adolescentes e mostra que: quando se trata de filhos únicos, o desempenho escolar mostrou-se um pouco melhor. Constatou-se uma menor exposição ao álcool, um bom relacionamento com seus pais e, principalmente, maior tempo em contato com o mundo virtual (internet e jogos). Porém, não se encontrou nenhuma diferença significativa em questões de maturidade, práticas esportivas e interação social (amigos), como geralmente seria de se esperar.⁴³

1.1.3.3 Ponderações finais

Embora não haja diferenças marcantes quanto à personalidade, pode-se concordar com Piccinini, quando afirma:

[...] o nascimento de um segundo filho traz consigo a necessidade de adaptações constantes por parte de toda a família, constituindo-se em um evento potencial para mudanças em cada um dos membros familiares e em suas relações intrafamiliares.⁴⁴

Além disso, conforme Rizzardi, se essas adaptações não se derem de forma sadia, podem colaborar, e muito, com a imaturidade afetiva dos filhos, e isso não terá relação com a ordem de nascimento, mas com a forma com que o “sistema emocional familiar”⁴⁵ for gerenciado na vida dos filhos. Dentro dessa mesma questão, para Miermout, “o vínculo fraterno se constitui, teoricamente, em um dos vínculos que mais tem o poder emocional de modelar a história dos relacionamentos futuros com outras pessoas”.⁴⁶

⁴² BERNARDOS, 2007, p. 18,19.

⁴³ FUCHS, 2004, p. 22,23.

⁴⁴ PICCININI, 2007, p. 255.

⁴⁵ RIZZARDI, Karine. *Características de personalidade do primogênito, filho do meio e caçula e suas influências ao longo da vida*. In: PRÁXIS EVANGÉLICA. Londrina: FTSA, v. 1, n. 16, p. 101-115, 2010. p. 102.

⁴⁶ MIERMOUT, 1994 apud RIZZARDI, 2010, p. 102.

Curiosamente, segundo Leman, esta influência fraterna é tão forte que, na grande maioria das vezes, o tratamento diferenciado que os pais dão aos filhos, estereotipando-os como primogênito, do meio ou caçula, “estão quase sempre relacionados com a vivência dos pais no seio da própria fratria de origem deles”.⁴⁷

Quanto às diferenças existentes entre os filhos, segundo Rizzardi, pode-se destacar que o primogênito, geralmente:

[...] é o depositário de todas as expectativas realizadas e não realizadas dos pais [...] é um bom observador e na fratria ele tem a função essencial de manter a memória familiar [...] anda e fala mais rápido que os outros, [tem um] alto nível de responsabilidade, recebe o compromisso de manter o legado da família, não questiona regras familiares e aguenta qualquer carga de pressão [...] em geral, o primogênito é empreendedor, tem a tendência de fazer tudo certo, é confiável, perfeccionista, consciente, perspicaz, conservador, provedor, geralmente metódico e controlado e organizado com aquilo que lhe interessa.⁴⁸

Quanto aos caçulas, esta mesma autora, citando vários outros pesquisadores, afirma que:

[...] é provável que tenha uma aparência desamparada, seja manipulador, charmoso e mui hábil em conseguir que os outros façam as coisas por ele. O filho mais novo é especial porque seu nascimento marca o fim da linha [...] o caçula sempre é um intruso, no sentido etimológico, não pejorativo: ele penetra na vida do outro e sempre vai ‘sempre a mais’ [...] tende a ser mais desprezado dos valores familiares [...] faz movimentos de quebra das regras impostas pela família [...] não se importa em ser o centro das atenções, pois geralmente, é capaz de compensar qualquer desconhecimento com charme [...] possuem uma tendência de chamar a atenção e querer as coisas de seu jeito.⁴⁹

Outro dado bastante interessante, demonstrado por Rizzardi, menciona que acima da idade, é o reconhecimento dos irmãos que “determina” quem desempenhará o papel de primogênito, do meio ou de caçula. Ou seja, “não é porque um filho nasceu primeiro que representará o papel do mais velho, pois a ordem de nascimento nem sempre equivale à função desempenhada pela família”.⁵⁰ Assim, volta-se a mencionar a importância de não se estereotipar tais diferenças, respeitando as características da individualidade de cada filho.

⁴⁷ LEMAN, 2001 apud RIZZARDI, 2010. Para este autor, fratria é uma formação grupal a partir dos vínculos de irmandade. Ou seja, os irmãos vivem aglutinados sob a liderança de um deles, em geral o mais velho.

⁴⁸ RIZZARDI, 2010, p. 106,107.

⁴⁹ RIZZARDI, 2010, p. 110,111.

⁵⁰ RIZZARDI, 2010, p. 114.

1.2 Definições bíblicas

Como mencionado anteriormente, a palavra portuguesa primogênito tem duas correspondentes no hebraico: בְּכוֹר (bekhor), geralmente usada para referir-se ao primeiro filho em relação ao pai e פֶּטֶר (peter) sempre com referência à sua mãe.

Embora Oswalt diga que a raiz Bekhor (בְּכוֹר – primogênito) apareça 158 vezes no total, com a ideia de “levantar, ser primeiro, vir antes”,⁵¹ a concordância hebraica de Lisowsky só relata 128 ocorrências,⁵² e Selms ainda a vê com o sentido de “chegar cedo”, dizendo que o primogênito “era considerado ‘primícias do vigor’ paterno, o clímax de seu poder (sexual e geral)”.⁵³ Enquanto para Koehler, é o termo utilizado para designar o filho mais velho.⁵⁴ Para Tsevat, além do grande número de formas verbais,⁵⁵ não foi possível encontrar uma correspondente, a partir da mesma raiz, na Antiga Mesopotâmia.⁵⁶ Ainda, segundo ele, Bekhor acaba assumindo o sentido de excelente e “a lei da primogenitura não é nada além do que uma expressão de preferência pelo filho mais velho, especialmente se for homem”.⁵⁷

Para a correspondente Peter (פֶּטֶר), segundo Gancho, primogênito é aquele que “abre o selo”.⁵⁸ Segundo Hamilton, esta designação aparece apenas seis vezes e todas no livro de Êxodo, podendo referir-se tanto aos primogênitos de animais quanto ao de pessoas. Seu uso principal diz respeito exclusivamente ao “conceito

⁵¹ OSWALT, John N. *Bakar*. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 181.

⁵² LISOWSKI, Gerhard. *Konkordanz zum Hebraeische Alten Testament*. Stuttgart: Privileg, 1958. p. 230-231.

⁵³ SELMS, In: DOUGLAS, 1995. p.1314.

⁵⁴ KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. *The hebrew and aramaic lexicon of the Old Testament*. Translated by M. E. J. Richardson. Leiden, Brill: 1994. v. 1. p. 131.

⁵⁵ “Muitas formas verbais derivam da raiz bkr: o piel, ‘colher fruta nova’ (hebraico médio ‘amadurecer primeiro’, ‘dar a luz pela primeira vez’); ‘reconhecer (legalmente) como primogênito’; o pual, ‘pertencer a Yahweh como primogênito’; e o hiphil, ‘dar a luz pela primeira vez’. Um grande número de substantivos vem desta raiz: *bekhorah*, ‘posição de primogenitura’ (o ‘primogênito’ é chamado *bekhirah*); *bekher*, o ‘jovem camelo’; *bikhrah* ‘jovem burro’ (a luz do contexto de Jr 2:23f e do acádio *bakru*, ‘abundância de burros’, é uma justificativa forçada pra traduzir *bekhrah* como ‘camelo fêmea’; *bikkurah* ‘primeiros frutos’; e *bikkurim* ‘primícias’. Ainda três ou quatro substantivos próprios derivam desta raiz, normalmente benjamitas.” Trecho traduzido de TSEVAT, Cincinnati M. *Bekhor*. BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Translated by John T. Willis. Grand Rapids: William B. Eerdmans. 2000. v. 2. p. 121-122.

⁵⁶ Nessa região, há o uso predominante de duas outras palavras: “*Ibila* pode significar ‘primogênito’ ou ‘primeiro filho que herdou a herança’. *Maru* (ou *ahu ou rabû*) ‘grande filho mais velho (irmão)’ [...] As duas expressões também aparecem em combinação (*aplu rabû*)”. Conforme TSEVAT, In: BOTTERWECK, 1974, p. 123.

⁵⁷ TSEVAT, In: BOTTERWECK, 1974, p. 126.

⁵⁸ GANCHO, In: DIEZ-MACHO, 1963. v. 5. p. 1256.

cultural que atribui responsabilidades especiais ao primogênito de sexo masculino da linhagem materna”.⁵⁹ Porém, conforme Lisowski, este vocábulo aparece oito vezes em Êxodo, duas em Números e uma vez em Ezequiel, perfazendo um total de 11 aparições.⁶⁰

Etimologicamente, diz Niehr:

Na discussão da origem do verbo *patar*, nós podemos citar o verbo acádio *pataru*, “soltar” e o substantivo *iptiry* “resgate”. No acádio o termo *pataru* tem o sentido de livre. Em outros momentos, como no hebraico *peter rehem*, estudiosos afirmam que o sentido é “saído” (do útero) com referência ao primogênito. Stamm rejeita esta interpretação. Mas no hebraico o verbo *patar* pode ser usado como um termo técnico na base do significado “saído”. Também há citações no Árabe: *fatar*, “saído”. No hebraico *peter rehem*, “saído do útero”, pode ser usado dependendo do contexto. A diferença do acádio *pataru*, “livre”, dificulta o substantivo *patrum* “vazio” e o significado verbal “fugir” do hebraico *pattar*. A raiz *ptr* parece em ugarítico com variações na escrita *ptr/btr/pzr*. É usado, por exemplo, na expressão *btr bd mlkt*, “isento do serviço, de atendimento a rainha”; significa também “extirpar”. Nos tabletas El Amarna, o verbo *pataru* é usado com o sentido de “livre, partir” ou “rendimento”. Segundo Lidzbarski, se refere à condição de solto ou liberto da escravidão. Um PN *ptr* é também encontrado. No aramaico imperial nós encontramos o verbo *ptr* com o sentido de separado. Beyer lista o verbo com o sentido de “remover, partir” junto com o substantivo *ptr* “perda” e um segundo substantivo *ptweryn* “separado”. (Tradução nossa)⁶¹

Ao contrário, *Bekhor* (בְּכוֹר – primogênito) tinha um “conceito sociolegal que atribui uma posição especial ao primogênito de sexo masculino da linhagem paterna”, embora também possa ser usado de forma mais ampla.⁶² Acima de tudo, conforme defende Gancho, a primogenitura tinha uma conotação muito mais forte com o fato de ser o primeiro a existir e não tanto ao fato de ser o primeiro de uma série. A “grandeza” estava no caso de não ter existido nenhum outro antes.⁶³

⁵⁹ HAMILTON, Victor P. *Patar*. In: HARRIS, 1998, p. 1211 e1212. Por “linhagem materna” entenda-se, o nascimento sendo referenciado a partir de sua mãe, ou seja, no caso de um homem ter mais de uma esposa, neste sistema ele teria mais de um primogênito. Um primogênito para cada esposa. Pois a ideia não seria valorizar o primeiro a ser gerado pelo pai, mas o primeiro a sair da mãe. Esta ideia, embora possa parecer estranha, ela está mais vinculada aos sacrifícios de animais, aonde não haveria dificuldade alguma de compreensão.

⁶⁰ LISOWSKI, 1958. p. 1153.

⁶¹ NIEHR, Würzburg H. *Patar*. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. 2. Translated by John T. Willis. Grand Rapids: William B. Eerdmans. 1974. p. 529-530. Tradução pessoal.

⁶² HAMILTON, In: HARRIS, 1998, p. 1212.

⁶³ GANCHO, In: DIEZ-MACHO, 1963, p. 1256.

Quanto ao direito de primogenitura,⁶⁴ eram certos privilégios concedidos ao primeiro filho. Enquanto o pai estava vivo, o primogênito era o preferido dentre os irmãos. Quando o pai morria, recebia porção dobrada na herança e se tornava o chefe da família (o cabeça da casa).⁶⁵ Gancho deixa ainda mais claro dizendo que, além de preferido, o filho mais velho representava os demais irmãos diante de seu pai.⁶⁶ Além disso, segundo Oswalt, ela se refere à primazia recebida no tratamento, em outras palavras, às “reivindicações legais do filho mais velho”.⁶⁷

Pode-se dizer que primogênito era aquele que via primeiro a luz. Mas isso estava restrito ao gênero masculino, pois embora houvesse casos de mulheres mencionadas como nascidas por primeiro (como as filhas de Ló e as filhas de Labão: Lea e Raquel, respectivamente, em Gn 19.30-38 e 29.26), a primogenitura para os israelitas era referenciada somente quanto ao filho, com a única distinção entre o fato de ser o primogênito do pai ou da mãe. Isto, provavelmente, levado pelo costume de poliginia ou poligamia das culturas primitivas, em que um marido poderia ter, respectivamente, uma esposa principal e uma ou mais escravas ou mais de uma esposa (o que não poucas vezes gerava conflitos).

Quanto ao uso, *Bekhor* (בְּכוֹר – primogênito) e seus correlatos é mais utilizado ao longo das escrituras veterotestamentárias, embora haja uma concentração considerável no Pentateuco, enquanto *Peter* (רִאשִׁית – primogênito) se restringe apenas ao livro de Êxodo. Segundo Kittel, das 130 aparições do correlato grego a *Bekhor* (πρωτότοκος – *protótokos* – primogênito) encontrados na LXX, a grande maioria localiza-se nos cinco primeiros livros (74 vezes) e em I Crônicas (29 vezes).⁶⁸

⁶⁴ Aqui será visto algo mais relacionado com a definição. Outros detalhes pertinentes a este termo e sua aplicação serão melhores elaborados mais adiante quando for tratado sobre os costumes da família hebraica na antiguidade.

⁶⁵ DE VAUX, 2003. p. 64.

⁶⁶ GANCHO, In: DIEZ-MACHO, 1963. p. 1256.

⁶⁷ OSWALT, In: HARRIS, 1998, p. 181.

⁶⁸ KITTEL, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1972-1976. p. 872.

1.3 Cultura familiar hebraica

Para uma maior compreensão do papel do primogênito, no Antigo Testamento, optou-se em averiguar alguns detalhes de sua família e costumes. Assim, será analisado como ela era composta, como e por quem era exercido o poder de comando, como eram tratadas as questões relacionadas à partilha da herança, entre outros.

1.3.1 *Composição da família hebraica na antiguidade*

A cultura familiar no período veterotestamentário era um tanto diferenciada da que se tem hoje, algo mais individualizado. A casa do pai, como era comumente chamada, era uma aglomeração de familiares até a quarta geração.⁶⁹ Esta família estendida poderia ser composta apenas através de laços sanguíneos ou pela economia comum,⁷⁰ sendo composta por parentes, visitantes permanentes e/ou escravos, que moravam todos num mesmo ambiente e tinham colaboração ativa nos trabalhos do dia-a-dia.⁷¹ Por fim, a palavra pai não era usada apenas no âmbito biológico, mas também de forma jurídica, designando aquele que alimentava e protegia (podendo se enquadrar sobrinhos, irmãos, filhos adotivos e até mesmo escravos); todavia sua responsabilidade primeira era para com a (s) esposa (s) e os filhos e filhas.⁷²

Deve-se tomar cuidado para não associar família numerosa com família extensiva. Embora esta tivesse a naturalidade de envolver inúmeros membros,

⁶⁹ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. Tradução de Antônio Steffen. 1. ed. rev. e atual. São Paulo: Hagnos, 2007. p. 255.

⁷⁰ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos: dos primórdios até a formação do Estado*. 4. ed. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006. 1. v. p. 177.

⁷¹ GERSTENBERGER, Erhard S. *Casa e casamento no Antigo Testamento*. In: ESTUDOS TEOLÓGICOS. n. 42, 2002. p. 84.

⁷² MATTHEWS, Victor Harold. *Social world of ancient Israel 1250-587 BCE*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1995.

segundo Laburthe-Tolra, poderia ser composta por apenas quatro corresidentes, desde que pertencentes às três gerações mencionadas acima.⁷³

Nos casamentos primitivos, prevalecia a poliginia: a possibilidade de o homem ter concubinas como esposas secundárias ao lado da esposa principal; embora desde muito cedo já houvesse casamentos monogâmicos.⁷⁴ No entanto, a monogamia vai se consolidar mesmo no final da era veterotestamentária, e era no casamento que se davam os títulos de esposa ou concubina.⁷⁵ No caso de Jacó e suas esposas, por exemplo, é ele quem decide “o status e o lugar que cada uma delas tem dentro da sociedade”.⁷⁶

Quanto à divisão de tarefas, cabia às mulheres a responsabilidade mais importante do grupo: o papel da procriação, o cuidado do menino até o desmame e da menina até o dia do casamento. Ainda, sem muitas comprovações, eram as especialistas ou propagadoras dos cultos dedicados aos grupos familiares. Aos homens pertencia o dever da proteção da casa, da educação dos filhos a partir do desmame, das negociações dos casamentos das filhas e das iniciativas quanto aos cultos envolvendo sacrifícios locais ou regionais. Já no que dizia respeito à área de produção, ambos dividiam entre si as tarefas.⁷⁷ Assim, pela necessidade de mão de obra e como resposta à crise demográfica, havia o desenvolvimento de ajuda mútua entre homens e mulheres.

Segundo Matthews, as mães deveriam gerenciar a casa, supervisionando a produção doméstica, racionando e preparando a comida, produzindo e armazenando a cerveja, os grãos e vegetais, bem como mediar os conflitos domésticos.⁷⁸

O pai da casa, como chefe, determinava quem e quando participaria dos trabalhos ou das guerras. Nessa distribuição das tarefas, além das mulheres, como já mencionado, também participavam as crianças e os escravos.

⁷³ LABURTHE-TOLRA, 2010, p. 107.

⁷⁴ THIEL, 1993. p. 33.

⁷⁵ MATTHEWS, 1995, p. 13,14.

⁷⁶ LÓPEZ, Maricel Mena. *Rebeca e a bênção de Jacó: engano ou cumprimento profético?* In: KAEFER, José Ademar; JARSCHER, Haidi. Org. *Dimensões Sociais da fé do antigo Israel: uma homenagem a Milton Schwantes*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 39.

⁷⁷ GERSTENBERGER, 2002, p. 85,86.

⁷⁸ MATTHEWS, 1995, p. 22.

1.3.2 *Patria potestas*⁷⁹

Como esboçado anteriormente, o agrupamento familiar no Antigo Oriente Médio possuía certa supremacia na linha paternal e, segundo Gerstenberger, pode ser definido como: patrilinear (a herança e descendência eram passadas de pai para filho), patrilocal (a mulher ia morar com a família do noivo) e patriarcal (o ancestral era a figura principal do grupo, o responsável pelas deliberações).⁸⁰ Em outras palavras, a decisão final passava pelo homem, ou melhor, pelo pai ou ancestral responsável pelo grupo.

Para Crüsemann, “o pai de família tinha um poder praticamente ilimitado sobre seus filhos. No tempo anterior ao Deuteronômio, não havia qualquer controle público sobre ele”.⁸¹ Diante disso, ele vê nas leis deuteronômicas uma grandíssima contribuição para a história do direito, as quais trazem uma “segurança jurídica, antes desconhecida”.⁸²

Assim, na sociedade veterotestamentária, a família estava sob a *patria potestas*.⁸³ O representante da casa exercia o domínio sobre os seus membros. Essa atitude se evidencia principalmente no período monárquico quando é possível encontrar um patriarcalismo mais exacerbado, tornando a atuação e até mesmo a menção às mulheres cada vez mais esporádicas e sem tanta relevância, diferentemente dos primórdios, quando a despeito da casa ser uma “instituição masculinizada” onde o pai ou seu sucessor é que possuía proeminência, às vezes era chamada de “casa da mãe” (Gn 24.28, Rt 1.8) e ainda havia certas decisões que eram tomadas pelas mulheres. Todavia, segundo Donner, esses indícios ou

⁷⁹ Não obstante esta nomenclatura ter um surgimento tardio, sendo definida e difundida a partir do período romano, optou-se mantê-la aqui, mesmo que num uso anacrônico. Isso porque a prática na antiguidade já era bastante similar à época quando foi devidamente registrada. Ainda, teve-se o cuidado de ler dois materiais acerca do assunto: ALTAVILA, Jayme de. *Origem dos direitos dos povos*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. 224p. e CASTRO, Flávia Lages de. *História do direito: geral e Brasil*. [S.l.]: Lumen Juris, 2010. 570p. Porém, não se achou nada mais relevante, nem elucidativo, em ambos os autores.

⁸⁰ GERSTENBERGER, 2002, p. 83.

⁸¹ CRÜSEMANN, Frank. *A Tora: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Tradução de Haroldo Reimer. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 353.

⁸² CRÜSEMANN, 2004, p. 352.

⁸³ DONNER, 2004, p. 179.

vestígios de uma possível dominação feminina são insuficientes para a demonstração de um matriarcado original.⁸⁴

Outro aspecto, no mínimo curioso, quanto a essa “oscilação” entre pai e mãe, encontra-se na diferença de definição entre *Bekhor* (בְּכוֹר – primogênito, que se refere principalmente ao primogênito do pai, indicando mais o aspecto legal) e *Peter* (פֶּטֶר – primogênito, como menção ao primeiro a romper o selo, e conseqüentemente, fazendo alusão ao primogênito da mãe, sendo aplicado mais no âmbito cultural). Ou seja, se um homem fosse casado com várias mulheres e tivesse filhos com cada uma delas, ele teria “vários primogênitos”. O primeiro filho a ser gerado por ele teria o direito de primogenitura, enquanto que o primeiro filho de cada esposa tinha a sua importância no âmbito cultural, pois deveria ser resgatado. Isto, aparentemente, levaria a um “conflito” entre patrilinearidade e matrilinearidade.

Provocando ainda mais a discussão, nesta indefinição toda, no que diz respeito à representatividade dentre os irmãos, Wolff defende a ideia de um tipo de “fratriarcado”, como no caso de Labão (que curiosamente ao lado do pai, é quem acerta os detalhes do casamento de Rebeca (Gn 24.29ss) ou no caso de Judá (ou melhor, Simeão e Levi),⁸⁵ que não acatam e agem de forma independente às decisões de Jacó quanto ao casamento de Diná com Siquém (Gn 34.11-12), ou ainda, conforme Gn 4.22 e 36.22 (que mencionam a irmã de alguém e não a ligação com seu pai). Este ‘domínio dos irmãos’ se dava principalmente com a morte prematura do patriarca, quando os irmãos assumiam a subserviência a um irmão, geralmente o mais velho.⁸⁶

Não obstante, a palavra final era do patriarca. Eles retinham o poder de vender seus próprios filhos como escravos (Ex 21.7), embora não pudessem entregar suas filhas à prostituição (Lv 19.29), e ainda poderiam sentenciar alguém de sua família à morte (Gn 38.24).

Embora o ancestral exercesse esse poder de vida ou morte sobre os de sua casa, podendo usar de força na administração dela, não eram déspotas e nem se esperava crueldade por parte deles. Ao exercer sua autoridade, representavam o criador nas funções de alimentador e protetor.⁸⁷

⁸⁴ DONNER, 2004, p. 179.

⁸⁵ O autor faz referência indevida a Judá; pois os irmãos que se mostram à frente dos interesses de Diná são Simeão e Levi. Todavia, isso não diminui em nada sua contribuição sobre o fratriarcado.

⁸⁶ WOLFF, 2007, p. 284.

⁸⁷ MATTHEWS, 1995, p. 10.

1.3.2.1 Filiação, adoção e desadoção

Desde os princípios da cultura hebraica, era dado ao pai o direito de acolher o filho para a casa ou de rejeitá-lo (Gn 19.8, Jz 19.24). Quando escolhia a rejeição, a parteira levava a criança para o campo para que fosse adotada por alguém (Ez 16.3-5). No caso da esposa ser estéril, poderia adotar um escravo para dar continuidade ao legado ou então, o que era mais comum, uma concubina ou serva gerava um filho em nome da esposa principal.⁸⁸ De Vaux diz que os israelitas viam na esterilidade “uma provação ou um castigo da mão de Deus, uma vergonha da qual Sara, Raquel e Lea procuram livrar-se adotando o filho que seu marido gerara com sua escrava”.⁸⁹

Adoção, assim como hoje, era o reconhecimento que um homem ou uma mulher poderiam fazer em benefício de uma pessoa que não fosse de seu sangue, reconhecendo-a como filho ou filha, com todos os direitos e deveres perante a lei. Essa prática é muito antiga e tinha por finalidade ajudar os pais nos trabalhos, na velhice, na ausência de filhos consanguíneos,⁹⁰ e conseqüentemente na administração dos bens familiares deixados pelo falecido.

Outro fator deveras importante é o fato da continuidade da família.⁹¹ Porque, com a falta de filhos, “o nome da família deixava de existir”.⁹² Era comum a crença de que os pais “continuavam vivendo nos filhos [...] quando a mulher não podia ter filhos, isso era considerado uma maldição de Deus, porque significava praticamente a extinção da família”.⁹³ Então, segundo Thiel, após “um ato de reconhecimento oficial”, o casal poderia adotar um filho, e este filho legitimado participaria da herança.⁹⁴

Para Archer⁹⁵ e Schultz,⁹⁶ após o nascimento de um filho legítimo, o pai

⁸⁸ Como nos casos de Sara com Ismael (Gn16.2), Raquel com Dã e Naftali (Gn 30.3-8), e também Lia com Gade e Aser (Gn 30.9-13).

⁸⁹ DE VAUX, 2003, p. 64.

⁹⁰ DE VAUX, 2003, p. 74.

⁹¹ THIEL, 1993, p. 34.

⁹² COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Tradução de Myriam Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1991. p. 85

⁹³ GOWER, Ralph. *Usos e costumes dos tempos bíblicos*. Tradução de Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 61.

⁹⁴ THIEL, 1993, p. 33.

⁹⁵ ARCHER, Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento? Panorama e introdução*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1979. p. 190.

poderia usar da prática de desadoção, como no caso de Abraão e Eliézer, tendo inclusive paralelo com os textos de Nuzu.

1.3.3 Transferência de bênção

Era comum, quando o patriarca percebia que seus dias estavam chegando ao fim, chamar seu sucessor e abençoá-lo. Assim, “o patriarca Isaac decide abençoar o seu filho primogênito Esaú para transferir-lhe, de maneira simbólica, a chefia da família, tanto na ordem social como religiosa”.⁹⁷

Este momento, no qual a bênção era impetrada, considerava-se de sublime importância, pois abençoar ou amaldiçoar alguém, segundo Thiel, era visto como a capacidade de conceder ou subtrair força de vida.⁹⁸ Ainda, conforme Motyer, “a família patriarcal era a administradora da bênção do senhor para o mundo”.⁹⁹

López ainda diz que nos adendos posteriores do capítulo 27 de Gênesis, oriundos da reelaboração do texto, há a ideia de que Deus é a fonte da bênção, porém, ao observar a estrutura mais enxuta há “um material que deixa reconhecer a bênção como era entendida originalmente[:] como uma substância eficaz em si mesma, em que o moribundo passa ao filho sua própria força vital”.¹⁰⁰

Certamente, diante de uma cultura tão impregnada nesta concepção, um tanto mágica, é que se dá tanto valor à palavra proferida. Como no exemplo deixado por Isaque, que, ao perceber que havia abençoado o filho “errado”, simplesmente lamenta e se estremece, mas não abençoa a Esaú, pois, como se cria, sua força vital já passara a Jacó.

⁹⁶ SCHULTZ, Samuel J. *A história de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1998. p.34 413p.

⁹⁷ LÓPEZ, In: KAEFER, 2007, p. 33.

⁹⁸ THIEL, 1993, p. 81.

⁹⁹ MOTYER, J. Alec. *Jacó*. In: GARDNER, Paul (Ed.). *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 1999. p. 292.

¹⁰⁰ LÓPEZ, In: KAEFER, 2007, p. 45.

1.3.4 Herança e herdeiros

Para Thiel, na época dos semi-nômades primitivos de Israel não havia o costume de partilhar a herança devido à grande necessidade de unirem as forças para vencerem as dificuldades do dia-a-dia. Assim, as grandes famílias eram estruturadas de forma que tanto deveres e responsabilidades eram estruturadas pensando-se no bem coletivo e no senso de solidariedade. Por isso parece plausível o fato de os irmãos sujeitarem-se, costumeiramente, ao primogênito, porque, afora isto, só lhes restaria o isolamento e, conseqüentemente, a pobreza.¹⁰¹

A transmissão de propriedades acontecia através da linhagem masculina, embora houvesse a possibilidade da existência de herdeiras. Mas, segundo Thiel, com a morte do pai, o filho mais velho herdava o direito de administrar a família e seus patrimônios. Na falta de um filho da esposa principal, o filho de uma concubina assumia o comando, desde que fosse legitimado pelo pai.¹⁰² Possivelmente, “Abraão [sic] pode ter imaginado que essa era a maneira pela qual Deus lhe daria um herdeiro biológico, cumprindo suas promessas”.¹⁰³

Além disso, um escravo de confiança poderia ser escolhido para herdar os bens de alguém que não tivesse filhos (Gn 15.2,3).¹⁰⁴ Ou então, na fase de semi-nomadismo do Israel primitivo, “o patriarca podia, com autoridade própria, suspender a primazia do primogênito e designar outro filho para ser o chefe da família após a sua morte”.¹⁰⁵ Pois, naqueles tempos, mesmo que de forma arbitrária, a decisão paternal era a última palavra. O pai poderia, legitimamente, “suspender o direito do filho mais velho e transferir o direito da primogenitura a outro filho”.¹⁰⁶

Quanto à preferência de Jacó por José, López defende a ideia de que Lea não seria a mãe do verdadeiro herdeiro, por sua “inferioridade social” devido ao fato

¹⁰¹ THIEL, 1993, p. 31.

¹⁰² THIEL, 1993, p. 33.

¹⁰³ ARNOLD, Bill T.; BEYER, Bryan E. *Descobrendo o Antigo Testamento: uma perspectiva cristã*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001. p.95

¹⁰⁴ ARCHER, 1979. p. 190. Este autor também concorda com a ideia que Eliézer seria o filho adotivo de Abraão com todos os direitos legais.

¹⁰⁵ THIEL, 1993, p. 33.

¹⁰⁶ THIEL, 1993, p. 69.

de não receber o amor de seu esposo.¹⁰⁷ Contudo, não se encontrou mais nada que pudesse sustentar tal afirmativa.

1.4 Considerações finais

Como definição, afirma-se que primogênito é aquele que nasce primeiro. Embora, para algumas culturas haja distinção entre os filhos legítimos (geralmente gerados pela esposa principal) e os bastardos (os quais tomavam parte da herança, após legitimação), entre os israelitas diferenciava-se o primeiro filho do pai e o da mãe: no primeiro caso, abordando um aspecto mais jurídico-legal e, no segundo, mais cultural. Ou seja, se um homem fosse casado com mais de uma mulher, o primeiro filho homem a lhe nascer, seria o primogênito no sentido amplo da palavra, o qual deveria ser o sucessor da família, entre outras atribuições, e não poderia ser deixado de lado por algum tipo de preferencialismo a outro filho qualquer (Dt 21.15-17). Os demais filhos estariam numa certa ordem “hierárquica”; no entanto, o primeiro filho homem de cada esposa tinha a sua importância no sentido cultural devido à lei de consagração que declarava pertencente ao Senhor todo aquele que rompesse a madre (Ex 13.1).

No período patriarcal e subsequente, a família era chefiada pelo pai. Este tinha total direito sobre os de sua casa, definindo quem entrava e quem saía, além de delimitar as tarefas e o dia-a-dia do clã.

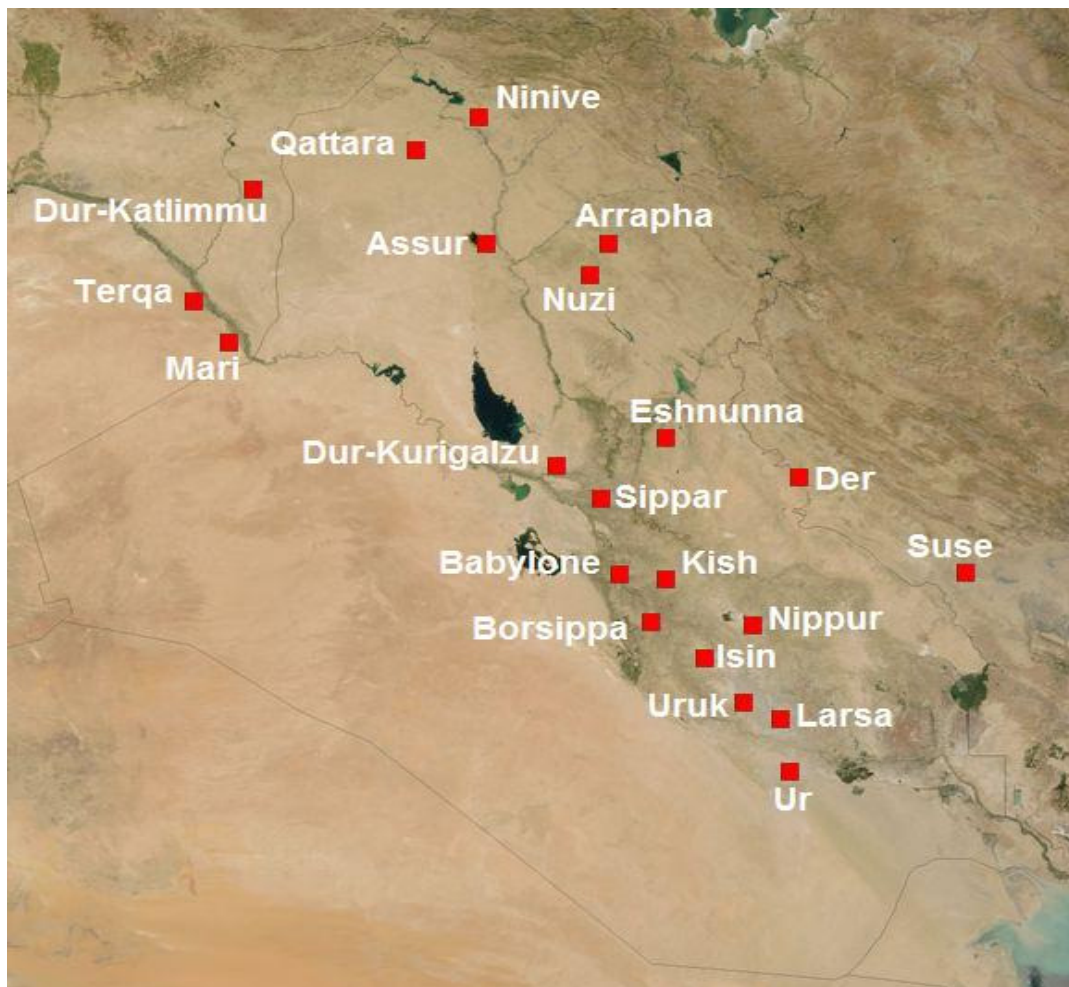
As heranças e o cuidado da família eram transmitidos de pai para filho, geralmente com a impetração de uma bênção de transferência. Costumeiramente, o primogênito é quem tinha a hegemonia, se bem que isto era muitas vezes alterado (por definição divina, como castigo por uma falta grave do filho mais velho, instigado pela preferência do pai ou da mãe e ainda com a participação dos próprios envolvidos).

¹⁰⁷ LÓPEZ, In: KAEFER, 2007, p. 33.

2 O DESTAQUE DOS PRIMOGÊNITOS

Esta seção apresenta os principais aspectos relacionados aos primogênitos. Tanto nas leis e costumes das principais culturas do Antigo Oriente próximo, como nas leis e narrativas bíblicas. A fim de se fundamentar a importância e/ou a participação dos mesmos.

2.1 Nas principais culturas do Antigo Oriente Próximo¹⁰⁸



Mapa 1 – Mesopotâmia no Segundo Milênio a.C.

Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Nuzi>>. Acesso em: 30 dez. 2010.

¹⁰⁸ Não foi possível localizar um mapa que contivesse todas as cidades mencionadas neste tópico. Porém, no Mapa 1, localizado na página 37, há várias delas, para se ter uma ideia de sua localização.

Como é de reconhecimento geral, as culturas da antiguidade não eram estanques, muito menos surgiram do nada. Assim, é salutar a tentativa de vislumbrar os principais aspectos das sociedades, vizinhas ou não, que possam lançar alguma luz ao tema em questão. Convém salientar também que, dado o tempo e o objetivo desta pesquisa, só serão analisados os dados que tenham uma relação mais direta ou que possam trazer alguma contribuição mais significativa.

Entre as culturas com possíveis contribuições aos povos nômades de Canaã, percebe-se os acádios, os sumérios, os egípcios, os babilônios, os beduínos seminômades e os próprios cananitas, com as sociedades de Ugarite e Alalake. Outras possíveis contribuições estariam nas leis de Lepit-Ishtar, porém nada foi encontrado a respeito. Semelhantemente, não averiguou-se nada relevante ao tema, nas culturas das cidades de Ur-Nammu e Alalake, bem como nas Leis de Eshnunna.

2.1.1 Leis acádias e sumérias

Os acádios e sumérios formam as civilizações mesopotâmicas mais antigas. Não obstante sua hegemonia em épocas diferentes, foram povoações que coexistiram, simultânea e respectivamente, no norte e no sul da Mesopotâmia por volta do terceiro milênio a.C.¹⁰⁹ Os principais códigos legais desta região foram os contratos de Nippur e Nuzu e as leis de Ur-Nammu.

Nippur foi uma importante cidade suméria, enquanto Nuzu o foi entre os acádios. Nos contratos destas cidades, havia indícios de similaridade com os costumes hebraicos referindo-se ao direito do primogênito sobre os demais irmãos e na liderança do grupo.¹¹⁰ Segundo de Vaux, tanto em Nuzu quanto em Mari, a lei protegia o direito do filho mais velho, independente dele ser filho de uma escrava ou da mulher amada.¹¹¹

Segundo Tsevat, há um documento, provindo de Mari, que afirma explicitamente a preeminência do primogênito naquela cidade e uma coleção

¹⁰⁹ LASOR, Willian. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Lucy Yamakamí. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 37-38.

¹¹⁰ GANCHO, In: DIEZ-MACHO, 1963, p. 1255.

jurídica, chamada Ana Ittishu, de Nippur, na qual se trata de injustiças cometidas contra os primogênitos. Ele também defende que o direito de primogenitura era praticado na cidade de Nuzu.¹¹² Todavia, nas pesquisas realizadas, não se chegou a informações mais precisas nem complementares a respeito.

2.1.2 Códigos legais babilônicos e assírios

Contenau consegue fazer um bom apanhado sobre os costumes assírios e babilônicos, porém, vez por outra ele não deixa claro uma distinção entre eles e, principalmente, deixa a desejar quanto à datação das informações prestadas.¹¹³ Mas, de forma geral, pode-se dizer que o homem não poderia ter duas esposas, embora pudesse tomar uma concubina, que seria sempre considerada como secundária, ficando em situação inferior.¹¹⁴ Os pais eram considerados senhores e proprietários dos filhos. Além dos filhos da esposa e da concubina, ainda poderiam adotar filhos alheios, e nessa adoção era conferido aos filhos adotivos “o direito de herança igual aos próprios filhos, mas nunca em detrimento destes”.¹¹⁵

Os pais poderiam romper o compromisso de adoção e devolver a criança para sua antiga situação. Em contrapartida, no caso de um filho adotivo renegar sua nova família, seria expulso de casa e, conseqüentemente, da sociedade.¹¹⁶

Quanto à escravidão, as escravas não eram nem um pouco consideradas. Além de seus trabalhos habituais, entregariam seus corpos aos seus compradores, sem qualquer ‘vínculo’. Se tivessem filhos, seriam escravos de seus senhores. Mas com a morte de seu amo, ambos, mãe e filhos, eram considerados livres. No entanto, quando uma mulher estéril comprava uma escrava, para por meio dela obter um filho e assim evitar que seu esposo escolhesse uma concubina, esta seria escrava apenas da esposa, pelo menos até que a criança nascesse.¹¹⁷

¹¹¹ DE VAUX, 2003, p. 77.

¹¹² TSEVAT, In: BOTTERWECK, 1974, 123-124;

¹¹³ CONTENAU, Georges. *A vida quotidiana na Babilônia e na Assíria*. Tradução de Leonor de Almeida e Alexandre Pinheiro Torres. Lisboa: Livros do Brasil, [19--]. 342p.

¹¹⁴ CONTENAU, [19--], p. 22.

¹¹⁵ CONTENAU, [19--], p. 22.

¹¹⁶ CONTENAU, [19--], p. 23.

¹¹⁷ CONTENAU, [19--], p. 26.

Segundo Tsevat, a partir de alguns documentos legais da Antiga Babilônia, os primogênitos usufruíam certos privilégios no que diz respeito à herança, mas somente na região central e sul.¹¹⁸

Também são da Babilônia o famoso código de Hammurabi e as cartas que ele escreveu em resposta às questões levantadas nas cercanias de seu império. Quanto às 153 cartas de Hammurabi (datadas entre 1792 – 1750 a.C.¹¹⁹), conhecidas até os idos de 1986, há apenas uma carta que faz menção sobre a questão de partilha. Nela, encontra-se a determinação do grande líder de que o campo que estava sob julgamento e que pertencera a uma determinada família, seria dividido em partes iguais entre os filhos e irmãos do funcionário falecido.¹²⁰ Outra constatação obtida nessas cartas foram as várias menções ao “campo do pai”, um forte indício de uma sociedade patriarcal.

Segundo Bender, o grande estadista Hammurabi viveu cerca de 200 anos após Abraão, sendo o rei mais extraordinário dentre os babilônicos.¹²¹ Seu código não se trata de “um livro de leis válido para todo o país, que todo juiz devia consultar e seguir em suas sentenças. Mas o seu valor moral é inestimável. Ele continuou objeto de estudo entre os escribas babilônicos”.¹²²

A respeito da temática em questão, o código de Hammurabi possui 11 artigos que legislam sobre o “sistema de filiação política”.¹²³ Em resumo, os filhos da esposa principal eram os herdeiros legítimos,¹²⁴ e, apesar da ampla autoridade cabível aos pais, estes não podiam deserdar os filhos por qualquer motivo. Diante de uma falta grave, o caso seria julgado pelos líderes da cidade, e, em caso de condenação, ainda era dada uma segunda chance ao filho, antes de sentenciá-lo com a deserdação. Em caso de esterilidade da esposa principal a família usaria a prática de adoção, conferindo aos filhos adotivos direitos legais quanto à herança.

¹¹⁸ TSEVAT, In: BOTTERWECK, 1974, p. 123.

¹¹⁹ BOUZON, Emanuel. *As cartas de Hammurabi: introdução, tradução do texto cuneiforme e comentários*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 26,29.

¹²⁰ BOUZON, 1986, p. 122.

¹²¹ BENDER, André Luís. *O código de Hammurabi e o Antigo Testamento*. In: VOX CONCORDIANA: SUPLEMENTO TEOLÓGICO, Vol. 10 No. 1. São Paulo: Instituto Concórdia, 1995. p. 43.

¹²² BOUZON, 1992 apud BENDER, 1995, p. 44-45.

¹²³ ALTAVILA, [s.d.] apud BENDER, 1995, p. 62. Ambos não explicitam o que pretendem dizer por “sistema de filiação política”, mas pelos contextos pode-se entender todo tipo de filiação, não somente àquela oriunda pelas vias normais do nascimento, como também as adoções convencionais (aquela que simplesmente acolhe uma criança e a insere no convívio familiar) e, ainda, as adoções “interesseiras”, no bom sentido da palavra (quando as crianças são adotadas por alguma razão ou com algum objetivo mais específico).

¹²⁴ BENDER, 1995, p. 41.

Essa adoção era efetivada com o ensinamento da profissão do pai e só seria revogada no caso de falta grave ou se o filho, quando crescido, não se adaptasse com a nova família.¹²⁵ Ainda, o código de Hammurabi não reconhece o direito de primogenitura, embora mencione a possibilidade do pai oferecer presentes ao seu herdeiro favorito.¹²⁶

Convém salientar que, segundo Bouzon, tanto as Leis de Eshnunna quanto o Código de Hammurabi são originários do norte babilônico, “onde a influência semita era marcante”.¹²⁷

2.1.3 Costumes jurídicos egípcios

No Egito Antigo, não havia algum código legal organizado. Porém o cuidado com o direito é bem percebido nos vários exemplos ou relatos deixados. Por exemplo, durante a quarta dinastia, houve uma grande evolução no direito (público e familiar), quando surgiu a ideia do primogênito, ao qual era dado a administração dos bens familiares. Quando este morria, as responsabilidades do ‘filho mais velho’, eram transmitidas ao irmão imediatamente mais novo. Mas as filhas não participavam dessa “disputa”.¹²⁸

Houve também um tempo em que as mulheres eram valorizadas, e quando um homem se casava com duas ou três mulheres ao mesmo tempo, seus filhos eram todos legitimados. Porém, durante o período da anarquia, “para que o filho fosse reconhecido pelo pai era preciso que fosse posto no mundo pela dona da

¹²⁵ BENDER, 1995, p. 62.

¹²⁶ BENDER, 1995, p. 64. Embora BALLARINI, Teodorico. *Pentateuco: introdução à Bíblia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis: Vozes, 1975. p. 111. indique o contrário, fazendo alusão a um herdeiro que seria superior aos filhos da esposa secundária, a partir da menção do artigo 170 e dando, ainda, a ideia de que os filhos da esposa secundária, automaticamente seriam encarados como filhos. Todavia, para BOUZON (1976, p. 77) o termo herdeiro deve ser usado no coletivo, ou seja, a herança era dividida em partes iguais, mas os filhos da esposa principal teriam o direito de escolher primeiro a parte que lhes interessasse e só depois é que os filhos da esposa secundária poderiam escolher suas respectivas partes. Ainda, por sua tradução, fica claro que o filho da segunda esposa só teria direito a esta parte igual da herança, se fossem declarados como filhos pelo pai, e não automaticamente ao nascerem.

¹²⁷ BOUZON, Emanuel. *As leis de Eshnunna: introdução, texto cuneiforme em transcrição, tradução do original cuneiforme e comentários*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 38.

¹²⁸ THÉODORIDÈS, Aristide. *O conceito de direito no Antigo Egito*. In: HARRIS, J. R. (org.) *O legado do Egito*. Tradução de Henrique Araújo de Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 307-308.

casa”. Ou seja, o marido até poderia ter mais de uma mulher, mas apenas uma delas seria a “oficial”, aquela que administraria a casa e, conseqüentemente, se responsabilizaria por gerar os herdeiros.¹²⁹

Segundo Manniche, normativamente o casamento era tido em alta estima e o concubinato, oficialmente visto com maus olhos. “Por outro lado existem evidências arqueológicas sugerindo que, contrariamente ao que os textos declaram como norma, um homem casado poderia ter uma concubina...”, independentemente se a esposa principal fosse estéril ou não.¹³⁰

Para Montet, a família no Egito era agrupada em torno do chefe. As crianças eram bem-quisitas, mas os meninos eram universalmente os preferidos.¹³¹ Entretanto, este autor não esboça nenhuma possível explicação para ambas as informações.

Segundo Roberts, a sociedade egípcia concedia muita autonomia e liberdade ao gênero feminino, em especial às mulheres da casta governante. Inclusive “muitas vezes o poder era transmitido pela linhagem feminina. Uma herdeira conferia ao marido o direito à sucessão; daí haver a preocupação com o casamento das princesas”. Estas, muitas vezes, eram dadas em casamento aos seus irmãos ou ao próprio pai, o faraó, com o intuito de “garantir a continuidade do sangue divino”.¹³²

Porém, a despeito da introdução do direito da primogenitura e seu uso como regra geral, poucas dinastias mais tarde, ele seria ignorado. Por volta de 2000 a.C. há um exemplo, citado por James, de um primogênito que se responsabilizara pelos negócios do pai, mas sem qualquer privilégio legal. Todos os filhos eram pagos conforme a produção que proporcionavam, independentemente do sexo ou da idade dos trabalhadores.¹³³ A partir da vigésima dinastia (por volta de 1800 a.C), passou-

¹²⁹ NOBLECOURT, Christiane Desroches. *A mulher no tempo dos faraós*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1994. p. 251.

¹³⁰ MANNICHE, Lise. *A vida sexual no Antigo Egito*. Tradução de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 20-21.

¹³¹ MONTET, Pierre. *O Egito no tempo de Ramsés*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Schwarcz, 1989. p. 63-64.

¹³² ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo*. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p.106.

¹³³ JAMES, 1962 apud HARRIS, J. R. (org.) *O legado do Egito*. Tradução de Henrique Araújo de Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 312.

se a ter o costume de criar um testamento indicando como seria a partilha dos bens e principalmente qual dos filhos se responsabilizaria dos negócios da família.¹³⁴

2.1.4 Costumes dos beduínos árabes pré-islâmicos

Segundo Thiel, os nômades antigos tinham um padrão cultural um tanto diferenciado dos semi-nômades patriarcais, principalmente pelo seu estilo tribal pastoril e por seu desempenho na criação e montaria de camelos. Em geral são grupos formados a partir de famílias pequenas, nas quais os filhos, com exceção do primogênito, abandonam o lar após o casamento. Entretanto, no caso da herança, ela é dividida em partes iguais somente entre os filhos e, na falta destes, entre os parentes masculinos mais próximos, não existindo o direito de primogenitura. Curiosamente, quando o filho casa e sai para constituir sua família, recebe a parte correspondente da herança.¹³⁵

2.1.5 Costumes cananeus (1550-1200 a.C)

Entre as culturas ou costumes cananeus que se conhecem nos dias de hoje, observa-se os traços de duas cidades-estados bastante importantes para a época: Ugarite e Alalake. Enquanto a primeira era uma importante metrópole comercial instalada no litoral, a outra era um pouco mais desfavorecida por estar no interior.¹³⁶ Apesar da distância entre elas, essas duas cidades possuíam muitas coisas em comum, e também algumas peculiaridades.

Em Ugarite, por exemplo, embora a rainha-mãe tivesse uma posição mais favorecida, o que poderia levar a pensar numa cultura menos patrilinear, não chegava a tanto. Pelo menos a hereditariedade de um determinado título honroso

¹³⁴ HARRIS, 1993, p. 316.

¹³⁵ THIEL, 1993, p. 8-11.

¹³⁶ THIEL, 1993, p. 38.

(*maryannu*) se transmitia de pai para filho.¹³⁷ A cultura familiar era patriarcal com o uso da poliginia, porém a forma familiar era individual, ou seja, não havia as grandes famílias como entre os israelitas. O dote nupcial compensava a exclusão das filhas na partilha da herança. O primogênito usufruía de alguns benefícios, apesar de ter-se encontrado o relato de um tal Iarimmo que deixou um testamento à sua esposa dando-lhe o uso de todos os seus bens (algo incomum para a época) e com o direito de escolher qual dos filhos seria o herdeiro definitivo.¹³⁸

Outra informação importante vem através de Tsevat, onde é mencionado haver privilégios aos primogênitos e existe um relato no qual “um pai deixou para seus dois filhos porções iguais de herança, mas ao filho mais velho uma porção adicional”.¹³⁹ Embora não se saiba qual o tamanho dessa porção, fica evidenciado o favorecimento ao primeiro filho.

Pode-se dizer ainda que “a literatura ugarítica menciona a troca do direito de primogenitura da filha mais velha para a mais nova”.¹⁴⁰ Porém, o autor não adicionou nada mais a essa tão importante informação, muito menos a referência utilizada por ele.

Quanto a Alalake, há poucas informações acerca do direito familiar. A forma também é patriarcal, mas, em caso de espólios, as filhas participavam com a mesma igualdade que os filhos. Não há menção alguma quanto à hereditariedade ou primogenitura.¹⁴¹

2.2 Na legislação e no costume dos israelitas

Embora seja fascinante o estudo de suas leis e narrativas, não é tão fácil estudar a cultura hebraica. Em especial, por sua maneira diferente de vislumbrar a história e seu desenrolar. Por isso, procurou-se vislumbrar algumas narrativas que evidenciem ou, no mínimo, lancem uma luz maior sobre o tema proposto.

¹³⁷ THIEL, 1993, p. 40-41.

¹³⁸ THIEL, 1993, p. 45-46.

¹³⁹ TSEVAT, In: BOTTERWECK, 1974, p. 125.

¹⁴⁰ SELMS, In: DOUGLAS, 1995, p. 1315.

¹⁴¹ THIEL, 1993, p. 46.

2.2.1 *Leis que apoiam a primogenitura*

São poucas as passagens bíblicas relativas ao tratamento de herança ou sobre a questão da primogenitura, diferentemente, do que se pensava. Duas perícopes legais são as principais sobre o assunto: Dt 21.15-17 e Ex 13.1-16.

2.2.1.1 Deuteronômio 21.15-17

Se um homem tiver duas mulheres, uma a quem ama e outra a quem aborrece, e uma e outra lhe derem filhos, e o primogênito for da aborrecida, no dia em que fizer herdar a seus filhos aquilo que possuir, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, preferindo-o ao filho da aborrecida, que é o primogênito. Mas ao filho da aborrecida reconhecerá por primogênito, dando-lhe dobrada porção de tudo quanto possuir, porquanto aquele é o primogênito do seu vigor; o direito da primogenitura é dele.

Esta perícopa trata sobre a possibilidade de um pai fazer distinção entre os filhos da esposa amada e da desprezada. A primogenitura deveria ser dada ao filho mais velho, independente da preferência dos pais.¹⁴² Para de Vaux “essa lei condena retrospectivamente a Abraão, que expulsa Ismael [...] e a Davi que preferiu Salomão a Adonias”.¹⁴³ Contudo, é no mínimo perigoso usar este tipo de aplicação retrospectiva; pois além de não lançar luz à questão, cria um novo problema: ela também “condenaria” o próprio Deus, que aceitou Abel e não Caim, entre outros.

2.2.1.2 Êxodo 13.1-16

Disse o SENHOR a Moisés: Consagra-me todo primogênito; todo que abre

¹⁴² Curiosamente, SCHERESCHEWSKY, Ben Zion. *Redemption of the firstborn*. In: SKOLNIK, Fred; BERENBAUM, Michael (Ed.). *Encyclopaedia Judaica*. 2. ed. Detroit, MI: Thomson/Gale, Macmillan Reference USA. 2007. 7 v., p. 47. faz uma interpretação diferenciada sobre esta questão da preferência do pai, pois geralmente os autores traduzem/interpretam como sendo uma escolha entre esposa amada e esposa rejeitada, enquanto ele, propõe a dialética sob o prisma de um casamento permitido ou proibido. Todavia, como não é foco desta pesquisa, optou-se por apenas deixar registrado este fato.

¹⁴³ DE VAUX, 2003, p. 77.

a mãe de sua mãe entre os filhos de Israel, tanto de homens como de animais, é meu. Disse Moisés ao povo: Lembrai-vos deste mesmo dia, em que saístes do Egito, da casa da servidão; pois com mão forte o SENHOR vos tirou de lá; portanto, não comereis pão levedado. Hoje, mês de abibe, estais saindo. Quando o SENHOR te houver introduzido na terra dos cananeus, e dos heteus, e dos amorreus, e dos heveus, e dos jebuseus, a qual jurou a teus pais te dar, terra que mana leite e mel, guardarás este rito neste mês. Sete dias comerás pães asmos; e, ao sétimo dia, haverá solenidade ao SENHOR. Sete dias se comerão pães asmos, e o levedado não se encontrará contigo, nem ainda fermento será encontrado em todo o teu território. Naquele mesmo dia, contarás a teu filho, dizendo: É isto pelo que o SENHOR me fez, quando saí do Egito. E será como sinal na tua mão e por memorial entre teus olhos; para que a lei do SENHOR esteja na tua boca; pois com mão forte o SENHOR te tirou do Egito. Portanto, guardarás esta ordenança no determinado tempo, de ano em ano. Quando o SENHOR te houver introduzido na terra dos cananeus, como te jurou a ti e a teus pais, quando ta houver dado, apartarás para o SENHOR todo que abrir a madre e todo primogênito dos animais que tiveres; os machos serão do SENHOR. Porém todo primogênito da jumenta resgatarás com cordeiro; se o não resgatares, será desnucado; mas todo primogênito do homem entre teus filhos resgatarás. Quando teu filho amanhã te perguntar: Que é isso? Responder-lhe-ás: O SENHOR com mão forte nos tirou da casa da servidão. Pois sucedeu que, endurecendo-se Faraó para não nos deixar sair, o SENHOR matou todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito do homem até ao primogênito dos animais; por isso, eu sacrífico ao SENHOR todos os machos que abrem a madre; porém a todo primogênito de meus filhos eu resgato. E isto será como sinal na tua mão e por frontais entre os teus olhos; porque o SENHOR com mão forte nos tirou do Egito.

Esse trecho refere-se ao fato dos primogênitos serem consagrados ao Senhor. No caso de animais, estes eram sacrificados, e em se tratando de humanos, eram resgatados.

Certamente os israelitas criam, juntamente com alguns povos vizinhos, que a “divindade, como senhor das terras, estava destinada a receber não só o melhor, mas também as primícias de toda a produção”.¹⁴⁴ Mas com uma grande diferença: em lugar algum no Antigo Testamento, Deus pede o sacrifício de crianças.

Ainda, segundo Oswalt:

[...] a qualquer custo, tudo isto [as primícias] era oferecido à divindade. Este é o sentido básico da morte dos primogênitos do Egito executada pelo Senhor. Não era o Faraó, nem os deuses que tinham direito sobre o primogênito do Egito. Era o Senhor. Ele é o verdadeiro Senhor do Egito.¹⁴⁵

¹⁴⁴ OSWALT, In: HARRIS, 1998, p. 182.

¹⁴⁵ OSWALT, In: HARRIS, 1998, p. 182.

Thiel também acrescenta que “o primeiro e o melhor é subtraído ao uso profano e dedicado à divindade como senhor e doador da terra e de sua fertilidade”.¹⁴⁶

2.2.2 *Indícios da hegemonia dos primeiros na cultura hebraica*

Como explanado anteriormente, além de não haver um padrão legal que definisse a situação do primogênito na era patriarcal entre os israelitas, vários códigos legais vizinhos possuíam uma datação posterior e de certo modo variável. Enquanto umas culturas valorizavam o primogênito, outras o consideravam com igualdade entre seus irmãos. Entretanto, não foi possível achar nenhuma lei que favorecesse os irmãos menores em detrimento do mais velho. Nem tampouco se pode encontrar qualquer lei que enaltecesse o primogênito ou que desprivilegiasse o mais novo, como tem sido interpretado, respectivamente, por Gancho¹⁴⁷ e Selms.¹⁴⁸

Ou seja, nas várias obras analisadas, é de consenso entre os pesquisadores (clássicos ou não) que o primogênito tinha certa primazia em seu tratamento e, principalmente, tinha hegemonia sobre seus irmãos. Porém, se não há qualquer indício legal que justifique este procedimento, como puderam chegar a tais conclusões? Certamente, embora nenhum tenha justificado desta forma, isto aconteceu pelos fortes indícios culturais acerca da preeminência do primogênito sobre os demais irmãos e membros da família.

2.2.2.1 Indícios de valorização dos filhos mais velhos

Quando Jacó vai a Padã-Harã e se apaixona por Raquel, comprometendo-se a trabalhar sete anos por ela, seu sogro o engana e o faz casar com a mais velha

¹⁴⁶ THIEL, 1993, p. 70.

¹⁴⁷ GANCHO, In: DIEZ-MACHO, 1963. p. 1256-1257.

¹⁴⁸ SELMS, In: DOUGLAS, 1995, p. 1315.

dizendo que na sua região o costume era que a filha primogênita deveria casar antes da mais nova (Gn 29. 21-27).

Quando os irmãos descem pela segunda vez ao Egito para buscar alimento, José os recebe e os coloca à mesa em ordem de nascimento, do mais velho ao mais novo (Gn 43.33).

Uma das dez pragas sobre o Egito atingiu todos os primogênitos, tanto de animais, quanto os humanos (Ex 11.4-5).

Quando Samuel vai à casa de Jessé para ungir o novo rei de Israel, em lugar de Saul, o patriarca apresenta sete de seus filhos a começar pelo seu primogênito, seguindo a ordem de nascença. Davi, que era o menor, nem estava presente na cerimônia de culto (I Sm 16.1-11; 17.13).

Em I Crônicas, na lista dos porteiros, há a menção de um homem que designou um filho que não era o seu primogênito, com certo destaque a esse fato (I Cr 26.10).

Antes de Jeosafá falecer, ele deu presentes para os seus vários filhos, mas “o reino deu a Jeorão, porque ele era o primogênito” (II Cr 21.3) E Acazias, sendo o caçula de Jeorão, foi seu sucessor porque, conforme a explicação do cronista, os árabes haviam matado todos os irmãos mais velhos.

2.2.2.2 Expressões de indignação

Embora não tenha achado nenhuma perícopes que fosse mais específica quanto aos costumes hebraicos nesta questão, tem sido bem frequente, nas narrativas bíblicas que mencionam uma subversão da primogenitura, uma clara indignação a respeito do fato.

Apesar dos detalhes um tanto controversos, a disputa entre Esaú e Jacó também deixa sinais nesse sentido. Quando Isaque descobre que outro fora abençoado e não o seu primogênito, fica deveras abalado. Semelhantemente, o próprio Esaú, quando descobre que não lhe restara mais nada, chora amargamente a perda de “sua” bênção (Gn 27. 30-41).

Outro caso, bastante curioso, foi o de José, o favorito de Jacó em detrimento aos outros dez filhos. Quando José leva seus filhos Manassés e Efraim para serem

abençoados por seu pai, os coloca de tal forma que a bênção seria transmitida ao mais velho. Porém, antes de impetrar a bênção, Jacó cruza os braços, fazendo com que a mão direita fique sobre Efraim (que estava à sua esquerda) e a mão esquerda fique sobre Manassés (que estava à sua direita), para que o mais novo fosse o abençoado. Então, claramente José mostra seu descontentamento a respeito (Gn 48.17-20).

2.2.2.3 Iniciativa de primogênitos

Quando Ló e suas filhas são retirados de Sodoma, suas filhas o embebedam e coabitam com ele, para perpetuarem sua descendência. O detalhe que vem ao caso, é que toda a trama foi elaborada pela filha mais velha, que inclusive “induz” a mais nova a participar do plano. Ela também é a primeira a colocar o plano em ação. Ainda, a dialética “primogênita – caçula” aparece três vezes neste pequeno trecho (Gn 19.30-38).

Quando José está prestes a ser morto pelos seus irmãos, Rúben é quem toma a iniciativa de “acalmá-los” e consegue que o deixe vivo, preso numa cova, a fim de poupar sua vida e restituí-lo a seu pai. Ele novamente entra em evidência após seus irmãos venderem José, pois se dirige a eles como se fosse o responsável pelo caçula. Isso tudo deixa implícito certa responsabilidade por ser o mais velho (Gn 37.19-30).

2.3 **Em alguns casos extrapolados**

Embora o primeiro filho tivesse certos privilégios, conforme visto anteriormente, estes precisavam ser “homologados” pelos pais, em geral pela impetração da bênção da primogenitura. Porém, nem sempre isso acontecia. Houve situações em que os progenitores ou o próprio Senhor, aparentemente, não seguiram o costume da época.

2.3.1 *Análise preliminar dessas ocorrências*

Os casos de possível subversão encontrados no Antigo Testamento são em número de treze, dos quais dois são versões diferentes de uma determinada situação, como na intriga de Esaú e Jacó, para a qual há dois registros, aparentemente, distintos.

Todavia, nestas situações em que aparentemente a primogenitura é subvertida, pode-se encontrar algumas peculiaridades. Por exemplo:

Há situações que são extrapoladas pelo próprio Deus, com ou sem possibilidade de explicação. Preferências com possíveis explicações seriam Abel, em lugar de Caim – Deus olhou para a oferta (Gn 4.1-8); Isaque em lugar de Ismael – Deus havia feito uma promessa, e Abraão não a entendeu, por isso nasceu Ismael; Jacó em lugar de Esaú – há indícios de uma tentativa de mostrar um caráter mais nobre do menor; Moisés em lugar de Arão – possivelmente por sua experiência no palácio e no deserto (Ex 7.7).¹⁴⁹ Outras escolhas deixam transparecer certa arbitrariedade de tão vazias de justificativas: José como governante do Egito em vez de Judá (Gn 37.1-10); Davi em vez de Eliabe (I Sm 16.1-13); Salomão em vez de Adonias (I Re 1.1-39) e Israel em vez da Mesopotâmia ou outra (Ex 4.22).

Há episódios em que o pai é quem promove a subversão, muitas vezes justificadas e em outras arbitrárias, como: Judá que é abençoado em lugar de Rúben – como castigo a este (Gn 49.1-27); José em detrimento aos demais irmãos – por ser o filho da esposa amada (Gn 37.3); Efraim em vez de Manassés (Gn 48.1-20) e Sinri¹⁵⁰ – sem motivos ou explicações (I Cr 26.10).

Também ocorrem subversões provocadas pelas mães: por ciúmes, Sara ordena a Abraão que mande Ismael embora (Gn 21.9-14); Rebeca é quem planeja e instiga a Jacó para receber a bênção que Isaque daria a Esaú (Gn 27.5-14); e Bate-Seba, juntamente com seu grupo de interesse político, é decisiva na coroação de Salomão como rei sucessor a Davi (I Re 1.1-31).

Existem circunstâncias nas quais acontece o envolvimento do próprio interessado, como na compra da primogenitura (Gn 25.24-34) e na posse da bênção

¹⁴⁹ Tais explicações são meras conjecturas, longe de conterem a palavra final sobre o assunto.

por Jacó (Gn 27); e a suspensão da primogenitura por castigo, como no caso de Rúben (Gn 49.3,4).

Outro exemplo é o casamento de Jacó com Lea e Raquel, no qual Jacó escolhe a menor por sua beleza, enquanto Deus abençoa a primogênita por ter sido desprezada (Gn. 29.31).

2.3.2 Hipóteses para os possíveis desusos

Embora não se encontre nenhum autor que dê uma resposta definitiva, ou no mínimo elucidativa, foram várias as nuances lançadas pelos autores pesquisados. O problema é que todas as respostas, ou melhor, tentativas, abarcam apenas um aspecto, via de regra, o favor divino.

Segundo Hoff, no caso de Esaú e Jacó, “Deus trocou o costume daquele tempo que favorecia o filho mais velho”.¹⁵¹ Embora seja válida sua constatação, não passa disso. Só menciona um caso e não explica o principal: motivo da troca.

Para Arnold, “os direitos de nascença têm pouco a ver com o favor de Deus [...] o privilégio do status em função do nascimento não tem relação com a nossa posição diante de Deus”.¹⁵² Porém, ele ignora e não menciona nada sobre as escolhas efetuadas pelos pais e pelas mães.

Conforme Rösel, “a bênção divina se impõe contra todas as aparências. Essa também é razão por que [sic] se introduz o motivo de sempre o filho sem direito à herança tornar-se o portador da promessa”.¹⁵³ Porém ele também, à semelhança do autor anterior, ignora as escolhas humanas e, de certo modo, cria um outro dilema: se a bênção divina impõe-se contra as aparências, como explicar os casos em que ela “seguiu as aparências”?

Para Gancho, “a história hebraica está cheia de casos em que um irmão menor suplanta os direitos do primogênito [...] ao ponto de se estabelecer quase

¹⁵⁰ Sinri é um levita quase anônimo. A menção ao seu nome é feita em I Crônicas 26.10, como descendente de Merari e filho de Hosa. Ele é mencionado aqui porque seu pai o havia designado como chefe de seus irmãos, com a observação do cronista de que não era o primogênito daquele.

¹⁵¹ HOFF, 1983, p. 69.

¹⁵² ARNOLD, 2001, p. 97.

¹⁵³ RÖSEL, 2009. p. 23.

uma regra providencial, distinta e até oposta aos parâmetros legais e jurídicos”.¹⁵⁴ No entanto, o autor ignora o fato de vários casos de subversão acontecidos antes da instituição de um código legal e também não chega a explicar o porquê destes acontecimentos.

Uma das alternativas esboçadas por alguns teólogos, segundo a concepção do clássico de Vaux, foi “ver a indicação de um costume contrário ao direito da primogenitura, o de ultimogenitura, como se observa em alguns povos”.¹⁵⁵ Porém, ele não menciona os povos que mantinham esta postura e muito menos o período em que isto aconteceu. A partir das principais culturas da época, analisadas anteriormente no tópico 2.1, nenhuma delas apresentou essa postura.

De Vaux menciona ainda que: nos

[...] casos que fogem à lei comum manifestam antes o conflito entre o costume jurídico e o sentimento que inclinava o coração do pai ao filho de seus últimos dias [...] Além disso, a Bíblia destaca explicitamente que esses casos expressam a arbitrariedade das escolhas de Deus.¹⁵⁶

Embora tenha sido o único teólogo a juntar as duas correntes de sublevação da primogenitura, há situações em que as mães participaram no processo de escolha, e também em alguns casos o favoritismo não foi o fator decisivo na decisão paternal (como no caso de Efraim e Manassés).

Ainda, segundo Selms, “as Escrituras sagradas mostram certa predileção pelo filho mais novo como o menos privilegiado”.¹⁵⁷ Embora seja significativa tal afirmação, também só abrange a escolha divina, não sendo considerada a intervenção dos pais e das mães.

¹⁵⁴ GANCHO, In: DIEZ-MACHO, 1963, p. 1256-1257. Tradução pessoal a partir de “la historia hebrea esta llena de casos en que un hermano menor suplanta en sus derechos al primogênito [...] hasta el punto de establecer una cuasi-regla providencial diversa y hasta opuesta a la legal y jurídica”.

¹⁵⁵ DE VAUX, 2003, p. 65. Não foi possível o acesso ao original francês. Mas ao conferir em: DE VAUX, Roland de. *Das Alte Testament und seine Lebensordnungen. I*. Freiburg: HERDER, 1960, p. 79 e DE VAUX, Roland de. *Instituciones del Antiguo Testamento*. Barcelona: Herder, 1976. 771 p., ambas traduzidas a partir do original, mantiveram a mesma ideia, sem mais explicações. Essa busca foi feita, porque essa prática entre os israelitas seria inadmissível, por tratar de uma sociedade cuja cultura valoriza e crê que “a sabedoria e o saber são considerados uma aquisição da idade” (LABURTHE-TOLRA, 2010, p.121).

¹⁵⁶ DE VAUX, 2003, p. 65.

¹⁵⁷ SELMS, In: DOUGLAS, 1995, p. 1315.

2.4 Considerações finais

Diante das culturas analisadas anteriormente, não é possível chegar a uma conclusão, pois, a despeito da possibilidade de intercâmbio com Israel, ou ainda, destes com seus vizinhos, torna-se quase impossível dizer quem e em que período aconteceu a influência aos israelitas nesta questão da primogenitura. Esta dificuldade não se dá somente pelo fato da problemática quanto à distância, mas, principalmente, pela questão de uma falta de unanimidade cultural entre elas. Henninger sugere que a lei da primogenitura tenha sido absorvida pelos semitas a partir de uma cultura seminômade; mas o faz, mediante aspectos generalizados, o que enfraquece sua teoria.¹⁵⁸

Enquanto em algumas civilizações não existia qualquer indício de hegemonia do filho mais velho (assírios, babilônicos e os egípcios num período mais recente), outras o valorizavam (Nippur, Nuzu, quarta dinastia egípcia, beduínos seminômades árabes e em Ugarite) e outras sequer mencionavam a questão (Eshnunna, Ur-Nammu e em Alalaque).

Além disso, umas faziam distinção entre filhos legítimos com direito a herança e “bastardos” sem direito algum (como em Ur-Nammu, no código de Hammurabi e no Egito na época da anarquia), enquanto outras consideravam todos com os mesmos direitos à partilha (como os babilônios, os assírios, os beduínos seminômades árabes e os habitantes de Alalaque).

Embora, existam aspectos legais que definam a questão no código mosaico, há fortes indícios de uma datação mais tardia. Desta forma, pelos costumes legais da vizinhança ou da própria lei mosaica não se pode chegar a uma decisão concreta, não obstante se saiba que em alguns povos a hegemonia do filho mais velho constituía algo bem presente, não foi possível estabelecer algum intercâmbio entre as culturas analisadas.

Porém, isto não deve servir como prova da inexistência de um amparo legal ao primogênito nos tempos do Israel primitivo. A partir dos claros indícios de

¹⁵⁸ HENNINGER apud TSEVAT, In: BOTTERWECK, 1974, p. 123.

hegemonia do primeiro filho, como: a constante valorização do filho mais velho,¹⁵⁹ a indignação demonstrada no texto bíblico quando uma primogenitura era sublevada;¹⁶⁰ as iniciativas de alguns primogênitos,¹⁶¹ pode-se defender com segurança a ideia de preeminência do primogênito, embora ainda não se comprove a existência de um direito consuetudinário.

Em contrapartida, a falta de uma comprovação desse direito, tampouco serve como prova de sua inexistência. Segundo Albrecht Alt, quando uma determinada sentença era dada pelo conselho de anciãos após o julgamento de um novo caso, gradualmente ia se espalhando entre os clãs ou aldeias vizinhas se tornando aceita e aplicada sob a forma de direito consuetudinário. Mais tarde, após serem amplamente acatadas, deixavam de ser orais e se juntavam a um grupo de normas. A partir de então, passavam a fazer parte do código legal, com ou sem alterações em sua forma inicial.¹⁶²

Convém lembrar também, que esse direito é fundado a partir dos costumes e dos hábitos.¹⁶³ Segundo Stavenhagen, quando se usa esse conceito, é imprescindível a noção de sua usabilidade. Faz-se necessário saber que os costumes servem de base para a construção das normas e se tornarão leis, em algum contexto sócio-cultural.¹⁶⁴ Ou seja, são normatizações que, originadas a partir de certos costumes, acabam servindo como diretrizes de como determinadas coisas devem ser realizadas. Não somente isso, mas passam ainda a criar um senso de

¹⁵⁹ Observado no exemplo de Labão e Lia, nos irmãos de José assentados em ordem de idade, na praga dos primogênitos, nos filhos de Jessé e no caso dos reis Jeorão e Acazias, citados no tópico 2.2.2.1.

¹⁶⁰ Percebida no estremecimento de Isaque, no choro de Esaú, na postura de José quanto a seus filhos Manassés e Efraim e na sua repreensão a Jacó, elucidados no tópico 2.2.2.2.

¹⁶¹ Como no caso das filhas de Ló e na defesa de Rúbem para com José, comentados no tópico 2.2.2.3

¹⁶² ALT, Albrecht. *Terra Prometida: ensaios sobre a história do Povo de Israel*. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p.191.

¹⁶³ SOARES, Armando. *Moderníssimo dicionário brasileiro*. São Paulo: Angelotti, 19--. p. 303.

¹⁶⁴ STAVENHAGEN, 1990 apud GALLARDO, Mayarí Castillo. Pueblos indígenas y derecho consuetudinario. Un debate sobre las teorías del multiculturalismo. In: *Revista Nueva Antropología*, vol. XXII, num. 71, 2009. p. 16. Disponível em: <

responsabilidade na comunidade ou atribuindo penalidades para os infratores que não conseguirem cumprir tais normas.¹⁶⁵

Quanto às legislações, embora não encontrada nenhuma mais explícita naquele período mais antigo, pelos indícios de hegemonia do primeiro filho, pelas indignações demonstradas no texto bíblico quando uma primogenitura era sublevada e a partir das iniciativas de alguns primogênitos, pode-se defender com segurança a ideia de um direito consuetudinário, no qual, pelo costume comum acerca da primogenitura, seu direito e sua bênção, constituiu-se um costume quase legal sobre o assunto. Embora não houvesse uma lei específica, fica claro que esta prática era costumeira.

Quanto aos casos analisados nos quais os primogênitos foram suplantados pelos irmãos mais novos, também não foi possível nenhum perfil que servisse como moldura para todos os casos. Pois, a importância se mostrou bastante variável de acordo com a época, o local e/ou o costume adotado. Não havendo uma uniformidade que fosse considerada padrão.

Acima de tudo, pode-se presumir que, embora não houvesse um código israelita antigo que legislasse sobre a primogenitura, é certo concordar com os teólogos que defendem a hegemonia do primogênito sobre os demais irmãos, entre os israelitas.

¹⁶⁵ GALLARDO, 2009, p. 17.

3 APROXIMAÇÃO AOS TEXTOS DE INTERESSE (GÊNESIS 25.19-26, 27-34 e 27.18-45)

Para Pisano, há quatro teorias que tentam explicar o surgimento do Pentateuco: a primeira, defendida por P. A. Lagarde, diz que, a partir de um único texto original, surgiram as demais vertentes com suas variantes. A segunda, elaborada por P. Kahle, menciona que o texto oficial formou-se a partir dos vários relatos populares. A terceira, criada por W. F. Albright e F. M. Cross, defende a prática de textos regionais, ou seja, os israelitas que habitavam em Israel escreveram o Pentateuco Samaritano e os israelitas na Babilônia, o Massorético. A quarta teoria, perpetrada por S. Talmon, propõe o surgimento de várias formas textuais que foram, durante o processo de conservação, mantidos e concatenados sob a ótica daquilo que serviria ao propósito sócio-religioso dos interessados.¹⁶⁶

Segundo de Pury, há uma grande dúvida hoje acerca de como se deve encará-lo. Ele pergunta se continuariam com o ensejo de buscar somente a origem dos conjuntos menores, delineados por seu estilo literário e pelas tradições antigas; ou deve-se distanciar-se um pouco para então encará-lo como um projeto literário global. Pois segundo ele, ao encarar uma possível globalidade, evidenciaria-se a necessidade de um autor (individual ou coletivo)¹⁶⁷ na direção redacional e, conseqüentemente, a maior questão seria sobre qual seu interesse nesse processo, enquanto que, ao focar as unidades menores, mesmo que encarando-as como unidades complexas, como as sagas, novelas e outros, a ênfase, ou problemática, recairia sobre a dificuldade de se estabelecer qual o interesse por trás de cada unidade independente.¹⁶⁸

Numa expectativa de entender melhor todos esses assuntos, passa-se a analisar as questões relacionadas ao gênero e à forma literária, a fim de uma

¹⁶⁶ PISANO, Stephen. *O texto do Antigo Testamento*. In: SIMIAN-YOFRE, Horácio et al. *Metodologia do Antigo Testamento*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Loyola, 2000. p. 41.

¹⁶⁷ Por autoria individual ou coletiva, de Pury defende a ideia da necessidade de alguém ou de um grupo estar à frente da “editoração” do texto bíblico. Isto é, não obstante a possibilidade de surgimento quase informal de suas partes, o todo apresenta uma estrutura bem elaborada, um evidente fruto de planejamento.

¹⁶⁸ PURY, Albert de, RÖMER, Thomas. O Pentateuco em questão: posição do problema e breve história da pesquisa. In: PURY, Albert de (Org.). *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 77-80.

compreensão mais clara dos textos a partir, ou pelo menos, com a ajuda da estrutura que ele possui.

3.1 Gênero e estrutura

Não é necessário ser muito entendido em literatura para perceber a grande variedade de estilos e formas encontradas em toda a Bíblia. No entanto, compreender cada uma delas e perceber o interesse do autor ao utilizá-las já não é tão simples assim. Mas essa luta, muitas vezes bastante árdua, tem valido cada esforço, pois não poucas vezes entende-se muito melhor uma determinada passagem a partir de tudo aquilo que está ao seu redor.

Como exemplo desse dinamismo literário encontrado na Bíblia, percebe-se: prosa, poesia, mito, história, novela, genealogias, humor¹⁶⁹ e tantos outros. Torna-se de vital importância não somente reconhecê-los, mas principalmente entender suas respectivas funções.

O livro de Gênesis, por exemplo, possui uma infinidade de estilos literários – o que é unânime entre os pesquisadores –, entretanto, quanto às funções de cada um deles, tem acontecido muitas controvérsias, partindo de um extremo, que ignora toda e qualquer abordagem histórica, a outro, que interpreta literalmente cada uma de suas palavras. Não obstante, pode-se, tranquilamente, defender a ideia de uma interpretação sujeita a uma boa dose de equilíbrio, pois, segundo Albright, o primeiro livro do Pentateuco, como um todo, tem um bom enquadramento histórico, ou seja, os detalhes biográficos e demais informações relacionadas a várias personagens não deixam dúvidas quanto à possibilidade de existirem de fato, embora, também reconheça a importância de se perceber algum ensino por trás do estilo literário selecionado ou do modelo estrutural escolhido para organizá-los.¹⁷⁰

¹⁶⁹ Isso em relação à grande carga de humor demonstrada durante determinados relatos. Apesar de alguns teólogos usarem a palavra piada, aqui optou-se por evitá-la, por sua alusão pejorativa.

¹⁷⁰ ALBRIGHT, 1952 apud SCHULTZ, 1998, p. 29.

3.1.1 Estrutura dos cinco primeiros livros

Em relação à organização literária do Pentateuco, Zenger¹⁷¹ propõe o seguinte esquema como sua estrutura, em forma, do que ele chama, de quiasma espelhado, detalhado no Quadro 1:

Gênesis	Êxodo	Levítico	Números	Deuteronômio
Criação e promessa da terra	Do Egito Pelo deserto ao Sinai	NO SINAI	Do Sinai pelo deserto a Moab	Instruções para a vida na terra da promessa
<p>Incumbência de ir para a terra</p> <p>Final caps. 49-50:</p> <p>* Bênção de Jacó sobre 12 filhos</p> <p>* Morte de Jacó</p> <p>* Enterro de Jacó na terra da promessa</p>	<p>Capítulos: 12 Páscoa 16 Maná + codornizes 17 Água da rocha 18 Instalação de líderes 32 Idolatria (“Baal”)</p> <p>Ameaças: * de fora: Egito + Amalequitas * de dentro: “resmungar” + idolatria</p> <p>Seis notícias de caminhada (“eles partiram de ... e acamparam em...”)</p>	<p>Sacrifícios (1-7)</p> <p>Sacerdotes (8-10)</p> <p>Cotidiano (11-15)</p> <p>RECONCILIAÇÃO (16-17)</p> <p>Cotidiano (18-20)</p> <p>Sacerdotes (21-22)</p> <p>Sacrifícios + Festa (23-26.27)</p>	<p>Capítulos: 9 Páscoa 11 Maná + codornizes 20 Água da rocha 11 Instalação de líderes 25 Idolatria (“Baal”)</p> <p>Ameaças: * de fora: Moab + Madianitas * de dentro: “resmungar” + idolatria</p> <p>Seis notícias de caminhada (“eles partiram de ... e acamparam em...”)</p>	<p>Incumbência de ir para a terra</p> <p>Final caps. 33-34:</p> <p>* Bênção de Moisés sobre 12 tribos</p> <p>* Morte de Moisés</p> <p>* Enterro de Moisés por Javé (“no céu”)</p>

Quadro 1 – Estrutura quiástica para o Pentateuco

Fonte: ZENGER, 2003, p. 48ss.

Além desses destaques, ao observar o livro de Gênesis, nota-se uma clara divisão em quatro partes, numa distinta sincronia em forma de paralelismo com Deuteronômio, como está mais bem evidenciado no Quadro 2:

¹⁷¹ ZENGER, Erich. *A Tora/ O Pentateuco como um todo*. In: _____, et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2003. p. 48-50.

GÊNESIS ¹⁷²	DEUTERONÔMIO ¹⁷³
A) 1-11 O ciclo das origens	A) 1.1-4.43 O primeiro discurso de Moisés (lembrando a história)
B) 12-36 O ciclo Patriarcal	B) 4.44-28.68 O segundo discurso de Moisés (lembrando da Lei)
C) 37- 48 A História de José	C) 29-30 O terceiro discurso de Moisés (lembrando da aliança)
D) 49-50 Bênção de Jacó aos 12 filhos, sua morte e enterro	D) 31-34 Os últimos momentos de Moisés

Quadro 2 – Compilação comparativa entre Gênesis e Deuteronômio.

Fonte: BRIEND, 1985, p. 16-22; ZENGER, 2003, p. 49; e GUSSO, 2011, p. 95,96.

Diante deste quadro, há uma questão que precisa ser levantada: Esta “clara” divisão em quatro blocos tanto de Gênesis quanto de Deuteronômio seria suficiente para enquadrá-los no quiasma proposto na página anterior? Segundo Zenger, sim, mas ao que parece, não é tão claro assim. Pois Êxodo e Números estão em paralelo a partir de assuntos em comum e em sintonia com Levítico. Porém o padrão que ligaria o primeiro e o último livro do Pentateuco a este quiasma espelhado seria tão somente sua estrutura de quatro partes.

Em contrapartida, Carrol não faz menção a esses aspectos, mas defende que Gênesis está ligado aos três livros centrais a partir de uma estrutura mitológica básica, onde é apresentada a questão relacional.¹⁷⁴ Embora bastante interessante seu posicionamento, Deuteronômio continua sem um eixo ou vínculo que faça alusão à temática central de Levítico: relacionamentos. Assim, continuaria sem sentido a entrada de Gênesis para o grupo do possível “Triteuco”.

Diante disso, sugere-se uma coesa unidade para os livros de Êxodo, Levítico e Números. Enquanto que os livros de Gênesis e Deuteronômio provavelmente

¹⁷² As três primeiras divisões de Gênesis são extraídas de BRIEND, 1985, p. 16-22. E a quarta divisão é aquela defendida na página anterior por ZENGER, 2003, p. 49.

¹⁷³ Estas quatro divisões de Deuteronômio proposta no quadro a seguir foram extraídas de GUSSO, Antonio Renato. *O Pentateuco: Introdução fundamental e auxílio para a interpretação*. Curitiba: A.D. Santos, 2011. p. 95-96.

¹⁷⁴ CARROLL, Michael P. *Genesis restructured*. In: LANG, Bernhard. (Ed.) *Anthropological approaches to the Old Testament*. Philadelphia: Fortress Press, London: SPCK, 1985. p. 131-132. Este autor defende que algumas narrativas de Gênesis estão estratificadas em três partes e da seguinte forma: a) ocorrência de algum evento que põe fim a um relacionamento familiar; b) um dos indivíduos envolvidos neste relacionamento rompido precisa se deslocar para outra região, onde entra em contato com novas pessoas; e c) este indivíduo, além de casar com alguém desta nova comunidade, absorve alguns de seus costumes. Como exemplos desta estrutura, ele faz menção a Caim – Abel, Jacó – Esaú e José – demais irmãos.

foram inseridos mais tarde, com a possibilidade, inclusive, do primeiro ter sido escrito, redigido ou compilado, pelo mesmo autor dos três livros centrais. Visto que Gênesis termina num clima positivo de reconciliação entre José e seus irmãos, exatamente na mesma ideia central do Levítico.¹⁷⁵

Ainda se faz necessário mencionar duas escolas de estudo para os textos do Pentateuco, destacadas por Schwantes: a tese literária (que encara a composição destes cinco primeiros livros a partir dos quatro documentos – J, E, D, P¹⁷⁶ – numa época pós-exílica) e a histórico-traditiva (defendida por G. von Rad, que via a formação a partir de blocos temáticos e complementada por Rendtorff, que delinea esse processo de redação a partir dos locais sagrados). No entanto, conforme bem defende, ambas, a despeito de seus altos e baixos, não levaram em consideração a existência das perícopes na formulação do Pentateuco.¹⁷⁷

Conclui-se que andar pela estrutura do Pentateuco é uma situação delicada, pois ora os pesquisadores esbarram no distanciamento gerado pelo esqueleto das grandes estruturas, ora se perdem diante das minúcias ou no isolamento das pequenas unidades. Mas, seguindo o objetivo proposto, passa-se ao próximo tópico para analisar como o livro de Gênesis estruturou-se, afunilando até as perícopes de interesse.

3.1.2 Estrutura do Gênesis

Costumeiramente os teólogos têm dividido o livro de Gênesis em dois

¹⁷⁵ Mas isso é apenas uma simples conjectura a partir desses poucos dados. Certamente haverá a necessidade de uma abordagem muito mais ampla e mais bem fundamentada, o que fugiria do propósito desta pesquisa. Outro aspecto interessante, foi poder observar que de Pury (1996, p. 80s) concorda com a intrínseca unidade de Êxodo a Números, porém, destoando daquilo que nesses dois parágrafos foram expostos, ele defende que esta unidade, pelo menos uma parte dela, seria uma narrativa concorrente à unidade de Gênesis 12-35, ou vice-versa.

¹⁷⁶ Aqui são utilizadas as nomenclaturas de âmbito universal: J é a sigla da Fonte Javista (os textos que fazem referência a Deus chamando-o de *Yahwéh*); E é o sinal para a Fonte Elohista (o conjunto, ou partes, de textos que fazem referência a Deus usando a palavra *Elohim*); D é a indicação para a Fonte Deuteronomista (composta pelos textos históricos, escritos a partir da ótica da reforma de Josias) e P é usado para referir-se aos preceitos e ideologia da classe Sacerdotal (derivado de *Priest* em inglês).

¹⁷⁷ SCHWANTES, Milton. *Família de Sara e Abraão: texto e contexto de Gênesis 12-50*. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 14-16.

grandes blocos.¹⁷⁸ Um, relacionado à pré-história (do mundo ou do povo israelita) abrangida pelos capítulos 1 a 11 e uma segunda divisão tratando sobre a história dos patriarcas (sua saga, origem, relacionamento com a divindade, seus altos e baixos, suas intrigas etc.) descrita nos capítulos 12 a 50.

Outra observação, bastante interessante e pertinente, refere-se às duas divisões desta segunda parte do Gênesis, que pode ser subdivida em: ciclo Patriarcal e a história de José. A grande pergunta que surge é: Por que os três patriarcas teriam suas histórias condensadas em um único bloco, enquanto José teria uma seção só para ele?

Normalmente, quando se fala nos patriarcas só se mencionam Abraão, Isaque e Jacó. Poucos são os teólogos que juntam José ao grupo, talvez porque o próprio texto bíblico, várias vezes, apenas mencione o Deus dos três primeiros. Ou simplesmente, como alguns tentam defender, a história de José fora escrita para narrar o surgimento do povo de Israel, sem necessariamente depender ou destacar tanto as outras personagens. Ou ainda, para servir de apologia aos desmandos monárquicos, conferindo-lhes um conceito de aprovação divina.¹⁷⁹ Todavia, não trazem uma resposta cabal ao assunto e tão somente do jeito que estão expostas, sem provas mais concretas, fica difícil a aceitação das mesmas.

Quanto ao bloco unificado dos três patriarcas, pode-se vislumbrar uma explicação um tanto simples, porém viável. A delimitação para o povo escolhido por Yahweh fecha-se muito bem com Jacó. Dos filhos de Abraão, Isaque foi o escolhido e os demais “descartados”. Dos filhos de Isaque, Esaú ficou de fora, enquanto os filhos de Jacó, todos foram incluídos. Assim, quando se usa a expressão o Deus de Abraão, Isaque e Jacó é bem provável que se delineie a trajetória do povo escolhido, isto é, das tribos descendentes de Abraão que realmente compunham a nação eleita.

Diante disso, não haveria problema algum José ficar de fora dessa expressão. Porém, o que continua a inquietar é o fato dele ter sido destacado. Seria isso proposital? Em caso afirmativo, e é bem provável que sim, qual fora a intenção

¹⁷⁸ Um exemplo disto é LÓPEZ, Félix Garcia. *O Pentateuco: introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia*. São Paulo: Ave-Maria, 2004. p. 64,80. Ele divide o livro de Gênesis em: “História das origens (1.1-11.26)” e “Histórias dos Patriarcas (11.27-50.26)”.

¹⁷⁹ Para maiores informações a respeito dessas teorias, consultar, respectivamente, de PURY, (1996, p. 80s) e REIMER, Haroldo. *A Necessidade da Monarquia para Salvar o Povo: apontamentos sobre a história de José (Gênesis 37-50)*. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Pentateuco. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1996, n. 23. p. 69-70.

do hagiógrafo em montar esta estrutura? Possivelmente, a história de José tenha um paralelo bem mais próximo com a de seus pais, do que geralmente se leva em consideração.

Voltando a observar a composição do livro de Gênesis, como um todo, convém lembrar-se de uma estrutura bem sobressalente: uma possível divisão interna a partir da palavra תולדות (*Toledot* – traduzida como gerações, descendentes ou origens). São 10 blocos de histórias relacionadas às origens, as quais não “respeitam” a divisão do livro em quatro partes, conforme apresentado anteriormente. Em contrapartida, a estrutura quádrupla não consegue explicar ou enquadrar de forma lógica esses dez “livros”.¹⁸⁰

Não obstante o fato de não se poder chegar a um claro posicionamento sobre a questão, pode-se dizer que, em ambas as estruturas a narrativa sobre Esaú e Jacó se enquadram dentro do Ciclo Patriarcal. Diante de tais considerações, necessita-se analisar tal estrutura a fim de obter-se um maior entendimento sobre o confronto entre esses dois irmãos.

3.1.3 Estrutura da narrativa patriarcal (Gn 12-50)

Como o período Patriarcal é de certo modo longo e com uma literatura extensa (38 capítulos), pode-se ainda vislumbrar certa subdivisão nesta categoria.¹⁸¹ Esta subdivisão pode ser observada no Quadro 3:

¹⁸⁰ Embora López (2004, p. 63) tenha dado uma explicação, um tanto simplista, dizendo que “As dez seções encabeçadas pelas fórmulas *toledot* se dividem em dois grandes tratados: 1º) a ‘História das Origens’ (1,1-11,26), integrada por cinco fórmulas *toledot*; 2º) Histórias patriarcais (11,27-50,26), composta pelas outras cinco fórmulas *toledot*, três das quais introduzem seções narrativas, cada uma com um personagem sobressalente [sic]: Abraão, Jacó e José.”

¹⁸¹ Esta análise se dá a partir de uma simples leitura numa versão em português e, ainda, sem levar em consideração a clássica distinção entre os patriarcas e a história de José, mencionada anteriormente.

Trechos	Assunto
Gn 12 a 25.18	A história de Abraão
Gn 21 a 27	A história de Isaque (entrelaçada entre a de Abraão e a de Jacó)
Gn 25.19 a 36	A história de Jacó
Gn 37 a 45	A história de José
Gn 46 a 50	O reencontro de Jacó com José

Quadro 3 – Estrutura e relação entre as histórias dos quatro patriarcas.

Fonte: A BÍBLIA Sagrada Almeida Século 21, 2008, p. 12-58.

Como o relato de Isaque está vinculado, propõe-se uma nova estrutura no Quadro 4, na tentativa de se observar melhor algum possível destaque (talvez meras elucubrações):

Trecho ¹⁸²	Personagem		Observações	“Quiasma”
Gn 12 a 25.18	Abraão		Para dar origem ao povo escolhido, Abraão sai de sua parentela, se separa de Ló, manda seus filhos para longe. Nota-se um “clima de rivalidade”	A
Gn 25.19 a 36.43	Jacó	Ambos recebem o “vaticínio” sobre a “bênção da primogenitura”	Sendo o segundo filho, compra o direito da primogenitura e depois usa de meios escusos para obtê-la.	B
Gn 37.1 a 45.28	José		Sendo o décimo primeiro filho, não faz nada para alcançá-la. ¹⁸³	B’
Gn 46.1 a 50.26	Jacó com José		Para o “povo” ir ao Egito a família é reunida. “Clima de fraternidade”	A’

Quadro 4 – Estrutura quiástica para as histórias dos quatro patriarcas.

Fonte: A BÍBLIA Sagrada Almeida Século 21, 2008, p. 12-58.

¹⁸² Um fato interessante é que todos estes quatro blocos possuem certo tipo de narrativa sobre os filhos que não eram primogênitos e tiveram algum destaque. Na primeira é mencionado o caso de Isaque. Na segunda seção encontra-se a clássica história de Jacó e Esaú. Na terceira, os sonhos de José e sua progressão no Governo Egípcio. Enquanto que na última é narrado o momento em que José leva seus filhos Manassés e Efraim para serem abençoados por seu Pai, que profere a maior bênção sobre Efraim (o segundo filho). Curiosamente, nessa narrativa José não se agradou disso (Gn 48.17), o que pode servir como apoio para a ideia de uma preeminência da primogenitura.

¹⁸³ É interessante notar, no Cap 38, bem no início na narrativa sobre José, há a inserção do triste episódio sobre Judá (este era o quarto filho, e mesmo assim as tribos do Sul levaram o seu nome). Seria alguma forma de comparar suas ídoles? Ou então, qual a intenção do autor sagrado em colocar essa narrativa bem aqui? (como não é fruto direto desta pesquisa, apenas deixa-se registrado, para uma possível abordagem futura).

Diante desses quadros, acredita-se que a grande luz que o redator do Gênesis pretendeu transmitir é que em José há uma clara exposição do direcionar de Yahweh na história. Ou seja, José chegou onde chegou, sem usar as “habilidades” familiares para tal, não havendo momentos em que José utiliza artimanhas para garantir a bênção.¹⁸⁴

Além disso, diante das demais peculiaridades e diferenças estruturais, percebe-se que o livro de Gênesis não é produto da pena de um único autor, concordando-se com os pesquisadores que assim o fazem por outros meios. No entanto, isso não serve como base sólida para justificar a inexistência histórica de tais passagens como fazem outros teólogos. Pois deve-se levar em consideração o fato, ou no mínimo a possibilidade, de que essas narrativas foram transmitidas oralmente por muitos anos, de forma isolada umas das outras.

Segundo López há três formas de se encarar as narrativas do Pentateuco relacionadas a Jacó e seus descendentes: a) seria o resultado redacional obtido com a junção de vários relatos de grupos distintos, isso levando-se em conta os estudos histórico-críticos clássicos; b) a existência de uma história unificada, abrangendo desde o nascimento, os primeiros encontros dos dois irmãos, o relato de Betel, o encontro entre Jacó e Labão e seu retorno a Canaã, conforme interpreta os estudos histórico-críticos recentes; e c) para os estudiosos de estilo sincrônico, a história de Jacó é considerada como uma unicidade.¹⁸⁵

Quanto ao propósito, Gottwald defende que os capítulos de Gn 12-50 tem uma contribuição muito maior sobre a unificação de Israel e seu processo do que a reconstrução exata da história de seus patriarcas. Diz ainda que:

[...] as sagas dos antepassados falam não só da autocompreensão do Israel mais recente, mas também falam alguma coisa dos variados caminhos e processos complexos pelos quais aquela comunidade chegou a constituir-se como confederação de tribos.¹⁸⁶

Talvez por isso, diante de tantas indefinições e caminhos distintos no campo de pesquisa, há autores, que ao contarem a história das tradições mencionam a

¹⁸⁴ É bem verdade que para se revelar a seu irmão, há toda uma trama bem elaborada, mas lá ele já está no poder e o faz, ao que parece, para levar seus irmãos a refletirem no que acontecera e aguçar seu senso de irmandade. Algo bem diferente de se usar a trapaça para adquirir algo pra seu proveito.

¹⁸⁵ LÓPEZ, 2004, p. 94.

¹⁸⁶ GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. Tradução de: Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 163.

teoria que Jacó era representante de um clã que se fundiu com outro, liderado por Israel e mais tarde adotaram a Isaque, como seu pai e conseqüentemente a Abraão como seu avô, através de fusões das tradições patriarcais.¹⁸⁷

Ceresko, também faz uma proposta bem diferente da tradicional. Embora não se possa concordar com ele no que diz respeito às origens do povo de Israel,¹⁸⁸ tornam-se bem plausíveis suas considerações relacionadas aos registros das narrativas patriarcais. Para este autor, tais relatos têm duas funções principais: unificação e expressão de ideais ou aspirações e, ainda, possuem duas linhas bastante marcantes em seu conteúdo: os grandes heróis do passado viviam numa certa marginalização em relação ao sistema citadino e seus opressores e a existência de um forte desejo quanto aos descendentes e a garantia de terras produtivas.¹⁸⁹ O que leva a pensar em certa historicidade, mesmo que não mencionada em seu extremo.

Rast, menciona ainda, que a existência dessas teorias que tentam explicar a origem fracionada e isolada dos relatos patriarcais, não precisa necessariamente ir contra a historicidade de tais narrações.¹⁹⁰ Isto é, a despeito da característica empolgante da saga e outras narrativas empregadas, em especial no ciclo de Jacó, não servem para declará-las, logo de imediato, como invenções. Além disso, todos os três conjuntos literários, acerca dos patriarcas: Abraão (Gn 12-25), Jacó (Gn 25.19-36) e José (Gn 37-50), são independentes. Seus defensores são, respectivamente, Schwantes,¹⁹¹ Jarschel¹⁹² e Reimer.¹⁹³

¹⁸⁷ Este parágrafo é um brevíssimo resumo da obra de MICHAUD, Robert. *Los patriarcas: historia y teologia*. Estella: Verbo Divino, 2. ed. 1983. p. 43-100.

¹⁸⁸ Antony R. CERESKO, em sua obra *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1996. p. 51,55, descreve Israel como uma coligação de tribos aparentadas entre si. Segundo ele, esta nação seria a junção de um grupo tribal chamado Jacó (que teria sido o patriarca com um poder centralizador maior) com outra tribo chamada Judá (formada pela junção de pelo menos dois grupos: o de Abraão e o de Isaque).

¹⁸⁹ CERESKO, 1996, p. 50-56.

¹⁹⁰ RAST, Walter E. *Tradition History and the Old Testament*. Philadelphia: Fortress Press, 1972. p. 54-55.

¹⁹¹ SCHWANTES, In: RIBLA, 1996, p. 48.

¹⁹² JARSCHHEL, Haidi. *Ventre, casa, terra: espaços da historiografia sexual – Gênesis 25-36*. In: REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA, Pentateuco. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, n. 23. p. 55.

¹⁹³ REIMER, Haroldo. A Necessidade da Monarquia para Salvar o Povo: apontamentos sobre a história de José (Gênesis 37-50). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Pentateuco. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1996, n. 23. p. 69-70.

3.1.4 Estrutura do ciclo de Jacó

Corroborando com o pensamento de Rast, no tópico anterior, de Pury menciona que não são poucos os textos antigos que fazem referência a Jacó pelo nome Israel. Isto o leva a crer na probabilidade de Jacó ser representado como um ancestral real. Além disso, quando Oseias faz alusão ao seu nome e seus feitos, isto serve com um bom indicativo de que sua história era bem conhecida em sua totalidade, pelo menos em forma oral.¹⁹⁴

Em outras palavras, ele concorda com a possibilidade histórica de Jacó, embora defenda que ela tenha sido, *a priori*, a tradição de um grupo restrito e só bem depois é que passa a ser encarada como uma tradição tribal. Defende ainda que: “o ciclo de Jacó não é o Israel real, mas o Israel das tribos”.¹⁹⁵ Já que para Rast, as intrigas entre Esaú e Jacó, dentro deste ciclo (Gn 25.27-34 e 27.1-45) não estão interessadas em problemas, mas em mencionar simplesmente a interação entre os membros de uma mesma família.¹⁹⁶

Seja mera interação ou uma forma de se fazer alusão a algo maior, Fishbane destaca que o aspecto de disputa e conquistas é uma temática recorrente em todo o ciclo. Também vê na primeira perícopes, Gn 25.19-26, um belíssimo prólogo indicativo de toda situação que estaria por vir.¹⁹⁷

Von Rad já havia levantado esta ideia de introdução, mas difere no recorte da perícopes. Para ele, Gn 25.21-28 é que seria utilizado como introdução, dando uma ideia geral de tudo que viria. Outro aspecto interessante a que ele faz menção é certa indefinição contida nesta perícopes. Ela não pode ser tratada como um relato historicamente legítimo, nem tão pouco, ser encarada como alguma saga de um grupo qualquer. Tão somente serviria para introduzir a narrativa posterior.¹⁹⁸

Para se aperceber onde, dentro do ciclo de Jacó, se encontram as perícopes que serão analisadas, registra-se no Quadro 5 um esquema quiástico para toda a

¹⁹⁴ PURY, In: _____, 1996, p. 209, 213

¹⁹⁵ PURY, In: _____, 1996, p. 215-216.

¹⁹⁶ RAST, 1972, p. 38.

¹⁹⁷ FISHBANE, Michael. *Biblical text and texture: a literary reading of selected texts*. Oxford: Oneworld, 1998. p. 45.

¹⁹⁸ VON RAD, Gerhard. *El libro del Genesis*. Salamanca: SIGUEME, 1977. p. 327.

história jacobita (Gn 25.19 – 35.22):¹⁹⁹

A	25.19-34	Oráculo buscado, disputa no parto de Rebeca, direito de primogenitura, nascimento e temas de lutas, engano e fertilidade.
B	26	Interlúdio, contenda, engano, bênção de primogenitura e aliança com estrangeiro.
C	27.1-28.9	Engano, roubo da bênção do primogênito, medo de Esaú e “desterro”.
D	28.10-22	Encontro com o divino em local sagrado, região fronteirissa e bênção.
E	29	Abertura de um ciclo interno, chegada, Labão na fronteira, conflitos e salário.
F	30.1-24	Esterilidade de Raquel e fertilidade de Lea.
		Fertilidade de Raquel e o aumento dos filhos de Jacó
	30.25-43	Seu rebanho
E'	31	Encerramento de um ciclo interno, partida, Labão na fronteira, conflitos e salário.
D'	32	Encontro com seres divinos em local sagrado, região fronteira e bênção.
C'	33	Engano planejado, medo de Esaú, o abençoado dá presentes, e retorno para a terra natal.
B'	34	Interlúdio, contenda, engano, aliança com estrangeiro.
A'	35.1-22	Oráculo cumprido, Disputa no parto de Raquel, direito de primogenitura, morte e resoluções.

Quadro 5 – Estrutura de Gn 25.19 – 35.22, em forma de quiasma.

Fonte: FISHBANE, 1998, p. 42. (Tradução nossa)

Interessantemente, a dialética entre Jacó e José torna-se mais uma vez evidente. Este último tem o seu nascimento narrado exatamente no clímax de todo o ciclo. Mais um indício de que a novela sobre José, narrada nos capítulos 37-50 de

¹⁹⁹ BRUEGGEMANN, Walter. *Genesis: a Bible commentary for teaching and preaching*. Atlanta: John Knox Press, 1982. p. 213. Também menciona um esquema quiástico para este ciclo. Todavia o faz de maneira mais genérica, não contemplando algumas informações importantes. Por essa razão optou-se em apenas registrar o esquema sugerido por Fishbane, 1998, p. 42.

Gênesis, tem uma forte ligação com a história de seu pai. Mais adiante se fará um fechamento acerca disso.

Outro destaque, deveras importante, no que diz respeito à estrutura apresentada é o posicionamento das três perícopes que serão alvo de pesquisa no próximo capítulo. Todas elas estão na margem do quiasma e no início da narrativa. Quanto à sua localização inicial, não se percebe muita coisa a respeito, além das luzes lançadas anteriormente por de Pury, Rast e Von Rad. Entretanto, quando se visualiza seu posicionamento nas extremidades de tal estrutura, pode-se pensar numa certa hierarquização onde elas estariam longe de qualquer primazia.

Com todas essas informações, obtidas a partir da forma literária e a forma em que se encontram os livros, histórias, sagas, novelas e relatos, passa-se a perscrutar sobre o processo redacional, pelo qual todos eles passaram.

3.2 Análise redacional

Neste tópico os esforços estão centrados no intuito de aperceber-se algum detalhe a mais, deixados nas entrelinhas durante a fase de redação. O foco principal será analisar o ciclo de Jacó, como uma unidade bastante independente e completa em si mesma. Porém, quando necessário, também será feita menção ao Pentateuco e, principalmente, ao livro de Gênesis.

Outra metodologia aqui aplicada, diz respeito à divisão deste tópico, que primeiramente vislumbrará o processo em si, através da disposição estrutural e dos possíveis ideais por trás da mesma. Numa segunda etapa, serão analisadas as lições oriundas do aparato crítico e por fim, serão elencadas algumas propostas de datação, seus defensores e suas respectivas probabilidades.

3.2.1 Processo de redação

Conforme mencionado anteriormente, segundo Lopez, as narrativas

relacionadas a Jacó no Pentateuco podem ser vistas sob três aspectos: como uma compilação de vários relatos distintos, como uma história com suas perícopes quase autônomas ou então, como uma unicidade histórica.²⁰⁰

Para Michaud, esse conjunto de relatos (Gn 25.19-34, 27.1-45) é considerado como uma mera “saga”, criada apenas para representar duas classes sociais: Jacó simbolizando o homem social, civilizado que trabalha em sua região para torná-la habitável e cultivável, enquanto Esaú seria o representante do não civilizado, do homem das matas.²⁰¹

Vermeulen, continua com a ideia tradicional das fontes, com certas reformulações, as quais seriam resumidas a apenas três, em relação ao Pentateuco: Eloísta (E), Javista Davídico (Dv) e Javista Salomônico (J).

Segundo este autor, a fonte E agrega elementos de temor à divindade, não mantém relação alguma com a disputa pelo poder político, tem uma abordagem com predominância sobre as atitudes e às opções morais, possui uma concepção pan-israelita e pode ter sido escrito em Judá entre os anos de 750 a.C a 587 a.C. Quanto aos textos tipo J, não têm intenção teológica nem juízo moral sobre as atitudes um tanto escandalosas de algumas personagens. Procuram legitimar ou reforçar o poder político de Salomão, mostram predileção de Yahweh pelo mais fraco,²⁰² evidenciam que Yahweh é o verdadeiro autor das escolhas e, ainda, são datados entre 970 a.C. a 950 a.C. Em contrapartida, a fonte Dv seria responsável pela unidade de Gn 25-33, estaria separada da J tão somente por questões de interesse político e tem sido encarado como um mero decalque da disputa entre Davi e os descendentes de Saul e seus aliados, assim este trecho do ciclo de Jacó serviria para justificar a posse davídica sobre os territórios da casa de Saul, tanto na região central (Betel, Siquém), quanto na Transjordânia (Fanuel, Gallaad).²⁰³

Por outro lado, Rast concorda com a sugestão de Noth, que a tribo de Efraim teria uma significativa importância na compilação final do ciclo de Jacó.²⁰⁴ Porém, segundo de Pury, “o ciclo de Jacó não é o Israel real, mas o Israel das tribos.”²⁰⁵

²⁰⁰ LÓPEZ, 2004. p. 94.

²⁰¹ MICHAUD, 1983, p. 48.

²⁰² Inclusive, em relação a Lia e Raquel, contrariamente do que alguns dizem, ele defende que: “não obstante todos os obstáculos, é a caçula que acaba por triunfar”. VERMEYLEN, Jacques. *As primeiras etapas literárias da formação do Pentateuco*. In: PURY, 1996. p. 130.

²⁰³ VERMEYLEN, In: PURY, 1996. p. 120-152.

²⁰⁴ NOTH, 1948 apud RAST, 1972, p. 54.

²⁰⁵ PURY, In: _____, 1996, p. 215s.

Enquanto nas palavras de Schwantes, deve-se tomar o cuidado para não “entregá-los de mão beijada aos detentores do poder”.²⁰⁶

Desta feita, pode-se ver nestes quatro autores, supracitados, uma pequena amostra da amplitude que se tem, quando o assunto é análise redacional. Outra premissa, obtida diante de tudo isso, é a impossibilidade de todas estarem certas. Também, seria incoerente ou inapropriado, rejeitar uma teoria como um todo. Assim, o atual nível de pesquisas, pelas indefinições ou lacunas ainda existentes, exige um diálogo redobrado na busca de um consenso.

Diante disso, numa rápida olhada, conforme desenrolado na sub-seção anterior, seria estranho analisar o ciclo jacobita sob um prisma efraimita;²⁰⁷ pois, dificilmente os judaitas teriam aceitado essa declaração de superioridade da tribo de José. Por outro lado, ao encará-la como produto final da tribo de Judá, se faz necessário encarar um José que se mantém firme aos propósitos de Yahweh e por ele é abençoado como um “ideal” seguido por Davi e seus descendentes, como aqueles que se mantiveram fiéis a Jerusalém e não precisariam ficar correndo atrás da “bênção”, como costumeiramente acontecia nas sucessões de trono do norte. Ou ainda, poderia ser encarada como a compilação de um único povo (antes da divisão dos reinos), desta feita, a história de integridade de José não precisaria ser vista como afronta de uma tribo a outra, mas como um incentivo de que Yahweh é quem dá a bênção, sem a necessidade de trapaças para adquiri-la.

Para a proposição desta ideia, necessita-se levar em consideração a historicidade de tais narrativas. Embora alguns teólogos não creem nisso, de Pury concorda com a possibilidade histórica de Jacó, embora defenda que ela fora, *a priori*, a tradição de um grupo restrito e só bem depois é que passa a ser encarado como uma tradição tribal.²⁰⁸

Conforme Schwantes, a composição do Pentateuco deu-se a partir de perícopes. Ou seja, diferentemente dos outros textos literários com suas perícopes automáticas, as unidades menores que vieram a compor o Pentateuco, foram elaboradas a partir de, ou para as memórias familiares. Pois, as unidades literárias

²⁰⁶ SCHWANTES, 1986, p. 17.

²⁰⁷ Não foi possível ter acesso aos argumentos utilizados por Martin Noth para esta defesa, mas numa rápida análise a partir da estrutura bíblica, isso poderia facilmente ser deduzido, pois além do nascimento de José estar no centro de um padrão quiástico (conforme descrito na subseção anterior), ele é o grande protagonista da novela encontrada a partir de Gênesis 37.

²⁰⁸ PURY, In: _____, 1996, p. 215s.

pequenas são típicas dos “pequenos organismos sociais, das microestruturas, das quais, no antigo Israel, a família ou o clã são as mais dinâmicas”.²⁰⁹

Ainda, segundo ele:

O clã agrário sabidamente foi a microestrutura elementar na vida do povo. Pode-se, pois, afirmar que o clã é o lugar vivencial preferencial da perícopes. [...] a força do clã e a penetração das manifestações culturais populares eram tamanhas que escribas de centros culturais ou nacionais passaram a anotá-las em suas formas originais, sem chegar a retrabalhá-los e refundi-los na linguagem mais característica dos templos ou outras instâncias nacionais, em função das quais talvez existissem [ou seja] de sua fixação oral para sua redação, a perícopes não passou por alterações significativas.²¹⁰

Schwantes parece estar correto em sua análise, pois embora seja perceptível certa unidade e elaboração maior para o texto de Gn 25-36, não pode ser encarado como um relato contínuo, à semelhança da novela de José. Aqui, pode-se encontrar: genealogia, narrativas etiológicas,²¹¹ aparições teofânicas, contos e histórias, que de uma maneira geral, são coesas em si mesmas e possuem um dinamismo interno bem acentuado, ou seja, algumas dessas narrativas formam perícopes bem breves, mas com uma autonomia bem significativa e enredo marcante.

Embora, seus apontamentos estejam com um foco maior para o texto de Gênesis 12 a 25, percebe-se a aplicabilidade de sua teoria também dentro do ciclo de Jacó. Quem corrobora com essa ideia é Rast, apesar de não fazê-la de forma direta. Ele claramente divide o ciclo de Jacó em diversas, sucessivas e às vezes, paralelas e bastante independentes entre si.²¹²

Walter Rast ainda descreve o processo de desenvolvimento pelo qual essas perícopes passaram até sua forma final. Conforme descreve, esses pequenos relatos foram elaborados e transmitidos oral e individualmente. Com o passar do tempo surgiu a necessidade natural de serem compilados e assim aconteceu, levando-se em consideração a semelhança de seus motivos e interesses. Inicialmente arrolaram-se por mera associação e mais tarde os pequenos ciclos

²⁰⁹ SCHWANTES, 1986, p. 16.

²¹⁰ SCHWANTES, 1986, p. 16,17. Para maiores informações a cerca de seus argumentos a favor desta hipótese, sugere-se consultar as páginas 16 a 20 desta mesma obra.

²¹¹ Todavia bem raras, quando comparado com o bloco narrativo anterior (Gn11-25). Conforme JARSCHER, In: RIBLA, 1996, P. 55.

²¹² RAST, 1972, p. 34-37.

(conjunto de materiais em comum) foram reunidos e estruturados na composição de um todo maior. Nesta fase de configuração final é que foram visualizados sob novos significados. Como exemplo disso, ele cita a ideia da promessa, que perpassa todo o livro do Gênesis, com uma carga teológica que não existia no início do processo de junção das perícopes. Outro aspecto importante, defendido por ele, é que o ciclo Jacobita, muito provavelmente, fora montado e transmitido ainda na fase oral.²¹³

Ainda, sobre o impasse entre tradição oral e as sacralizadas tradições redacionais com seus interesses diversos, de Pury levanta uma questão interessante: ele pergunta qual a verdadeira função que meros produtos literário-redacionais teriam em uma comunidade tão arraigada numa estrutura de transmissão oral.²¹⁴ Isso é extremamente importante e, infelizmente, negligenciado por muitos quando abraçam cegamente a filosofia de que determinado texto fora escrito para defender a classe do poder, com suas ideologias e interesses. Outra pergunta de igual importância, e semelhantemente deixada de lado pelos autores pesquisados, diz respeito à necessidade de se escrever algo para legitimar um determinado rei ou grupo de poder, num período onde a força se impunha por si mesma, e ainda, numa cultura predominantemente sem acesso aos livros.

Diante destas considerações, admite-se um peso histórico maior para o conjunto, em detrimento da ideia de tê-lo como uma mera ficção. Além disso, também se percebe, com certo consenso, que a história narrada é muito mais antiga do que a narrativa que se tem hoje. A qual foi desenvolvida e mantida por muito tempo, a partir de seu início, pela tradição oral. Ainda, não obstante o surgimento das perícopes a partir da micro-estrutura familiar, percebe-se nas obras analisadas que houve um período posterior onde estas foram reorganizadas, colecionadas ou editadas. Assim, propõe-se analisar as perícopes de interesse a partir de seu contexto maior, pois como bem escreve Gusso:

Como documento religioso que é, seu valor não está na dependência da quantidade de fontes utilizadas para a sua composição, ou nos métodos empregados para isso. Ainda que verificar estes detalhes seja importante para uma interpretação coerente, sua importância maior está na mensagem oriunda de sua forma final.²¹⁵

²¹³ RAST, 1972, p. 55.

²¹⁴ PURY In: _____, 1996, p. 84.

3.2.2 *Propostas de datação*

Em geral, a data de uma escrita está intrinsecamente ligada com o processo redacional pelo qual o texto tenha passado. Por isso, a partir das indefinições esboçadas no tópico anterior, este também é um campo delicado e com muitas teses divergentes. As épocas sugeridas vão desde a fase oral, antes da formação das tribos, até o período pós-exílico, por volta do ano 400 a.C.

Por exemplo, para Rast houve uma criação e compilação dos ciclos numa fase oral, com apropriações no período posterior, pelas fontes.²¹⁶ Ceresko, por sua vez, diz que o período relacionado a Gn 12-50 é anterior à formação das tribos e não faz alusão alguma à Teoria das Fontes,²¹⁷ enquanto para von Rad, apud Reimer, Gn 37-50 deve ser situado no século X a.C. e, ainda deve ter sido escrito para funcionários da corte de Jerusalém.²¹⁸ Ao levá-lo em consideração, defende-se que o ciclo anterior (Gn 25-36) tem uma idade próxima ao décimo século a.C.. Isso devido ao fato de ambas as unidades serem bastante próximas entre si.

Noth e Jarschel defendem uma datação para o período de divisão do reino. O primeiro, só menciona que o material de Gn 25-36 teve uma forte participação da tribo do norte (Efraim),²¹⁹ enquanto o segundo autor diz que Gn 11-25 é um bloco de reunião das tradições sulistas (grupos do sul) e Gn 25-36 reúne as tradições do norte, com a formatação final obtida entre a separação com Jeroboão I e a queda de Samaria.²²⁰ Para Zenger, por sua vez, o Pentateuco formou-se a partir de ciclos narrativos, pertencentes a algumas fontes básicas, e que foi paulatinamente compilado. Todo esse processo teria durado desde 700 a.C. a 400 a.C.²²¹ Quase nesta mesma linha, encontra-se Gorgulho, para o qual as narrativas patriarcais

²¹⁵ GUSSO, Antônio Renato. *Linhas gerais e novas tendências da crítica do Pentateuco*. VIA TEOLÓGICA. Curitiba: FTBP, n. 8, dez. p. 93-94, 2003. p.101.

²¹⁶ RAST, 1972, p. 55.

²¹⁷ CERESKO, 1996, p. 58.

²¹⁸ VON RAD, 1976 apud REIMER, 1996, p. 69.

²¹⁹ NOTH, 1948 apud RAST, 1972, p. 54.

²²⁰ JARSCHHEL, In: RIBLA, 1996, n. 23. p. 55-56. Embora procure ser enfática nesta defesa, acaba sendo contraditória quando diz que há “uma grande parte do material que explicita a luta intertribal pela terra e o desmoronamento da estrutura patriarcal da casa” (p.58) e, principalmente, quando menciona se tratar de uma fonte popular e não estatal, com pouca articulação teológica em torno do santuário (p. 59), como deveria de se esperar.

²²¹ ZENGER, 2003, p. 95

seriam provenientes de três ciclos antigos, reunidos em torno da promessa durante o período de cativeiro babilônico.²²²

Além de todos esses, ainda há os defensores de uma datação pós exílica. Para Croato, o Ciclo de Jacó teria a mesma data de conclusão final do próprio Pentateuco: 400 a.C.²²³ Para Bentzen, deve ser datada um pouco antes de 400 a.C.. Ele defende ainda que sua compilação ocorrera antes da completa cisão entre judeus e samaritanos, visto que o Pentateuco Samaritano utiliza os mesmos cinco livros.²²⁴

Diante de tantas considerações, opta-se pelas palavras de Albert de Pury que diz: “não me parece arrojado demais, mesmo hoje, postular uma data pré-monárquica para a origem do ciclo de Jacó”.²²⁵

3.3 Delimitação das perícopes

Os três textos principais para o estudo exegético são: Gênesis 25.19-26, 27-34 e 27.1-45 (com recorte nos versos 18-41). São consideradas boas perícopes, autônomas e bem interligadas, conforme análise individual. A seguir, no Quadro 6, encontra-se uma comparação entre elas e seus respectivos contextos imediatos.

²²² GORGULHO, Gilberto. A História primitiva: Gênesis 1-11. *RIBLA*, Pentateuco. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1996, n. 23. p. 33-34

²²³ CROATTO, José Severino. *O propósito querigmático da redação do Pentateuco: reflexões sobre a estrutura e teologia*. In: REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA, Pentateuco. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1996, n. 23.

²²⁴ BENTZEN, 1968 apud GUSSO, 2003, p. 100.

²²⁵ PURY, In: _____, 1996, p. 216.

	Gn 25.1-6	Gn 25.7-11	Gn 25.12-18	Gn 25. 19-26	Gn 25.27-34	Gn 26.1-33	Gn 27.1-45	Gn 27.46-28.9
Assunto Central	Casamento de Abraão com Quetura	Morte de Abraão	Genealogia de Ismael	Descendência de Isaque	Disputa de Esaú e Jacó pela primogenitura	Vivência de Isaque em Gerar	A Bênção de Isaque	Direcionamentos de Jacó e Esaú
Peculiaridades	Abraão distingue Isaque dos outros	Deus abençoa Isaque	Não são mencionados Deus, nem o termo “bênção”	Deus dá “a bênção” a Jacó	Jacó compra “a bênção”	O “chamado” de Isaque	Jacó “usurpa” a bênção	Jacó é abençoado com a bênção de Abraão.
Personagens Principais	Abraão, Quetura e Isaque	Abraão e Isaque	Descendentes de Ismael	Descendentes de Isaque	Jacó e Esaú	Isaque, Rebeca e Abimeleque	Isaque, Esaú, Rebeca e Jacó	Rebeca, Isaque, Jacó e Esaú
Tipo de Narrativa	Genealogia modificada ²²⁶	Fúnebre patriarcal (idade, histórico e local do enterro)	Genealogia clássica: “Estas são as gerações...”	Genealogia semi-clássica (só começa como tal)	Relato familiar	Histórica	Conto de trapaceiro	Histórica
Cenário		Caverna de Macpela, em Manre	Desde Havilá até Sur	Disputa no ventre de Rebeca	Disputa na cozinha	Gerar	Tenda de Isaque	Tenda de Isaque
Finalização	“Abraão afastou seus filhos de Isaque e os enviou ao Oriente”	“Isaque foi abençoado por Deus e habitou em Beer-Laai-Roi”	“Ismael se estabeleceu defronte todos os seus irmãos”	“Isaque tinha sessenta anos quando os gerou”	“Esaú comeu o seu prato de lentilha e seguiu o seu caminho”	Depois de se despedir de Abimeleque, Isaque se estabeleceu em Berseba	Rebeca fala com Jacó, orientando-o a ir para Padá Ará	Esaú vai a casa de Ismael e se estabelece novamente
Exceto Gn 25.19-26, as demais perícopes concluem com uma palavra sobre um personagem (ou grupo) e seu assentamento (ou o rumo que teve).								

Quadro 6 – Comparação entre as perícopes de ensino e suas vizinhas.

Fonte: A BÍBLIA Sagrada Almeida Século 21, 2008, p. 26-30.

²²⁶ Uma expressão muito comum no Gênesis é “E estas são as gerações de”. É interessante que isso aparece para Isaque, Ismael e Jacó, mas não aparece para Abraão. Até são mencionados os filhos e netos, mas sem este “padrão” característico.

4 ANÁLISE EXEGÉTICA DE GÊNESIS 25.19-26 e 25.27-34

Esta seção exegética se ocupa em apresentar uma tradução ultraliteral das perícopes, suas delimitações e estruturas, bem como uma análise conceitual de cada versículo. Quanto à comparação entre versões e à análise da crítica textual, estão apresentadas ao final, como Apêndices A, B, D, e E.

4.1 Análise de Gênesis 25.19-26²²⁷

Verso 19: E estas [são] as gerações de Isaque filho de Abraão Abraão fez dar à luz a Isaque.

Verso 20: E tinha Isaque quarenta anos quando tomar para si Rebeca filha de Betuel o arameu de Padã Arã a irmã de Labão o arameu para ele por esposa.

Verso 21: E pediu Isaque para Yahweh no lugar da esposa dele pois estéril [era] ela e atendeu para ele Yahweh e concebeu a mulher dele.

Verso 22: E empurravam um ao outro no corpo dela e [ela] disse se [é] assim por que este eu estou? E foi buscar a Yahweh.

Verso 23: E disse Yahweh para ela dois povos [há] em teu ventre e dois povos no ventre de ti se dividirão e povo de povo será forte e grande trabalhará como escravo [para] menor.

Verso 24: E cumpriu-se o dia dela parir e eis que [havia] gêmeos no ventre dela .

Verso 25: E saiu o primeiro avermelhado todo ele como capa de pelo e chamaram o nome dele Esaú.

Verso 26: E depois saiu o irmão dele e a mão dele pegando no calcanhar de Esaú e chamaram o nome dele Jacó e [era] Isaque da idade de sessenta anos quando gerar a eles.

²²⁷ Optou-se por apresentar aqui a tradução ultraliteral de toda a perícope. Convém salientar que foi proposital o uso de um linguajar um tanto truncado, numa tentativa de preservar alguns aspectos da língua hebraica. As palavras entre colchete são acréscimos para facilitar a leitura.

Esta perícope é, basicamente, uma introdução ao Ciclo de Jacó, como um todo. Claramente procura mostrar a origem das histórias dos dois irmãos, Jacó e Esaú, embora haja dúvidas, entre alguns autores, se eram personagens literais ou meras figuras representativas.²²⁸ Além disso, parece mostrar que, desde o início, Deus já havia se posicionado a favor de um dos irmãos.

4.1.1 Delimitação da perícope

Bastaria uma rápida olhada para perceber certa clareza quanto à delimitação desta perícope, e, ao compará-la, com um pouco mais de atenção, com as unidades adjacentes, fica ainda mais nítida tal distinção. Um possível problema ao observar-se a perícope seguinte. Numa primeira vista tem-se a ideia de uma provável continuação. Porém, conforme será vislumbrado mais adiante, são bem independentes.

Numa primeira abordagem do texto em português, percebe-se uma narrativa genealógica, contudo, não daquelas clássicas; pois em meio às informações sobre a linhagem de descendentes o hagiógrafo acrescenta detalhes narrativos um pouco incomuns nas genealogias.

Além disso, von Rad, ao analisar Gn 25.19-34, vê os versos de 21-28 apenas como uma introdução necessária para dar uma ideia geral de tudo que viria. Isto ele afirma devido a falta de conexão entre as ideias esboçadas e ainda faz menção a certa indefinição que paira sobre ela. Segundo sua percepção, não se trata de um relato historicamente legítimo e ao mesmo tempo não pode ser encarado como saga de um grupo qualquer. Assim, sua interpretação lança dúvida sobre as corriqueiras interpretações que defendem um propósito etiológico, analisado posteriormente.²²⁹

Embora os apontamentos deste autor sejam fortes e bem delineados, é possível manter o corte proposto inicialmente: Gn 25.19-26, isso porque, nesse trecho, encontram-se a grande maioria dos conflitos por ele elencados e, concomitantemente, os versos 27 e 28 podem tranquilamente ser encaixados na narrativa posterior, onde é demonstrada uma historicidade mais plausível.

²²⁸ Nesta pesquisa parte-se do pressuposto de que ambos foram personagens históricos.

Além das diferenças vistas no quadro da seção anterior e nos parágrafos supracitados, é possível acrescentar a utilização verbal. Nos versos centrais da perícopa (tanto em posicionamento quanto em importância) há quatro verbos em cada, enquanto os demais versículos possuem de um a três verbos. Concomitantemente, os versos iniciais e os finais parecem formar uma boa “moldura” em torno da narrativa.²³⁰ Acrescente-se ainda o fato de seu verso inicial e final “amarrarem” a história como se fosse uma moldura, ou seja, eles iniciam e terminam como se fosse uma genealogia: “estas são as gerações de Isaque, filho de Abraão [...] Isaque era da idade de sessenta anos quando os gerou”²³¹

4.1.2 Estrutura da perícopa

No verso 21 há um paralelismo:

וַיַּעֲתֵר יִצְחָק לַיהוָה לְנִכְחַ אִשְׁתּוֹ כִּי עֲקָרָה הִוא

Orou Isaque

ao Senhor

por sua mulher

que era estéril

וַיַּעֲתֵר לוֹ יְהוָה וַתֵּהָרַר רֵבֶקָה אִשְׁתּוֹ:

E se atentou para ele

o Senhor

e concebeu Rebeca

esposa dele

No verso 23 há um trocadilho poético:

²²⁹ VON RAD, 1977, p. 327.

²³⁰ Há uma curiosa disposição verbal em cada versículo, que conduz a um clímax central. No verso 19 é usado apenas um verbo, no 20 são dois, no 21 três, nos versos 22 e 23 (os principais) são utilizados 4 verbos em cada, então no verso 24 usam-se 3 verbos, no 25, dois e no versículo 26, três verbos. Apesar de um aparente padrão proposital, não foi possível uma explicação para o fato de o último versículo terminar com três verbos e não com um, o que seria sugestivo, dentro deste possível esquema.

²³¹ Em geral os versículos citados, são de tradução própria, exceto quando mencionado sua fonte.

שְׁנֵי (גֵיִים) [גוֹיִם] בְּבֶטֶןךָ וְשְׁנֵי לְאֻמִּים מִמֵּעֶיךָ יִפְרְדּוּ

Dois povos (há) em teu ventre
e dois povos no ventre de ti se dividirão

וְלֵאֵם מִלְאֵם יֵאֱמָן וְרַב יַעֲבֹד צָעִיר:

e um povo de um povo será forte
e um grande trabalhará como escravo (para) um menor.

Além destes dois únicos aspectos poéticos, para Westermann trata-se de uma narrativa Javista,²³² para Brown, ela tem todos os indícios da tradição P (a fórmula *Toledot*, e a terminologia Padã-Aram),²³³ enquanto, para von Rad, é uma introdução generalizada, não limitada a uma única tradição,²³⁴ o que parece fazer muito mais sentido.

Westermann defende que os versos 22 e 23 (o oráculo sobre os meninos ainda no ventre) formam uma clara unidade menor e independente, acrescentada durante o final do processo redacional.²³⁵

Diante das indefinições redacionais vistas na seção 3.2 e nestas considerações, percebe-se que, de fato, não é uma narrativa totalmente autêntica,²³⁶ apesar de sua clara coesão.

4.1.3 *Análise conceitual de palavras chave ou expressões*

Convém lembrar que, para Michaud, essa perícopa é uma saga representativa de duas classes sociais: o homem social e civilizado em comparação ao não civilizado, vivendo nas matas.²³⁷ Embora não se possa concordar plenamente com ele, não há como negar que através dos relatos bíblicos em

²³² WESTERMANN, Claus. *Genesis 12-36: a commentary*. Minneapolis: Augsburg, 1985. p. 411.

²³³ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Traduzido por Celso Eronides. São Paulo: Academia Cristã; São Paulo: Paulus. 2007. p. 98.

²³⁴ VON RAD, 1977, p. 327.

²³⁵ WESTERMANN, 1985. p. 412.

²³⁶ Por narrativa não autêntica, entende-se uma perícopa que teve acréscimos a partir de sua estrutura original.

²³⁷ MICHAUD, 1983, p. 48.

análise, Esaú e Jacó não aparecem como meros irmãos, mas também como dois povos (Edom e Israel), duas regiões (infértil e fértil) e duas classes sociais (caçador e pastor). Entretanto, pelo fato de suas narrativas estarem interligadas e dentro de uma estrutura maior, certamente há algo mais do que simplesmente a teoria alegórica que R. Michaud propõe. Pois, se ele estivesse correto em seus pensamentos, seria lógico dizer que o homem social e urbano representa a monarquia, enquanto o não civilizado figuraria como o camponês e, desta forma, estas perícopes teriam que ser encaradas como favoráveis aos monarcas e seus desmandos.

No entanto, como conciliar o fato de que, segundo alguns autores, o Pentateuco em sua editoração final tem uma influência sacerdotal com direcionamento contra a monarquia e seus desmazelos? Ambas as teorias são excludentes; isto é, se houve interesse sacerdotal em usar as histórias ou relatos orais para ir contra toda a sociedade institucionalizada (e isso é fruto da civilização) não haveria lógica em registrar uma narrativa que deporiam contra esta tese.

Croatto, por sua vez, analisa o Pentateuco como composto com um objetivo querigmático, através do qual as pessoas simples são focadas.²³⁸ Assim, pode-se dizer que os camponeses, e não os cidadãos e palacianos, representam a figura pastoril, em Jacó.

Em contrapartida, von Rad advoga que, nesta perícope, somente pode ser feita referência a Esaú como Edom, como um acréscimo redacional tardio. Mais precisamente, ele encara Esaú como um protótipo dos caçadores que mantinham contato com os descendentes de Jacó durante o processo de colonização transjordânica, e somente mais tarde, com o assentamento nas regiões de Judá, onde Esaú passou a ser referido como Edom,²³⁹ o que parece fazer mais sentido.

4.1.3.1 Gênesis 25.19

“E estas são as gerações de Isaque filho de Abraão. Abraão fez dar à luz a

²³⁸ CROATTO, In: RIBLA, 1996, p. 14.

²³⁹ VON RAD, 1977, p. 340.

Isaque.”²⁴⁰

Esse verso dá início a uma árvore genealógica, embora, a partir do terceiro verso, fuja um pouco do habitual para inserir detalhes narrativos referentes aos descendentes.

Fora isso, Hamilton, diz que a segunda parte deste verso, por sua redundância e pela falta de paralelo, é considerado por alguns como um acréscimo, enquanto ele defende a probabilidade de se tratar de uma frase intacta. Sendo isso verdadeiro, ela seria encarada como uma indicação simples de que Isaque fora gerado por Abraão, e não como sendo o seu único descendente.²⁴¹

4.1.3.2 Gênesis 25.20

“E tinha Isaque quarenta anos quando tomou [infinitivo tomar, no hebraico] para si Rebeca filha de Betuel o arameu de Padã Arã, a irmã de Labão o arameu, para ele por esposa.”

Hamilton faz menção a uma curiosidade interessante: pela tradição rabínica o rapaz se casaria com 18 anos; pois, a partir dos 20, era considerado amaldiçoado por Deus.²⁴² Assim, pelo texto, Isaque já tinha ultrapassado e muito este ideal cultural. Todavia, não se sabe a partir de quando essa tradição passou a imperar, por isso apenas registra-se como um fato curioso.

Outro detalhe interessante é a questão dos casamentos consanguíneos. Naor casou-se com uma sobrinha, Abraão com sua meia-irmã e agora Isaque se casa com Rebeca, sua prima, algo típico da cultura hebraica e da prática da endogamia (casamento dentro de um campo de parentesco).

Outro aspecto é que Betuel e Labão eram descendentes de Arã (Gn 10.22). Segundo Champlin, a terminologia Padã faz referência a um lugar, indicando ser uma área arável, nas proximidades da cidade de Harã.²⁴³

²⁴⁰ Apesar de um tanto truncada, optou-se por manter assim a tradução do texto na forma ultraliteral, a fim de dar um pouco mais de proximidade ao texto em hebraico.

²⁴¹ HAMILTON, Victor P. *The Book of Genesis: chapters 18-50*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994. p. 175.

²⁴² HAMILTON, 1994. p. 175.

²⁴³ CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado: Versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2000. p. 174.

Hamilton levanta dúvidas sobre essa localidade, pois, a partir de Gn 24.10 (quando o servo de Abraão vai buscar Rebeca como esposa para Isaque), a região da família dela ficava em Aram-naharaim (na Alta Mesopotâmia), aqui porém, dá-se a ideia de uma região a noroeste da Mesopotâmia, e assim entende-se literalmente, como: “estrada de Aram”.²⁴⁴

4.1.3.3 Gênesis 25.21

“E pediu Isaque para Yahweh no lugar da esposa dele pois ela *era* estéril e atendeu para ele Yahweh e concebeu a mulher dele.”

Isaque intercede pela esposa, por um bom período. A julgar pelo verso 26, foram vinte longos anos de esterilidade. Um destaque interessante é a “equação” Deus X esterilidade. Afinal, todas as matriarcas eram estéreis (com exceção de Lea, a esposa que Jacó não amava). Para aquela época era algo terrível uma mulher não conseguir ter filhos. Para os patriarcas, por sua vez, isso se agravava ainda mais, visto que as promessas divinas estavam “condicionadas” ao maior número possível da prole.

Diante disso, Brueggemann vê na menção sobre a esterilidade, acima de uma constatação de algum problema biológico, uma autêntica declaração do poder de Deus e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da necessidade da família patriarcal em obter a intervenção divina para cumprimento da promessa. Ele ainda menciona que a intenção do hagiógrafo é deixar claro que o nascimento dos meninos deu-se como resposta a uma oração de súplica.²⁴⁵

Hamilton, faz uma interessante comparação entre Rebeca e Sara, ambas matriarcas com grandes responsabilidades relacionadas ao futuro da promessa divina, porém, estéreis. Curiosamente, existe um paralelo muito significativo entre suas histórias: embora Abraão tenha orado pela família de Abimeleque (Gn 20.17) e com isso eles foram curados e tiveram filhos, não há menção de que ele orara por Sara. Fora isso, tanto com Sara, quanto mais tarde com Raquel, a ênfase encontra-

²⁴⁴ HAMILTON, 1994. p. 175.

²⁴⁵ BRUEGGEMANN, 1982, p. 212.

se na visita que Deus faz a ambas e o destaque é feito à oração insistente de Isaque.²⁴⁶

Quanto a esta prece, o verbo usado para indicar a súplica de Isaque a Yahweh, segundo Hamilton, muitas vezes é utilizado na busca de socorro em situações de grande desconforto, suplicando-se por uma situação muitíssimo desagradável.²⁴⁷

4.1.3.4 Gênesis 25.22

“E empurravam um ao outro no corpo dela e *ela* disse se é assim por que este eu estou? E foi buscar a Yahweh.”

Brueggemann, vê nesse conflito ainda no ventre, uma mostra do caráter de Jacó, encarando-o como alguém “forjado” para o combate e, ainda, como o possuidor de uma atitude aguerrida, que seria refletida ao longo de todo o ciclo. Não era uma escolha puramente dele, mas ele nascera para o conflito. Curiosa e negativamente, esse autor tenta justificar ou defender os atos futuros de Jacó, como se ele antes mesmo do nascimento fora tomado por uma força negativa que o levaria às trapaças.²⁴⁸ Embora não se concorde plenamente com ele, não há como negar a provável intenção do autor sagrado que pressupõe a preeminência de Jacó desde muito cedo, antes mesmo de nascer.

O final da primeira parte deste verso é truncado: literalmente seria: “Se assim, por que (sou, estou) eu?” a versão siríaca²⁴⁹ acrescentou a palavra “viva”: “Se assim, por que estou viva?”. Mas a pergunta continua intrigante: isso diz respeito à mulher ou a seus filhos? A considerar pela sua procura de “explicações” percebe-se não se tratar meramente de uma possível “crise existencial”, como foi sugerido numa tradução em português²⁵⁰: “se é assim, o que adianta viver?”. Seria mais lógico ela

²⁴⁶ HAMILTON, 1994. p. 175s.

²⁴⁷ HAMILTON, 1994. p. 176.

²⁴⁸ BRUEGGEMANN, 1982, p. 214.

²⁴⁹ Conforme indicação em A BÍBLIA Sagrada. Hebraico. Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 2007, p. 38.

²⁵⁰ A BÍBLIA Sagrada. Português. Tradução de GARMUS, Ludovico. *Bíblia Sagrada*. 45. ed. Petrópolis: Vozes, Aparecida: Santuário.

perguntar-se sobre o que acontecia, do que desejar a morte, como o faz em Gn 27.46. Kidner, já havia levantado essa ideia.²⁵¹

Diferentemente do verso anterior, onde Isaque é quem ora a Deus pela esterilidade de sua esposa, aqui, tanto em sua busca quanto em sua resposta, Rebeca é quem “aproxima-se” de Deus. É ela quem o busca e é a ela que o Senhor responde.

Hamilton destaca que, a raiz do verbo com a qual Rebeca ora a Deus é diferente daquela utilizada por Isaque. No v. 21, o clamor é mais precisamente para situações difíceis, e conseqüentemente, tem como resposta uma ação divina. Aqui, por sua vez, a raiz denota uma busca mais por explicação do que por uma ação, propriamente dita, e como resposta, vem a explanação/oráculo do verso 23.²⁵²

Curiosamente, só há menção à busca por Deus, não há topônimos (designação de lugares sagrados) e não é falado nada a respeito da oração em si, nem sobre a promessa aos pais e muito menos da forma como Deus irá agir.²⁵³ Semelhantemente, não há menção alguma à maneira pela qual Yahweh é buscado. Hamilton, vê nestes versos uma formulação tipicamente utilizada pelos profetas, i.e., o versículo tem quatro partes comuns no período de profetismo em Isarel: a) uma descrição da necessidade (inicialmente a esterilidade, depois o desconforto no ventre), b) a consulta direta a Yahweh, sem intermediários, c) a entrega de um oráculo (v. 23 – o menor servirá ao maior), e d) a descrição de cumprimento do oráculo (v. 24 – Jacó nasce segurando o calcanhar de Esaú).²⁵⁴

4.1.3.5 Gênesis 25.23

“E disse Yhawehe para ela: dois povos *há* em teu ventre e dois povos no ventre de ti dividir-se-ão e povo de povo será forte e grande trabalhará como escravo *para* menor.”

²⁵¹ KIDNER, D.K. *Gênesis: introdução e comentário*. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Edições Vida Nova, Mundo Cristão, 2006. p. 140.

²⁵² HAMILTON, 1994. p. 176.

²⁵³ VON RAD, 1977, p. 327.

²⁵⁴ HAMILTON, 1994. p. 177.

A resposta de Yahweh é uma declaração, em forma de poema. Não se sabe se ele já existia como tal ou surgiu neste momento. Embora apareçam dúvidas quanto ao processo redacional, a mensagem é clara: dois povos distintos sairiam de seu ventre. Kidner vê na expressão “dividir-se-ão” a ideia de incompatibilidade.²⁵⁵ Outro detalhe, também importante, é que a existência deste oráculo lança muita luz aos acontecimentos posteriores (Gn 25.27-34 e Cap 27).

Segundo Westermann, os versos 22 e 23 formam um *vaticinium ex eventu*, existente inicialmente de forma independente, mas que fora inserido nesta narrativa para legitimar a vitória de Israel sobre Edom.²⁵⁶

Hamilton, vê como uma profecia a cumprir-se quase um milênio mais tarde, quando os edomitas se tornam servos de Davi. Ele ainda menciona a possibilidade de Rebeca não imaginar quão longe estava esse oráculo de seu cumprimento.²⁵⁷

Para von Rad, o oráculo tão somente refira-se ao “aspecto exterior da relação futura entre os irmãos”.²⁵⁸

4.1.3.6 Gênesis 25.24

“E cumpriu-se o dia dela parir e eis que *havia* gêmeos no ventre dela.”

Claramente é uma declaração de que o vaticínio se cumprira. Enquanto para Hamilton, o oráculo dá condições a Rebeca de entender e suportar melhor sua gravidez, destacando ainda o fato das duas nações do ventre serem gêmeas.²⁵⁹

Oporto e Garcia, mencionam que a resposta em forma de oráculo, não servia apenas para acalmar o coração de uma mãe angustiada pela agitação em seu ventre, mas também como introdução geral a toda temática marcada no ciclo: as disputas entre os irmãos. Estes autores ainda falam sobre a possibilidade de um duplo sentimento quanto ao nascimento dos gêmeos: alegria, pois Rebeca seria

²⁵⁵ KIDNER, 2006, p. 141.

²⁵⁶ WESTERMANN, 1985, p. 412.

²⁵⁷ HAMILTON, 1994, p. 178.

²⁵⁸ VON RAD, 1977, p. 327.

²⁵⁹ HAMILTON, 1994, p. 178.

mãe de duas nações, e ao mesmo tempo tristeza, pela inversão dos valores culturais, afinal o menor seria o mais bem sucedido.²⁶⁰

4.1.3.7 Gênesis 25.25

“E saiu o primeiro avermelhado todo ele como capa de pelo e chamaram o nome dele Esaú.”

Não é possível dizer que o nome Edom tem a ver com a cor de sua pele. Isso não é enfatizado. Existe a dúvida se a coloração “ruiva” ou o fato dele ser “peludo” teria essa aplicação. Porém, o mais provável é que seu nome tenha ligação com a coloração avermelhada, como será enfatizado no verso 30.

Para Alonso Schökel, o nome Edom, com significado vermelho ou marrom, é associado pela tradição aos descendentes de Esaú, enquanto Seir teria associação com “peludo”, sendo o nome da região montanhosa onde os edomitas moravam.²⁶¹

Segundo Hamilton, a cor é utilizada com referência à cor da pele, para descrever a Davi. Aqui, faz referência à cor da pele de Esaú, ou dos cabelos. Mais provavelmente referindo-se a este último. Assim, “corado” teria uma proximidade maior com Edom do que com Esaú. Ele chega a propor que esse final deveria ser: “eles o nomearam Edom”, pois Esaú neste conjunto não faz sentido. Ademais, o termo “avermelhado” tem uma relação maior com o nome Edom, e “peludo” para Seir.²⁶²

Oporto e Garcia, veem simplesmente uma menção necessária como referência às perícopes posteriores. Desta forma, a cor avermelhada faria alusão ao prato de lentilhas, e o corpo coberto de pelos lembraria a forma como Jacó se passaria por ele.²⁶³

²⁶⁰ OPORTO, Santiago Guijarro; GARCIA, Miguel Salvador (Ed.). *Comentário ao Antigo Testamento I*. Tradução de José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2002. p. 87.

²⁶¹ ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Pentateuco I: Genesis y Exodo*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1970. p. 116.

²⁶² HAMILTON, 1994. p. 178.

²⁶³ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 87.

4.1.3.8 Gênesis 25.26

“E depois saiu o irmão dele e a mão dele pegando no calcanhar de Esaú e chamaram o nome dele Jacó e era Isaque da idade de sessenta anos quando gerou [infinitivo gerar, no hebraico] à eles.”

Para von Rad, este verso tem uma boa pitada de humor, mas ele não consegue dizer exatamente qual o objetivo, ou mesmo se há algum, nessa narrativa em que Jacó sai com a mão grudada no calcanhar do irmão.²⁶⁴

Talvez a intenção fosse fazer alusão à trajetória dele. Todavia, em semelhança à polêmica do verso anterior, apenas a partir do texto não há como fazer uma ligação direta do nome Jacó e o fato dele ter nascido apegado ao calcanhar de seu irmão. Embora, tradicionalmente, segundo Kidner, diga-se que Jacó significa: “esteja nos calcanhares” ou “seja Deus a sua retaguarda”,²⁶⁵ ainda, segundo Rad pode ser encarado como “que Deus proteja”.²⁶⁶

Segundo Ausin, o nome de Jacó pertence à mesma raiz de suplantar.²⁶⁷ Segundo Alonso Schökel, é derivado do tronco semântico de calcanhar,²⁶⁸ e na opinião de Ballarini a associação de Jacó com calcanhar estaria relacionado a “alguém que pretende derrubar outra pessoa”.²⁶⁹

Motyer também é favorável a essa última ideia. Segundo ele, Jacó corresponde a “suplantador” e diz ainda que “por muito tempo a marca registrada de seu caráter foi o oportunismo, a luta para tirar vantagem a qualquer preço e desonestamente.”²⁷⁰

Diante de tamanhas discrepâncias, Hamilton acrescenta ainda que neste verso há um novo jogo de palavras: o mais novo foi nomeado por suas ações (Jacó = nascido agarrado), enquanto o mais velho fora pela aparência, conforme visto no verso anterior. Diz ainda, que os estudiosos concordam que Jacó seria uma

²⁶⁴ VON RAD, 1977, p. 327.

²⁶⁵ KIDNER, 2006. p.141.

²⁶⁶ VON RAD, 1977, p. 328.

²⁶⁷ AUSIN, Santiago. *La tradición de Jacob em Oseas 12. In: ESTUDIOS BIBLICOS. Vol XLIX, Segunda época, Cuaderno 1. Madrid: Centro de Estudios Teológicos San Damasco; Asociación Bíblica Española, 1991. p. 10,11.*

²⁶⁸ ALONSO SCHÖKEL, 1970. p. 116.

²⁶⁹ BALLARINI, 1975. p. 115.

²⁷⁰ MOTYER, 1999, p. 292.

abreviação de “Deus o proteja”,²⁷¹ embora Freedman defenda ser um nome único, com o significado de “auto suficiente” ou “aquele que se resolve por si mesmo”.²⁷²

Ao que parece, houve uma evolução no significado desse nome. Há registros antigos, extra-bíblicos, da existência tanto de Jacó (como nome único) quanto de Jacob-El.²⁷³ Assim, de agarrar (utilizado neste verso) passa a ser reinterpretado em Gn 27.36 como “seguir proximamente, ultrapassar ou suplantar”, que pode ter sofrido uma evolução para “conter, parar, segurar”. Por isso, o significado do nome Jacó pode ser tomado como uma oração (“que Deus proteja”) ou como um anúncio (“Deus o protegerá” ou “Deus o tem protegido”). Isso pode aplicar-se aos desafios que teria pela frente, ou pela menção ao conflito no ventre, em especial, ao fato dele ter sobrevivido.²⁷⁴

Quanto à idade de Isaque, Kidner destaca que os vinte anos de espera, obtidos a partir da associação deste verso com o v. 20, seria um típico padrão do agir divino para feitos ou escolhas excepcionais, i.e., grandes homens como José, Sansão e Samuel nasceram após um período de dificuldade e oração.²⁷⁵

Diante de tudo isso, o que parece estar claro é a participação de Jacó, mesmo ainda infante, nos planos de Deus. Desta forma, o plano divino desencadeou-se logo a partir de seu nascimento e, aparentemente, sob a intenção do autor sagrado, demonstrava que Yahweh está no controle de tudo.

4.1.4 Considerações finais

Esta perícopé serve como uma boa introdução para todo o ciclo de Jacó, a partir da junção de várias fontes. Ademais, é uma narrativa bastante simples com poucas curiosidades acerca da história ali registrada.

Não foi possível perceber se haveria alguma relação sobre o fato das três matriarcas serem estéreis, ou qual teria sido a intenção do autor sacro em associar o nome Esaú com a coloração avermelhada de sua pelagem.

²⁷¹ HAMILTON, 1994. p. 178.

²⁷² FREEDMAN, 1963 apud HAMILTON, 1994, p. 178

²⁷³ HAMILTON, 1994. p. 178.

²⁷⁴ HAMILTON, 1994. p. 179.

²⁷⁵ KIDNER, 2006, p. 140.

Quanto ao vaticínio sobre os dois irmãos, embora haja autores defendendo algo acrescido posteriormente, há a possibilidade de ter sido um oráculo proferido durante a gravidez, pois, mesmo para uma linha de interpretação meramente histórica não se tem tantos aspectos que não pudessem ser mencionados antecipadamente.

4.2 Análise de Gênesis 25.27-34

Verso 27 – Esaú homem interessado na caçada, homem do campo. Jacó, um homem calmo, habitava em tendas.

Verso 28 – Isaque amava a Esaú porque comia de sua caça. Mas Rebeca amava [Qal participio] a Jacó.

Verso 29 – Jacó cozinhava uma comida, Esaú chegou exausto do campo.

Verso 30 – Esaú disse a Jacó: Deixa-me engolir rapidamente, vamos! Deste vermelho. Pois eu estou exausto. Por conta disso ele foi chamado de Edom.

Verso 31 – Então Jacó disse: Vende cada dia o teu direito de primogenitura para mim.

Verso 32 – Esaú disse: eis que eu tenho caminhado para morrer; então para que servirá o meu direito de primogenitura?

Verso 33 – Então disse Jacó: Jura para mim cada dia [hoje] e Esaú jurou para ele e vendeu o seu direito de primogenitura para Jacó.

Verso 34 – E Jacó deu para Esaú pão e um prato de lentilha. Então Esaú devorou tudo, bebeu, levantou-se e seguiu; assim desprezou Esaú o direito de primogenitura.

Curiosamente, os versos 27 e 34, respectivamente, iniciam e concluem a perícopes, possuindo uma correlação bem significativa: parecem fazer um juízo de valores sobre as personagens principais da história. O último está bem claro neste sentido ao dizer que: “Esaú desprezou o direito de primogenitura”, enquanto o primeiro verso parece indicar, segundo von Rad, que Jacó era uma pessoa mais apegada aos costumes morais, quando o denomina de tranquilo.²⁷⁶

²⁷⁶ VON RAD, 1977, p. 328.

4.2.1 Delimitação de perícopes

Embora, numa primeira análise, se pense numa perícopes interligada com a anterior (Gn 25.19-26), como alguns teólogos o fazem, há certos aspectos que comprovam sua independência.

Primeiramente, há a mudança de cenário, na anterior os meninos estavam no ventre e neste momento já estão crescidos. Os versos 27 e 34, servem como uma boa moldura, pois ambos mencionam ações dos dois irmãos e fazem um juízo de valores. Além disso, a fluidez da narrativa é bem diferente da anterior, tendo uma linha de pensamento coesa e bem delineada. Enquanto aquela seria considerada uma introdução geral ao ciclo como um todo, essa parece ter boa probabilidade histórica.

Também é observado que toda a narrativa gira em torno dos irmãos. Somente no verso 28 é que Isaque e Rebeca são mencionados, mas com a intenção de indicar as preferências deles por cada filho. Além disso, em seis dos oito versos faz-se menção direta aos dois irmãos, exceto os versículos 30 e 31 que, respectivamente, tratam da proposta de compra de Jacó e da justificativa de Esaú sobre a irrelevância da primogenitura naquele momento.

4.2.2 Estrutura da perícopes

Numa primeira leitura em português, um detalhe é evidenciado: em geral, as narrativas acerca de Jacó são mais curtas e diretas, enquanto as que dizem respeito a Esaú aparecem sempre acrescidas de uma justificativa ou explicação. Após uma nova leitura no texto hebraico, percebeu-se que dos versos 28 a 34a há uma estrutura muito forte em torno do número três, ou seja, cada informação direta dentro de cada versículo é composta por três ou seis palavras; e as informações gerais, que podem ser vistas como possíveis acréscimos, possuem duas palavras e frases mais explicativas também são apresentadas com três palavras.

Segue abaixo uma reorganização do texto, procurando-se respeitar e salientar essa possível distinção. O número que antecede cada verso diz respeito à

quantidade de palavras no texto massorético e as frases sublinhadas são os possíveis acréscimos informativos ou explicativos.

- v.27 2 E cresceram os meninos
 7 e tornou-se Esaú homem interessado na caçada, homem do campo.
 5 E Jacó homem calmo, habitava em tendas.
- v.28 3 E amava Isaque a Esaú
 2 por causa da caça em sua boca.
 3 E Rebeca amava a Jacó.
- v.29 3 E cozinhou Jacó uma comida
 3 e chegou Esaú do campo
 2 e ele estava exausto.
- v.30 3 E disse Esaú a Jacó:
 3 Deixa-me engolir rapidamente, do vermelho vamos!
 2 Deste vermelho.
 3 Porque exausto eu estou.
 3 Por isso chamou o nome dele Edom.
- v.31 6 Então disse Jacó: Vende cada dia o teu direito de primogenitura para mim.
- v.32 6 Então disse Esaú: eis que eu tenho caminhado para morrer;
 3 Então para que é este meu direito de primogenitura?
- v.33 3 Então disse Jacó: Jura!
 2 para mim cada dia (hoje)
 2 e jurou para ele
 3 e vendeu o direito de primogenitura dele para Jacó.
- v.34 3 E Jacó deu para Esaú pão e um prato de lentilha.
 4 Então devorou e bebeu e levantou-se e seguiu;
 3 Assim desprezou Esaú o direito de primogenitura.

Assim, acredita-se que inicialmente existia uma história mais simples e, com o passar do tempo, aconteceram pequenos acréscimos. Nesta proposta hipotética, lê-se a seguinte narrativa:

- v.28 3 E amava Isaque a Esaú
 3 E Rebeca amava a Jacó.

v.29	3	E cozinhava Jacó uma comida
	3	E chegou Esaú do campo
v.30	6	E disse Esaú a Jacó: Deixa-me engolir rapidamente, do vermelho vamos!
v.31	6	Então disse Jacó: Vende cada dia o teu direito de primogenitura para mim.
v.32	6	Então disse Esaú: eis que eu tenho caminhado para morrer;
v.33	3	Então disse Jacó: Jura!
	3	E vendeu o direito de primogenitura dele para Jacó.
v.34	3	E Jacó deu para Esaú pão e um prato de lentilha.

Como não foi possível uma maior comprovação destes apontamentos e, conforme mencionado anteriormente, a pesquisa se dará no texto como um todo, a lição a ser pesquisada é aquela deixada pelo redator ou editor final.

4.2.3 Análise conceitual de palavras chave ou expressões

Segundo Vermeylen, o trecho de Gn 25.29-34 é reconhecido como uma antiga variante da história narrada no capítulo 27.²⁷⁷ Isso explica o fato de ambas as perícopes aparentarem um isolamento muito grande, ou seja, não há nenhuma alusão no capítulo 25 sobre a possível existência do 27. Em contrapartida, neste último aparece uma menção rápida no verso 36 dizendo que Jacó tirara o direito de primogenitura de Esaú, porém, sem esboçar qualquer detalhe que servisse de elo entre eles.

Outro aspecto interessante foi o recorte que esse autor fez a partir do verso 29. Se ele estiver certo, o versículo anterior (v.28) pode ser visto em perfeita sintonia com o conjunto e ainda concordaria com o capítulo 27. Todavia, como visto anteriormente, se as várias unidades literárias menores do ciclo de Jacó, foram criadas isoladamente, como parece ter acontecido, então, ambas podem ser autênticos recortes e sem a necessidade de dependência um ao outro. Alonso

²⁷⁷ VERMEYLEN, *In*: PURY, 1996, p. 161.

Schökel, por sua vez, diz que o capítulo 27 seria uma continuação dessa narrativa, fazendo especial menção ao verso 28.

4.2.3.1 Gênesis 25.27

“Esaú homem interessado na caçada, homem do campo. Jacó, um homem calmo, habitava em tendas.”

Homem calmo pode ser entendido com alguém ordenado e tranquilo, podendo indicar “a inserção [de Jacó] a uma vida coletiva com seus sistemas morais”.²⁷⁸ Von Rad ainda vê nessa narrativa, uma clara distinção entre duas culturas cujas necessidades vitais são bem distintas: os pastores e os caçadores. O primeiro, sedentário e culto, o segundo um tanto errante e selvagem. Culturas estas com uma impossível simbiose, devido às suas necessidades vitais bem distintas.²⁷⁹ Entretanto, nenhum destes autores respondeu a pergunta – pelo menos nem se deu conta de que ela exista – por que Isaque amaria o filho errante e selvagem se, ao que parece, procurou assentamento (Gn 26)?

Alonso Schökel ainda vê na diferenciação dos irmãos, uma clara diferença do estilo de vida de dois povos bem opostos entre si: os caçadores, espertos contra os animais, mas viventes do momento, contrapostos com os pastores, pessoas mais atentas ao futuro, organizadas e pró-ativas.²⁸⁰

Kidner não se preocupa em diferenciar os irmãos, mas vê na descrição de Jacó como tranquilo, *tam*, a inclusão da “ideia de ‘inteiro’ ou ‘sólido’, a altaneira qualidade que fez de Jacó, em sua melhor condição, vigorosamente merecedor de confiança e, em sua pior condição, um adversário formidavelmente impassível.”²⁸¹

Não obstante, Hamilton diz que, geralmente, no Antigo Testamento, o substantivo *tam* é traduzido como inocente ou com relação a integridade moral. Porém, para esse caso em particular, ele cita duas razões para a probabilidade de não usá-la: primeiro, Jacó é qualquer coisa menos inocente e depois, como principal argumento, diz que é um contraste estranho e sem sentido para ser usado com Esaú

²⁷⁸ VON RAD, 1977, p. 328.

²⁷⁹ VON RAD, 1977, p. 328.

²⁸⁰ ALONSO SCHÖKEL, 1970. p. 116.

(como homem do campo e caçador). Ele diz ainda, que de igual modo, é ilógico afirmar que o uso generalizado desse substantivo com essa conotação moral, serve para comprovar a preferência bíblica para a vida domesticada dos nômades. Desta feita, defende que *tam* não é derivado de *tamam* mas de *tim*, uma raiz arábica com o significado de "a ser mantido em sujeição, escravizada (pelo amor)" e, a partir de seu desenvolvimento semântico, teria obtido o significado de alguém "domesticado" ou "caseiro"; e nesse sentido, seria um perfeito contraste com Esaú, o homem do campo.²⁸²

Diante dessas considerações é possível concordar com Brown, que defende, a partir desta indicação (homem tranquilo versus homem do campo), que Esaú era o mais indicado a sucessão; pois além de ser o primogênito e o favorito do pai, era o mais forte.²⁸³ Atitude tão necessária para aqueles dias.

4.2.3.2 Gênesis 25.28

"Isaque amava a Esaú porque comia de sua caça. Mas Rebeca amava (Qal participio) a Jacó."

O motivo pelo qual Isaque amava a Esaú está mui claro: ambos tinham uma paixão em comum. Mas quanto à preferência de Rebeca por Jacó, embora clara, não está referenciada. Conforme Alter, sua preferência é algo muito mais fundamentada, justamente por não depender de aspectos físicos ou interesseiros.²⁸⁴ O que aparentaria mera conjectura, pela falta de provas apresentadas por ele, pode ter um fundo de verdade, quando levado em consideração o uso do participio para descrever o amor de Rebeca, e para falar sobre o amor de Isaque foi usado o Qal (uma função verbal que denota uma ação simples).

Oporto e Garcia mencionam que: "satiricamente, o autor dá a entender que o carinho de Isaac por Esaú passava pelo estômago", sendo uma contraposição a

²⁸¹ KIDNER, 2006, p. 141.

²⁸² HAMILTON, 1994, p. 181.

²⁸³ BROWN, 1971, p.106.

²⁸⁴ ALTER, 1981 apud HAMILTON, 1994, p. 182.

Jacó (que literalmente poderá ser traduzido como calcanhar ou aquele que se vale por si só).²⁸⁵

4.2.3.3 Gênesis 25.29

“Jacó cozinhava uma comida, Esaú chegou exausto do campo.”

Hamilton destaca que o verbo utilizado para indicar que Jacó estava cozinhando, costumeiramente tem uma conotação de “agir presunçosamente”, ou seja, inicialmente o verbo significava “cozinhar, preparar ou ferver”, desenvolveu-se para “tornar-se aquecido, animado” e, por último, ganhou a conotação de presunção.²⁸⁶ Como ele não chega a definir quais seriam as épocas de cada fase dessa evolução, há dúvida se o hagiógrafo já tinha ideia dessa conotação pejorativa do verbo, ou se essa narrativa era uma boa incentivadora para esta aplicação; pois a ideia de um Jacó ciente do que quer está muito clara na narrativa.

Quanto à exaustão de Esaú, Hamilton prefere dizer que ele estava apenas faminto, pois no verso seguinte ele só pede por comida. Embora ele mesmo concorde com a possibilidade da exaustão ser possível a partir da fome e do esforço utilizado na caçada fracassada.²⁸⁷

4.2.3.4 Gênesis 25.30

“Esaú disse a Jacó: Deixa-me engolir rapidamente, vamos! Deste vermelho. Pois eu estou exausto. Por conta disso ele foi chamado de Edom.”

Curiosamente não há descrição da parte de Esaú sobre o nome do que ele desejava. Hamilton define-o como “material vermelho”,²⁸⁸ enquanto Kidner sugere a

²⁸⁵ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 87.

²⁸⁶ HAMILTON, 1994, p. 182.

²⁸⁷ HAMILTON, 1994, p. 182.

²⁸⁸ HAMILTON, 1994, p. 182.

seguinte tradução: “deixa-me engolir um pouco desta **droga** vermelha, essa **droga** vermelha...”²⁸⁹

Segundo Skinner, a expressão toda seria uma declaração grosseira indicando uma voracidade animal.²⁹⁰ Sem a preocupação com as consequências desse gesto.

Hamilton ainda diz que a ênfase deste verso está na cor vermelha do guisado, ou alguma coisa relacionada a ela.²⁹¹ Porém não dá nem uma dica sobre o que seria ou qual a relação disso com Esaú, mesmo fazendo alusão ao fato de um pesquisador defender que entre alguns povos antigos era comum os homens serem tingidos de vermelho por motivos heróicos ou cerimoniais.²⁹²

Todavia, algo deveras curioso é o fato de lentilhas cozidas terem uma coloração escurecida, algo próximo ao esverdeado; mas nem de longe pareceria com o amarronzado ou vermelho, descrito pela palavra *'adom*. Por isso, von Rad menciona que é bem provável que Esaú tenha pensado que o guisado fosse à base de sangue, por isso se sentiu ofendido lá adiante, em Gn 27.36. Além da ênfase à palavra vermelho, ele acrescenta o fato de somente ao final do relato ser mencionada a lentilha, como nome do prato.²⁹³

Porém, Brenner acha que não se justifica tal teoria pelo fato da inexistência de qualquer paralelo etimológico entre Edom e sangue, embora a fonética seja bastante similar. Além de que, segundo ele, há uma única utilização associando a palavra *'adom* (vermelho) com *dam* (sangue), isso em II Rs 3.22.²⁹⁴ No entanto, apesar de Brenner estar correto em seus argumentos, não podem ser utilizados como refutação da teoria exposta acima, ou seja, Esaú poderia muito bem pensar que se tratava de uma sopa de sangue, sem que isso tivesse alguma relação direta com a etimologia dos edomitas, que claramente está vinculada com a cor vermelha.

Para fugir da questão, Hamilton defende que a cor *'adom*, mencionada no texto, pode tranquilamente incluir outros tons cromáticos. Além do vermelho, faz referência ao laranja, laranja-amarelado ou marrom-amarelado (sendo esta última

²⁸⁹ KIDNER, 2006, p. 141. O negrito foi acrescentado para indicar a principal mudança sugerida pelo autor.

²⁹⁰ SKINNER, [-] apud HAMILTON, 1994, p. 182.

²⁹¹ HAMILTON, 1994, p. 183.

²⁹² GORDON, 1965 apud HAMILTON, 1994, p. 183.

²⁹³ VON RAD, 1977, p. 329.

²⁹⁴ BRENNER, 1982 apud HAMILTON, 1994, p. 186.

mais aproximativa à coloração de um prato de lentilhas).²⁹⁵ Contudo, o que se ganha nesta aproximação quanto à lentilha, se perde no que diz respeito à etimologia dos edomitas, preferindo-se as explicações anteriores que defendem que Esaú pensara se tratar de um prato realmente vermelho.

4.2.3.5 Gênesis 25.31

“Então Jacó disse: Vende cada dia o teu direito de primogenitura para mim.”

Von Rad também vê nesta barganha algo legítimo.²⁹⁶ Além de concordar, Schultz, menciona que há indícios nos costumes de Nuzu sobre a prática de se barganhar o direito de primogenitura.²⁹⁷ Mas somente Kidner descreve os detalhes desta transação, segundo ele, “provas oriundas de Nuzi mostram que entre os horeus contemporâneos esse direito [de primogenitura] era transferível, caso em que um irmão pagava três ovelhas por uma parte da herança”.²⁹⁸

Aqui Jacó parece espontâneo e direto. Sabe exatamente o que quer e não mede esforços a fim de conseguí-lo. Porém, diferentemente de Esaú que usa, no verso anterior, um imperativo acompanhado de uma partícula de urgência e súplica, aqui Hamilton chama a atenção para a agressividade de Jacó. Em suas palavras ele dita os termos da transação, como alguém que está totalmente seguro em uma condição de força e poder.²⁹⁹

Von Rad defende uma clara ligação entre este direito de primogenitura com a promessa feita aos grandes antepassados, e por isso, a importância mostrada por Jacó em obtê-la.³⁰⁰ Entretanto, ele não consegue deduzir por esta perícope a que, exatamente, se refere esse direito.

²⁹⁵ HAMILTON, 1994, p. 186.

²⁹⁶ VON RAD, 1977, p. 329.

²⁹⁷ SCHULTZ, 1998, p. 35.

²⁹⁸ KIDNER, 2006, p. 140.

²⁹⁹ HAMILTON, 1994, p. 183.

³⁰⁰ VON RAD, 1977, p. 330.

4.2.3.6 Gênesis 25.32

“Esaú disse: eis que eu tenho caminhado para morrer; então para que servirá o meu direito de primogenitura?”

Hamilton acredita que Esaú tenha exagerado, e muito, em sua real situação. Pois um simples prato de comida não seria suficiente para resgatá-lo da morte.³⁰¹ Mas o certo é que ele troca sua posição privilegiada por algo simplesmente momentâneo.

Von Rad, vê, nessa atitude, simplesmente a figura do caçador acostumado ao seu dia-a-dia, ou seja, não é que Esaú não soubesse do valor da primogenitura, mas para aquele momento, ela não lhe servia pra nada.³⁰² Curiosamente, excetuando o verso 34, não há nenhum indício de juízo de valores por parte do redator.

4.2.3.7 Gênesis 25.33

“Então disse Jacó: Jura para mim cada dia [hoje] e Esaú jurou para ele e vendeu o seu direito de primogenitura para Jacó.”

Hamilton vê neste imperativo: “Jura para mim” um contraste dramático com 47.31;³⁰³ pois enquanto aqui Jacó se mostra como dono da situação, aquele que dita as regras, lá ele já está velho e dependente de alguém para realizar o seu último pedido.³⁰⁴

Segundo Von Rad, o juramento naquela época constituía em si mesmo uma obrigação absoluta entre ambas as partes envolvidas.³⁰⁵ Por isso Jacó, antes de dar a comida a seu irmão pede que ele faça tal juramento.

³⁰¹ HAMILTON, 1994, p. 185.

³⁰² VON RAD, 1977, p. 329,330.

³⁰³ Este texto fala sobre o momento em que Jacó chama por José e pede-lhe que, ao morrer, seu filho não o sepulte no Egito, mas junto à sepultura de seus pais.

³⁰⁴ HAMILTON, 1994, p. 185.

³⁰⁵ VON RAD, 1977, p. 329.

4.2.3.8 Gênesis 25.34

“E Jacó deu para Esaú pão e um prato de lentilha. Então Esaú devorou tudo, bebeu, levantou-se e seguiu; Assim desprezou Esaú o direito de primogenitura.”

Oporto e Garcia veem nessa declaração tardia sobre a lentilha, um logro e tanto. Embora eles não expliquem claramente, percebe-se que Esaú abdicou de sua primogenitura pensando se tratar de um prato mais nobre. Não que isso viesse a justificar sua decisão.³⁰⁶ Daube é mais específico em afirmar isso.³⁰⁷

Brown, vai além, diz que Jacó prometera um prato vermelho (uma sopa de sangue), mas depois do juramento só havia dado lentilha e pão.³⁰⁸ Não obstante, se isso tivesse ocorrido, Esaú não teria comido simplesmente. É mais provável que ele chegasse a pensar ser algo diferente, mas que na realidade era apenas lentilha.

Hamilton defende que a palavra יָצַח (yvez), traduzida como desprezo, aqui deveria ser utilizada com o sentido de repúdio ou rejeição. Pois desprezar ou encarar com desprezo, embora oriundos de mesma raiz, geralmente é utilizado para referir-se ao desprezo de uma pessoa a outra, ao desprezo a Deus, à sua Palavra ou, ainda a um juramento da aliança com Yahweh.³⁰⁹ Contudo, diante da “sacralidade” do direito de primogenitura, não se pode dizer que se tratava de uma coisa qualquer, para a qual a palavra “rejeição” deveria ser preferida.

Assim, continua-se com a ideia de desprezo. Conforme Kidner, Esaú estava “abraçando a qualquer custo o presente e o tangível, desprezando a melhor parte (33) e saindo sem nenhuma preocupação (34) – diga-se de passagem, longe de estar morrendo [...]”.³¹⁰

³⁰⁶ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 87.

³⁰⁷ DAUBE, 1947 apud HAMILTON, 1994, p. 186.

³⁰⁸ BROWN, 1971, p.106.

³⁰⁹ HAMILTON, 1994, p. 186.

³¹⁰ KIDNER, 2006, p. 141.

4.2.4 Ponderações finais

Trata-se de uma perícope bastante independente. Aparentemente, sob o prisma da quantidade de palavras localizadas em cada verso e a disposição de alguns comentários, parece que inicialmente havia uma narrativa mais enxuta e mais neutra. Porém, as lições retiradas de suas linhas, foram a partir da forma atual.

Quanto às curiosidades ali encontradas, pode-se ver que o adjetivo mais apropriado para referir-se a Jacó é calmo e não íntegro.

O amor de Rebeca por Jacó parece desarraigado de qualquer condição, diferentemente do vínculo entre Isaque e Esaú, que depende sempre de uma justificativa.

Quanto à barganha da primogenitura, descobriu-se que Jacó não pode continuar sendo encarado como ladrão, pois a negociação sobre o direito de primogenitura não tem nenhum aspecto imoral em si mesma. Doutra forma, não há como se negar, que o irmão caçula agiu com artimanhas no processo. Pois ao que parece, Esaú acreditava ser um guisado vermelho e não meramente um prato de lentilhas.

Todavia, o primogênito não pode de forma alguma ser tomado como inocente, pois fica bastante evidenciado que ele agiu com desprezo para o fato de ser o alvo da bênção e sucessor do clã. Assim, Jacó passa a ser o detentor deste direito.

5 ANÁLISE EXEGÉTICA DE GÊNESIS 27.1-45

Em relação ao texto de Gn 27.1-45, segundo de Vaux, “a marcha artística do relato argüe [sic] contra uma fusão redacional”.³¹¹ Westermann, por sua vez diz se tratar de uma “clássica narrativa familiar”, mas também defende sua clara independência e singularidade, oriunda da fase oral,³¹² já Oporto e Garcia descrevem esta perícopé como uma “peça admirável em prosa rítmica, perfeitamente estruturada”.³¹³

Bledstein concorda com Westermann quanto à transmissão oral desta perícopé, mas vai além e diz que ela tem o estilo de um clássico conto de trapaceiro, à semelhança do cap. 26. Ainda, segundo sua percepção, nessa perícopé tanto Esaú quanto Jacó foram alvo de um engenhoso teste de aptidão, para verificar-se qual dos dois era o mais indicado para liderar o clã.³¹⁴

Realmente é ilógico supor que Isaque não soubesse do oráculo divino e muito menos da barganha realizada por seus dois filhos. É muito mais provável supor que Isaque sabia muito bem o que estava acontecendo.

Bledstein mostra um Isaque nem um pouco passivo, bobo ou vítima de uma trama, como geralmente é descrito. Muito pelo contrário, o vê como alguém sagaz, um legítimo “trapaceiro”. Esta autora chega a esta conclusão a partir do episódio de Isaque com Abimeleque narrado em Gênesis 26, considerado uma narrativa nos moldes dos contos de trapaça da antiguidade e, ainda, pela possibilidade de tradução do nome (*Ytshaq*) como “trapaceiro – aquele que ri ou zomba”. Assim, à semelhança dos deuses antigos que usavam de trapaças para conseguir seus objetivos, nas histórias dos pais e mães de Israel, os humanos vulneráveis é que se utilizam de artimanhas para galgarem suas pretensões.³¹⁵

³¹¹ DE VAUX, 1953 apud BROWN, 1971, p.109.

³¹² WESTERMANN, 1985, p. 435.

³¹³ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 88.

³¹⁴ BLEDSTEIN, Adrien Janis. *A amarradora, o trapaceiro, o calcanhar e o cabeludo. Relendo Gênesis 27 como uma trapaça contada por uma mulher*. In: BRENNER, Athalya (Org.). *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. Tradução de Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 308-323.

³¹⁵ BLEDSTEIN, In: BRENNER, 2000, p. 308-323.

5.1 Delimitação de perícopo

Claramente pode-se observar uma unidade muito evidente e coesa, apesar de alguns autores vislumbrarem certa ruptura nos versos 44 e 45.³¹⁶ Curiosamente, o final do verso 23 apresenta algo aparentemente distoante.

Além das informações descritas anteriormente, no quadro 5, percebe-se, muito nitidamente, o desenrolar fluente e conectado em torno das personagens Isaque, Esaú, Rebeca e Jacó. O cenário é a tenda do patriarca e suas arredores, e diferentemente da anterior e da posterior, nem se menciona a localidade do assentamento. Além disso, o assunto é bem específico: a bênção a ser proferida e os meios para que isso acontecesse.

5.2 Estrutura da perícopo

Oporto e Garcia veem nesta perícopo uma estrutura muito bem elaborada, e defendem que o clímax dela é a bênção de Isaque a Jacó, descrita nos versos 27-29.³¹⁷ No entanto não fazem qualquer apontamento sugestivo quanto à sua estruturação. Em contrapartida, Fishbane,³¹⁸ propõe uma estrutura um tanto simétrica para o texto de 27.1-28.9. Ele a divide em seis blocos narrativos menores:

- A Isaque e Esaú – Abertura do enredo
- B Rebeca e Jacó – Conselho: “ouça-me”
- C Jacó e Isaque – Engano e bênção
- C’ Esaú e Isaque – Tormento e bênção
- B’ Rebeca e Jacó – Conselho: “ouça-me”
- A’ Rebeca e Isaque – Fechamento do enredo

Fishbane ainda faz menção a Olrik para dizer que essa narrativa tem um formato “dois em cada cena”, tratando-se de uma técnica universal, através da qual é possível isolar focos menores a partir de pares de personagens e/ou ações,

³¹⁶ NOTH, 1948 apud VON RAD, 1977, p. 340

³¹⁷ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 88.

³¹⁸ FISHBANE, 1998, p. 49.

criando verdadeiros módulos narrativos, conforme suas tensões e informações.³¹⁹

Para Brown, apesar de não saber sobre alguns aspectos redacionais, diante da ampla gama de possibilidades e interpretações, a teologia por trás do texto como um todo é bastante clara: a despeito da inferioridade de Jacó e da indignidade de seus métodos, ele é o objeto da livre eleição divina. Assim, apesar dos percalços e arranjos, só há um plano, decididamente iniciado: a vontade de Yahweh e, conseqüentemente, apenas uma bênção. Ele diz ainda, que inicialmente até se podia ter um olhar mais voltado para os motivos e ações de ambos os irmãos, mas que nesta redação final, isso é deixado de lado para enfatizar a vontade divina, mesmo em meio aos subterfúgios escusos do homem.³²⁰

Segundo Alonso Schökel, essa narrativa tem um caráter tragicômico, carregado de tensões misturadas a momentos hilários. Trágico por descrever um cego sendo passado para trás pelo próprio filho; por mencionar a invocação da presença de Yahweh para dar sustentação à sua trapaça e, ainda, por sua consumação através do beijo, objeto altamente afetivo e de intimidade. Cômico, pela caracterização de Jacó como Esaú e pelo fato de que a bênção foi dada a quem de fato interessava, apesar de toda a improbabilidade sugerida.³²¹

5.3 Análise conceitual de palavras chave ou expressões

Von Rad defende que não há como aludir Esaú como Edom neste ciclo de narrativas, inclusive no cap 33.³²² Ele ainda vê essa narrativa como uma genuína piada, elaborada com o propósito de arrancar boas risadas do povo e deixá-lo ciente de que toda a busca pela bênção – aparentemente profana e cheia de detalhes sórdidos – é exatamente o plano divino. O que foi planejado pela divindade, se cumprirá. Ele vê ainda, neste relato, uma intervenção divina que insere seus desígnios, mesmo que, aparentemente, subordinado às ações ambíguas dos homens.³²³

³¹⁹ OLRİK, [1908 ou 1909] apud FISHBANE, 1998, p. 50.

³²⁰ BROWN, 1971, p.109.

³²¹ ALONSO SCHÖKEL, 1970, p. 123.

³²² VON RAD, 1977, p. 209,210

³²³ VON RAD, 1977, p. 341,346.

Kidner também concorda com essa ideia e deixa claro sua condenação as quatro personagens envolvidas na situação: Isaque, porque não deu crédito à vontade Divina (Gn 25.23), Esaú por não cumprir seu juramento (Gn 25.32s) e Rebeca e Jacó, mesmo com uma causa justíssima, “não se aproximaram, nem de Deus, nem do homem, não fizeram nenhum gesto de fé ou de amor, e colheram o fruto próprio do ódio”.³²⁴ Dessa forma, todos os estratagemas utilizados nesta trama, “só conseguiram fazer ‘tudo o que a mão e o [...] propósito (de Deus) predeterminaram’”.³²⁵

Oporto e Garcia além de concordarem sobre a culpabilidade das quatro personagens, acrescentam que Rebeca agiu maleficamente inclusive contra o seu filho preferido, manipulando-o e, como castigo, perde seus dois filhos num único dia.³²⁶

5.3.1 Gênesis 27.1-4: o diálogo entre Isaque e Esaú³²⁷

Curiosamente, Isaque pede que seu primogênito lhe traga comida, antes dele pronunciar sua bênção, dando a ideia de que o poder da bênção estava condicionado às forças do abençoador, como será analisado no verso 19, onde é evidenciado este pensamento.

Para Bledstein, quando Isaque pede que Esaú vá ao campo matar uma caça para então poder abençoá-lo, estaria “colocando as cartas na mesa” e criando um bom teste para avaliar as qualidades de seu futuro sucessor, pois embora tivesse uma preferência maior pelo mais velho, o futuro do clã deveria ser confiado a alguém apto para encarar os desafios de sua época. Como ela diz: “o velho astuto tem a oportunidade de ver por si mesmo qual filho é mais adequado para herdar a bênção de Abraão. Quem é inteligente o bastante para sobreviver entre os homens arrogantes e poderosos?”³²⁸

³²⁴ KIDNER, 2006, p. 144.

³²⁵ KIDNER, 2006, p. 144.

³²⁶ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 88.

³²⁷ Devido ao fato do capítulo em análise ter sido traduzido somente a partir do versículo 18, estes versos iniciais serão abordados em conjunto, divididos em dois blocos: Gn 27.1-4 e Gn 27.5-17.

³²⁸ BLEDESTIN, *In*: BRENNER, 2000, p. 314.

Para fundamentar sua teoria, ela menciona que:

Três palavras que tem a ver com enganar ou trapacear são usadas neste episódio: *yshaq*, ele 'ri' ou 'zomba', *met'ate'a* 'trapaceiro' (27,12); e *mirma*, 'astúcia' (27,35). Este agrupamento de termos e o uso dos últimos dois aplicados a Calcanhar [Jacó] indica a intenção do narrador: Trapaceiro [Isaque] empossa o trapaceiro da geração seguinte.³²⁹ (Bledstein, In: Brenner, 2000, p. 315)

5.3.2 *Gênesis 27.5-17: os conselhos de Rebeca a Jacó*

Nesta segunda cena, embora não esteja explicitado, há uma forte amostra da preferência de Rebeca por Jacó. Além disso, fica clara a importância da bênção (בְּרָכָה – *berakhah*), pois além da declaração de que ela seria pronunciada diante de Yahweh (v.7), do plano espalhafatoso elaborado para poder burlar a decisão de seu marido, o chefe da casa (v.14-17) e do incisivo convencimento que faz a seu filho (v.11-13), ainda há o fato dela chamar para si toda e qualquer maldição oriundas em caso dos estratagemas não darem certo (v.13). Diante disso, não resta dúvida quanto à importância que a bênção relacionada com a primogenitura tinha naqueles dias.

Alonso Schökel ainda faz referência à possibilidade da troca de roupas estar ligada a um caráter de investidura, isto é, pode ser que quando Jacó vestiu as roupas de Esaú, não o tenha feito meramente para enganar a seu pai, mas com a ideia de realmente apossar-se daquilo que pertencia a Esaú. Como em Nm 20.26, onde as roupas de Arão, antes de sua morte, são passadas ao seu filho e sucessor.³³⁰

Nos versos 11-12 o autor sagrado ameniza um pouco a má índole de Jacó. Fazendo-o um pouco resistente quanto ao plano de sua mãe. Mas se isso foi intencional ou não, mesmo com esta possível preocupação moral, Jacó deu continuidade ao plano, não podendo ser considerado inocente.

³²⁹ BLEDSTEIN, In: BRENNER, 2000, p. 315.

³³⁰ ALONSO SCHÖKEL, 1970, p. 122-123.

5.3.3 *Gênesis 27.18*

“E veio para seu pai e disse: meu pai! E ele disse: eis-me. Quem és tu, meu filho?”

Curiosamente, Isaque usa oito vezes a expressão “meu filho” no diálogo com Jacó (v.18-27) contra apenas uma vez que Jacó o chama de pai (v.18). De início pode se pensar em algum sentimento frio e desumano da parte de Jacó, mas diante da tentativa de engano para com seu pai, pode ser que tão somente tenha evitado o uso, devido ao diálogo restrito que deveria ter, ou por, haver uma forma peculiar de cada filho se dirigir a seu pai.

5.3.4 *Gênesis 27.19*

“E disse Jacó para seu pai: eu sou Esaú o teu primogênito. Fiz conforme tua palavra para mim. Levanta depressa, senta e come da minha caça. Para que abençoes (mesmo) a mim tua alma.”

A bênção tem certa relação entre o homem e Deus, ou seja, ela não era vista como algo somente da esfera divina e independente da ação humana, muito pelo contrário, requer uma participação bem ativa do homem na transmissão da mesma ao seu filho, ou a outro indivíduo, dependendo do contexto.³³¹

Ao que parece, ela também era refém da condição física de seu doador, ou seja, no v. 4 (no pedido de Isaque), aqui (nas palavras de Jacó) e no v. 31 (nas palavras de Esaú) a temática segue sempre uma mesma ordem: primeiro comeria para então abençoar. Para von Rad, isto certamente se respaldava em ideias antigas, que viam a bênção como a transmissão de uma força psíquica, quase mágica.³³²

Brown, diz que embora não se observe nenhum outro paralelo sobre a bênção do primogênito, até este momento, é certo afirmar que ela era pronunciada

³³¹ VON RAD, 1977, p. 341.

³³² VON RAD, 1977, p. 341.

para indicar o direito de primogenitura. Pelo menos, era assim que Isaque imaginava.³³³

Segundo Hamilton, apenas o direito de primogenitura não era suficiente para Jacó ser o líder do clã. Seu pai deveria abençoá-lo para isso. Desta feita, a bênção tem um significado mais profundo do que o direito de primogenitura que ele conseguira anteriormente. Pois é através do pronunciamento da bênção que formalmente o filho é reconhecido como o principal herdeiro.³³⁴

Mesmo assim, Oporto e Garcia veem uma íntima ligação entre elas, ou seja, “quem despreza uma *bekorá* [בְּכֹרֶה = o direito de primogenitura], como fez Esaú, torna-se indigno da outra *beraká* [בְּרָכָה = bênção]”.³³⁵

5.3.5 *Gênesis 27.20-22*

“Então disse Isaque para seu filho: Por que isto, apressaste-te para conseguir meu filho?” (v.21) “Então disse Isaque para Jacó: venha, chegue perto e eu apalpo a ti meu filho. Tu és este meu filho Esaú, certamente?” (v.22) “E chegou perto Jacó para Isaque seu pai, então apalpou a ele. E disse: a voz é a voz de Jacó, mas as mãos são as mãos de Esaú.”

Fishbane, faz uma comparação dos versos 21 e 22 com o trecho de Gn 31.34,37 quando Labão apalpa a tenda de Raquel e também não encontra nada e ele diz que novamente a bênção da primogenitura fora conquistada através do engano.³³⁶

5.3.6 *Gênesis 27.23*

“E não fez conhecer a ele. Pois tornaram-se as mãos dele cabeludas como

³³³ BROWN, 1971, p.110.

³³⁴ HAMILTON, 1994, p. 185.

³³⁵ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 89.

³³⁶ FISHBANE, 1998, p. 51.

as mãos de Esaú, o irmão dele. Então abençoou (mesmo) a ele.”

A última frase “e ele o abençoou”, segundo Brown é considerada como um acréscimo explicativo que anteciparia a Bênção propriamente pronunciada nos versos 28s. Ele diz ainda que a teoria que alguns levantam sobre a junção de duas fontes traz mais problemas do que soluções (há teólogos que defendem que os versos 18b-23 pertencem à fonte J, enquanto os versos 24-28 pertencem à fonte E).³³⁷ Explicar tais diferenças se torna mais difícil do que simplesmente aceitar a proposta sugerida por Brown.

5.3.7 *Gênesis 27.24-25*

“Mas disse: tu és este meu filho Esaú. E disse: Eu sou.” (v.25) “Então disse: faze chegar perto de mim e comerei da caça, meu filho. A fim de que abençoes (mesmo) a ti, a minha alma. Então fez chegar para ele (Isaque) e comeu e fez vir para ele vinho e ele bebeu.”

Kidner chama a atenção para os cinco sentidos envolvidos no processo todo, em especial, por sua falibilidade na tentativa de se manipular o espiritual, todavia, não se pode concordar com ele quando diz que “ironicamente, mesmo o paladar, sentido de que Isaque se orgulhava, deu-lhe resposta errônea”.³³⁸

Além disso, Westermann, vê na refeição, um aspecto ritualístico quase mágico e cúltico; através dela Isaque obteria a força necessária para transmitir o seu próprio poder vital,³³⁹ e isso não seria nem um pouco destoante com a mentalidade da época.

³³⁷ BROWN, 1971, p.110.

³³⁸ KIDNER, 2006, p. 144. Em geral, tem-se pensado que pelo pedido feito no verso 4 “*faz-me um guisado saboroso, como eu gosto*”, Isaque teria um paladar apurado ao ponto de saber diferenciar entre uma caça e um cabrito. Porém, esta premissa não precisa, necessariamente, ser verdadeira. Há várias pessoas que sabem dizer se a comida é boa ou não, sem saber os ingredientes que a compõe, enquanto que outros, logo num primeiro contato, já são capazes de dizer quais os ingredientes que compuseram aquela determinada refeição. Outro aspecto interessante, segundo Hermelindo Marques Pereira, é a pouca diferença entre o gosto de um cabrito e de um veado (da mesma família das corças tão encontradas em Canaã, naquela época). Este senhor já é falecido, mas criava cabras e era um hábil caçador, até os idos de 80.

5.3.8 Gênesis 27.26-27a

“E disse para ele, Isaque seu pai: Venha, aproxima-te e beija-me meu filho.” (v.27a) “Então aproximou-se e beijou a ele e cheirou o cheiro na roupa dele e abençoou mesmo a ele.”

Westermann, esclarece ainda, que não apenas a comida tinha sua importância, como também o contato físico. Ele vê nessa aproximação indícios de uma crença mágica, que acreditava ser “uma parte necessária para a transferência do poder vital”.³⁴⁰ Assim, a refeição era necessária para fortalecer o pai, a fim de que tivesse condições de transmitir sua energia; o ato de apalpar era tido como sinônimo de reconhecimento da pessoa a ser abençoada; e o beijo dado durante a bênção ou a imposição de mãos serviam como condutores pelos quais o poder se transferia.

Quanto a isso, Bledstein não fala nada. Mas é bem provável aceitar tal constatação, sem o menor problema. Em contrapartida, uma teoria bastante interessante e, ao mesmo tempo, conflitante com a maioria dos pesquisadores que veem Isaque como um coitado, desesperado por saber a verdade. Ela defende que:

Trapaceiro³⁴¹ questiona a identidade de seu filho oito vezes. (1) Depois de ouvir Calcanhar chamá-lo, ele pergunta: ‘Quem és tu meu filho?’ (v.19). (2) ‘Como tiveste sucesso tão rapidamente, meu filho?’ (v.20). (3) ‘Por favor, chega mais perto para que eu possa sentir-te, meu filho – se és realmente meu filho Cabeludo ou não.’ (v.21). (4) Ele observa: ‘A voz é a voz de Calcanhar, mas as mãos são as de Cabeludo.’ (v.22). (5) O narrador nos diz: ‘E ele não o reconheceu porque suas mãos estavam peludas como as de seu irmão Cabeludo, então ele o abençoou.’ (v.23). *hikkiri* pode ser lido como ‘reconhecer’, ‘reparar’ ou ‘fazer caso’, como quando Rute diz a Boaz, ‘por que fazes caso de mim, vendo que sou uma estrangeira?’ (Rute 2,10). Sugiro que, neste caso, Trapaceiro aceite o disfarce de Calcanhar, embora continue a provocar e a testar a resolução e a energia de Calcanhar. (6) ‘Tu és realmente meu filho Cabeludo?’ (v.24). (7) ‘Serve-me e deixa-me comer da caça de meu filho.’ (v.25). E este homem, que ama o sabor da caça, come o prato dos cabritos preparados por Amarradora. Certamente ele conhece a diferença. (8) ‘Por favor, vem mais perto e beija-me, meu filho.’ (v.27). Trapaceiro o cheira e talvez tenha ficado satisfeito que até as roupas tenham sido pensadas.³⁴²

³³⁹ WESTERMANN, 1985, p. 440.

³⁴⁰ WESTERMANN, 1985, p. 440. Traduzido de “a necessary part of the transference of the vital power”.

³⁴¹ Para um melhor entendimento do texto, é necessário observar que: Trapaceiro é o nome que a autora dá a Isaque, Calcanhar é o de Jacó, Cabeludo para Esaú, e Amarradora é a designação dada a Rebeca.

³⁴² BLESTEIN, *In*: BRENNER, 2000, p. 316s.

5.3.9 Gênesis 27.27b-29

“E disse: Ah! O cheiro do meu filho é como cheiro de um campo, que abençoou (mesmo) Yahweh.” (v.28) “Então deu para ti o Deus do orvalho dos céus e da enxúndia da terra e transbordamento de messe e vinho.” (v.29) “Sirvam a ti os povos e se tornem (mesmo) e se tornem (mesmo)³⁴³ para ti povos, sê senhor para os irmãos de ti e se tornem (mesmo) para ti os filhos de tua mãe. Aquele que te amaldiçoa será feito amaldiçoado e aqueles que te abençoam (mesmo) será feito abençoado.”

Para Oporto e Garcia estes versículos são o auge de toda a narrativa, sendo “uma peça admirável em prosa rítmica, perfeitamente estruturada”.³⁴⁴ Já segundo, Levine, além de sua beleza, servem também para definir a *Berakhah* como uma somatória de coisas: a) a declaração do reconhecimento formal da primogenitura, b) a bênção propriamente dita através das palavras pronunciadas, e c) a riqueza transmitida como herança.³⁴⁵ Vários outros autores mencionam sua beleza. Mas, de forma curiosa, há várias abordagens um pouco distinta para as quatro partes descritas nessa bênção.

Westermann as resume em três (fertilidade da terra, domínio ou poder sobre os demais e a retribuição da bênção ou maldição). Além disso, para ele, esses versos possuem partes independentes entre si, com um paralelismo muito forte (tanto em relação a outros textos bíblicos, quanto em relação aos textos ugaríticos, em especial sobre a bênção da fertilidade) e com uma aplicação mais para a época de assentamento.³⁴⁶ Em contrapartida, Coats divide-a em quatro partes: a) o cheiro do campo como sinônimo à fertilidade e, ao mesmo tempo, como o sinal da bênção; b) domínio sobre a fertilidade; c) poder familiar e nas demais estruturas políticas; d) atrelamento da bênção e da maldição ao tipo de relacionamento que as pessoas

³⁴³ Aqui há a repetição da expressão “se tornem mesmo”, pois se segue a sugestão do texto hebraico. Embora não foi possível perceber o porquê da repetição no texto, mesmo havendo o detalhe de uma palavra estar entre parênteses e a outra entre colchetes.

³⁴⁴ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 88.

³⁴⁵ LEVINE, In: SKOLNIK, Fred; BERENBAUM, Michael (Ed.). *Encyclopaedia Judaica*. 2. ed. Detroit, MI: Thomson/Gale, Macmillan Reference USA. 2007. v. 7, p. 46.

³⁴⁶ WESTERMANN, 1985, p. 441.

mantinham com o abençoado.³⁴⁷

Já Oporto e Garcia, destacam que “às promessas conhecidas somam-se outras novas: revela-se o senhorio de Deus sobre a natureza e a história. A força de sua bênção paira sobre o espaço, sobre o campo e sobre sua fertilidade [...] é também senhor da história[...]”³⁴⁸

Ainda, sobre sua aplicabilidade, Alonso Schökel divide essa bênção em três áreas. A primeira, uma invocação para um povo agricultor, e não pastor ou caçador; a segunda, um enfoque político fazendo referência a povos co-irmãos; e a última uma similaridade com a bênção de Abraão.³⁴⁹

Algo interessante a ser destacado, é que a bênção proferida a Jacó, embora tenha alguns aspectos da bênção de Deus dada a Abraão em Gn 12.1-3, não menciona outros aspectos relevantes encontrados em outras versões de tal bênção (Gn 13.14-16; 22.17,18; 26.24; 28.13-15). E quando Isaque abençoa a Jacó, antes deste partir para Padã Arã, ele profere as palavras em conformidade com o padrão mencionado nos versos anteriores. Por que Isaque teria duas versões de bênçãos? Teria sido um mero descuido no momento em que as narrativas foram criadas? Seria por que elas pertenciam a fontes diferentes, ou fora proposital?

Para Brown, o fato desta bênção aqui em Gn 27 ser diferente das formulações anteriores, é porque ela estava relacionada diretamente à nação israelita.³⁵⁰ Mas, para Bledstein, era proposital. Ela diz que:

Calcanhar persiste e Trapaceiro recompensa seu filho com a fertilidade do campo, o domínio sobre a família, bênçãos e não maldições [...] No entanto, o calculista Trapaceiro [Isaque] retém para si a única promessa do Divino para Abraão: a posse da terra e a descendência para herdá-la.³⁵¹

Quanto às expressões “orvalhos do céu” e “enxúndia da terra”, Arana faz

³⁴⁷ COATS, Georges W. *Genesis, with an introduction to narrative literature*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1983. p. 202.

³⁴⁸ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 88, 89.

³⁴⁹ ALONSO SCHÖKEL, 1970, p. 124. O que numa primeira olhada, poderia servir de apoio à ideia de Westermann para seu emprego numa época mais tardia. No entanto, não seria nem um pouco forçosa a possibilidade da bênção ter sido dita, como está narrada, pelo próprio Isaque. Visto que messe e vinho já eram algo importante e presente entre os patriarcas (em especial em Isaque que já começa dar mostras de um assentamento) e o desejo de ser senhor sobre povos também não soaria estranho para uma época em que o desejo era que a família fosse cada vez maior. Claro, que para justificar melhor essa teoria, seria necessário mais tempo e espaço, o que fugiria da intenção original desta dissertação).

³⁵⁰ BROWN, 1971, p.111.

alusão, respectivamente, à dependência das colheitas e à “terra profunda, grossa e portanto fértil, por oposição à terra fina, sem profundidade e por isso mesmo pouco ou nada produtiva”.³⁵²

5.3.10 *Gênesis 27.30-32*

“E aconteceu depois de concluir (mesmo) Isaque de abençoar (mesmo) a Jacó aconteceu obviamente sair, saiu Jacó da presença de Isaque o pai dele. Então Esaú, o irmão dele, veio da caçada dele.” (v. 31) “E fez também ele uns guisados saborosos e veio para o pai dele e disse para o pai dele: levante-se meu pai e coma da caça de teu filho, para que abençoes (mesmo) a mim a tua alma.” (v. 32) “Mas disse para ele Isaque, o pai dele: quem és tu? E disse: eu sou teu filho, o teu primogênito Esaú.”

Alonso Schökel defende que embora se constate certa pitada de humor na troca de personagens indicada no verso 30, com a saída de Jacó e a entrada de Esaú, o autor é muito específico em transparecer a dor; tanto de Isaque, quanto de seu filho Esaú, ao perceberem o que acontecera. Ainda faz menção ao fato do narrador citar sete vezes a expressão “seu pai” dos versos 30-40, e Esaú pronunciar quatro vezes “meu pai” neste mesmo trecho,³⁵³ enquanto Bledstein continua sob o prisma da estratégia perpetrada por Isaque. Dessa forma, Jacó é aprovado enquanto Esaú deixa muito a desejar e fracassa no teste:

Ele entra com uma saudação sincera. Trapaceiro³⁵⁴ treme violentamente com medo. Agora ele deve enfrentar diretamente a tristeza de Cabeludo. Recompondo-se, ele diz, ‘Teu irmão veio com astúcia (mirma) e tomou tua bênção.’ (27.35). Cabeludo soluça amargamente: ‘não reservaste uma bênção para mim?’ Astucioso, Trapaceiro diz a seu filho exatamente o que dera a Calcanhar: domínio sobre seus irmãos, sustento com grão e vinho, bênçãos e não maldições. Então o Pai indaga: ‘O que, então, ainda posso fazer por ti, meu filho?’ Teoricamente, Cabeludo poderia responder: ‘Abençoa-me com a terra e com os descendentes para herdá-la!’ E

³⁵¹ BLEDSTEIN, In: Brenner, 2000, p. 316-317. A justificativa utilizada por ela, sera apresentada mais à frente.

³⁵² ARANA, Andrés Ibáñez. *Para compreender o livro de Gênesis*. Tradução de Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 354-355.

³⁵³ ALONSO SCHÖKEL, 1970, p. 125.

³⁵⁴ Convém lembrar-se da explicação anterior: para um melhor entendimento do texto, é necessário observar que: Trapaceiro se refere a Isaque, Cabeludo a Esaú e Calcanhar a Jacó.

Trapaceiro poderia responder a seu favorito: 'Sim! Sim!' Em vez disto, Cabeludo não sabe. Tudo o que ele pode fazer é soluçar: 'Só tens uma bênção, pai?' Então Trapaceiro o abençoa com a fertilidade do campo, próprio da pessoa rude que era [...] Quanto à promessa Divina a Abraão, Trapaceiro reservou a terra para Calcanhar [Jacó].³⁵⁵

Diante disso, se ela estiver certa em sua explanação, a diferença da bênção proferida a Jacó nesse encontro, com aquela proferida em Gn 28.13-15, fora proposital. Serviria como parte do plano avaliativo utilizado por Isaque a fim de testar a habilidade de seu futuro sucessor.

5.3.11 *Gênesis 27.33*

“Estremeceu-se Isaque de um temor grande até muito e disse: então quem é aquele que caçou da caça e fez vir para mim? E eu comi de tudo antes que tu viestes então abençoei (mesmo) ele. Além disso o que tem sido abençoado (mesmo) será.”

Para Alonso Schökel, Isaque reconhece logo de imediato que realmente era Esaú que estava com ele, nesse momento.³⁵⁶ Todavia, não esboça nenhuma explicação sobre a indecisão, no mínimo curiosa, que ele demonstrou sobre o outro que fora abençoado. Ele também diz que o patriarca percebera que sua bênção era irrevogável por ser impetrada com a invocação do Senhor.³⁵⁷

Ballarini, por sua vez, diz que não, pois “a bênção não era um rito mágico, mas uma forma jurídica de transmissão dos direitos”, desta forma, Isaque poderia revogá-la, mas não o fez.³⁵⁸

Porém, para Schultz, neste período patriarcal, as bênçãos orais eram levadas tão a sério que possuíam uma obrigatoriedade legal, não sendo possível, por exemplo, desfazê-la ou dá-la a outra pessoa.³⁵⁹ Gusso, ainda acrescenta que a seriedade de uma bênção era tamanha, que mesmo se “tivesse abençoado a pessoa errada [...] na mente de Isaque, aquela bênção cumpriria sua função. Ela

³⁵⁵ BLEDESTEN, In: Brenner, 2000, p. 317.

³⁵⁶ ALONSO SCHÖKEL, 1970, p. 125.

³⁵⁷ ALONSO SCHÖKEL, 1970, p. 125.

³⁵⁸ BALLARINI, 1975, p. 115.

³⁵⁹ SCHULTZ, 1998, p. 35.

tinha poder em si mesma. Era tão válida quanto qualquer outra bênção proferida de forma correta à pessoa certa.”³⁶⁰ Isto porque, “os israelitas criam, ademais, no poder das palavras, e, especialmente, que bênçãos e maldições, uma vez pronunciadas, punham em movimento uma série de acontecimentos que não se pode abolir”.³⁶¹

Além disso, segundo Kidner, a afirmação final sobre a irrefutabilidade da bênção, não tem apenas o aspecto costumeiro em si, mas também serve como declaração de Isaque, de ter lutado com Deus e, ainda, como atestado ou aceitação de sua derrota.³⁶²

Quanto ao significado do texto, em si, segundo Wechter, é muito mais aplicável o sentido de ficar furioso, do que ficar com medo. Pois, mesmo diante de um tema com tamanha significação, não havia o que temer. Diante disso ele sugere que se traduza a expressão וַיִּחַרְדּוּ יִצְחָק חַרְדָּה גְדוֹלָה עַד-מְאֹד (*Wayeherad Ytshaq haradah guedolah 'ad meod – Estremeceu-se Isaque de um temor grande até muito*) por: “Isaque irou-se, com muita raiva”,³⁶³ diante do fato de ser enganado por seu caçula.

Von Rad não entra em pormenores, mas menciona que o narrador, ao descrever o desespero de Isaque, usa um superlativo sem qualquer paralelo em todo o livro de Gênesis e com isso chega ao ápice de seu intento em mostrar que não seria uma simples narrativa tragicômica.³⁶⁴

A teoria de Bledstein, por sua vez, embora bastante elucidativa em vários aspectos, se cala quanto a esse verso. Mesmo sendo ele um dos poucos argumentos textuais com grande peso que serviriam para tentar refutá-la, faltou subsídios para melhor entendê-lo. Ela simplesmente o ignorou. Se sua proposição estiver correta, uma explicação seria encarar a raiva ou o temor de Isaque como algo pertencente à sua estratégia de abordagem com os filhos. O que contradiria a interpretação comum dada por todos os teólogos que esboçaram alguma explicação acerca do assunto. O que não seria de todo desanimador, visto que quase toda sua arguição possui pouco paralelo com as explicações tradicionais.

³⁶⁰ GUSSO, Antônio Renato. *As Maldições do Salmo 137: o princípio da reciprocidade na justiça do Antigo Testamento como chave bíblica para a interpretação*. 2007. 289 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, UMESp, São Bernardo do Campo, 2007.

³⁶¹ ROGERSON, In: CLEMENTS, 1995, p. 25.

³⁶² KIDNER, 2006, p. 145.

³⁶³ WECHTER, 1964, apud DRIVER, Godfrey Rolles. *Hebrew Homonyms*. In: Hartmann, B. et al. (Ed.). *Hebräische Wortforschung*. Leiden: Brill, 1967. p. 54-55.

³⁶⁴ VON RAD, 1977, p. 343.

Talvez, o que pode ser usado em seu favor, é a tradução utilizada pela Septuaginta. A expressão costumeiramente traduzida como “e estremeceu Isaaque, com grande e muito temor” (וַיִּחַרַד יִצְחָק חֲרָדָה גְדֹלָה עַד-מְאֹד – *Wayeherad Ytshaq haradah guedolah 'ad meod*) a LXX traduziu por ἐξέστη δὲ Ἰσαακ ἔκστασιν μεγάλην (*'exeste de Isaak 'ekstasin megalen*). Seguindo a tradução convencional ficaria “e Isaaque ficou fora de seus sentidos com grande terror”; mas, também é possível traduzir como: “e Isaaque confundiu com grande perplexidade”, visto que o verbo ἐξέστη (*'exeste*) pode ser traduzido³⁶⁵ por: confundir, impressionar, surpreender, ser surpeendido; estar fora de seus sentidos e o substantivo ἔκστασιν (*'ekstasin*), como: espanto, perplexidade, terror, transe, êxtase.³⁶⁶

5.3.12 Gênesis 27.34

“Conforme escutar Esaú as palavras do pai dele gritou um clamor grande e muito amargo. E disse para o pai dele: abençoa (mesmo) a mim, também eu meu pai.”

Esaú se desespera ao perceber o que perdera. Arana, com muita propriedade, destaca que não há nenhuma outra passagem do Antigo Testamento que mostre a exclusividade da bênção a um único filho, como nesse caso. Não encontrou-se qualquer indício entre os povos vizinhos. Mas, é infeliz em dizer que “a injustiça deve ser creditada a Rebeca e a Jacó, que enganam Isaac [*sic*] para que Jacó receba a bênção do mais velho, e a Isaac, que decide conceder todas as suas bênçãos ao mais velho sem deixar nenhuma para o mais novo”.³⁶⁷

Embora não se possa defender a atitude ou a forma como Jacó conseguiu a

³⁶⁵ Verbo foi traduzido a partir das palavras: “confuse, amaze, astound, be out of one's senses, be amazed or astonished.” Enquanto que o substantivo: “astonishment, bewilderment, terror, trance, ecstasy”. Todas foram obtidas no BibleWorks for Windows [arquivo de computador]. version 7.0.012g. Norfolk: Bibleworks, LLC, 2006.

³⁶⁶ BibleWorks, 2006. Ainda há pelo menos mais duas formas de utilização na LXX, como correspondente para a raiz hebraica referida: em Jó 37.1 e Provérbios 29.25 é utilizada a raiz *tara,ssw* (*tarasso* – agitar, perturbar, problemas, jogar em confusão – traduzidas de: stir up, disturb, trouble, throw into confusion) e em Zacarias 1.21 (2.4 no original hebraico) é usado *ovxu,nw* (*'oxyno* – afiar, incitar a raiva, provocar, acelerar – traduzidas de: to sharpen, to goad to anger, provoke, to sharpen, to quicken.).

³⁶⁷ ARANA, 2003, p. 356.

bênção, semelhantemente, não é possível dizer que Esaú fora injustiçado. Ele vendera o seu direito de primogenitura (Gn 25. 33).

5.3.13 Gênesis 27.35-36

“Porém disse: veio teu irmão com uma mentira e tomou tua bênção.” (v.36)
 “Então disse: com razão, chamou o nome dele Jacó. Pois, deu uma rasteira em mim, isto duas vezes: o meu direito de primogenitura ele tomou e eis que agora toma a minha bênção. Ainda disse: não separas-te para mim uma bênção?”

Além da declaração de que Isaque sabia quem lhe havia enganado, Alonso Schökel chama a atenção para a expressão “teu irmão” em lugar de “meu filho” dando a entender que o hagiógrafo queria transmitir alguma coisa com isso.³⁶⁸ Porém, uma referência aqui à filiação destoaria gramaticalmente.

Quanto à expressão: “deu uma rasteira em mim, isto duas vezes”, embora se concorde com a percepção de uma atitude negativa adotada por Jacó, ao enganar seu pai, não se pode dizer ou sustentar que ele tenha roubado a bênção do irmão. É bem verdade que o sujeito aproveitou a fome do primogênito para lhe fazer aquela proposta indecorosa da troca do direito de primogenitura por um prato de lentilhas. Mas, como visto anteriormente, a negociação relativa à primogenitura era algo comum e amoral.

Jacó tinha uma promessa divina a seu favor (Gn 25.26) e comprara o direito de primogenitura (Gn 25.31-33), portanto possuía o direito de receber a bênção do primogênito. Foi uma barganha justa. A não ser que Esaú ignorasse o fato da bênção do primogênito ser parte do “direito de primogenitura”.

Por isso, contrariamente ao que geralmente se interpreta, von Rad não vê a venda da primogenitura como um engano. Para ele, o engano seria com a cor do prato, pois sendo vermelho, Esaú pensara tratar-se de um guisado feito à base de sangue,³⁶⁹ conforme detalhado no subitem 4.2.3.4.

Arana, ainda defende que a primeira parte do verso (a menção de que Jacó teria enganado por duas vezes a Esaú e a explicação sobre o significado de seu

³⁶⁸ ALONSO SCHÖKEL, 1970, p. 126.

nome) teria sido um acréscimo explicativo. Diz isso a partir do que ele chama de quebra na vivacidade da narrativa. Defende também que inicialmente seria continuação da perícopa 25.29-34.³⁷⁰ Porém, seria aceitável encará-la como um acréscimo, mas vê-la como uma continuação da outra é estranho. Semelhantemente, ao observar com um pouco mais de atenção, não é possível afirmar, plenamente, sobre a perda da vivacidade. Por isso, opta-se em encará-la como pertencente ao texto original.

5.3.14 Gênesis 27.37

“Respondeu Isaque e disse para Esaú: Como senhor coloquei ele para ti e todos os parentes dele dei para ele para servos (nomeei para ele de servos), e messe e vinho provi a ele. Mas para ti, o que fiz meu filho? (*o que poderei fazer?*)” (v.38) “Então disse Esaú para o pai dele: ela é uma bênção para ti meu pai? Abençoe (mesmo) também eu meu pai; então levantou Esaú a voz dele e afogou-se em prantos.”

Ballarini vê nessa resposta de Isaque, uma ratificação da bênção dada a Jacó, mesmo que tenha sido por engano e, ainda, declara que dessa forma o plano divino foi concretizado.³⁷¹

Oporto e Garcia mencionam que “o ensinamento é claro: o destino está nas mãos de Deus, que escolhe quem ele quer e impõe sua vontade na história, mesmo quando os homens acham que estão fazendo a sua própria vontade”.³⁷² Eles também veem que “a bênção é irrevogável, porque vem do Senhor, o Deus que não muda e nem se desmente.”³⁷³

³⁶⁹ VON RAD, 1977, p. 329.

³⁷⁰ ARANA, 2003, p. 355-356.

³⁷¹ BALLARINI, 1975, p. 115.

³⁷² OPORTO; GARCIA, 2002. p. 88.

³⁷³ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 89.

5.3.15 Gênesis 27.39-40

“Respondeu Isaque o pai dele e disse para ele: Eis que longe³⁷⁴ da enxúndia da terra será a tua morada e do orvalho dos céus” (40) “E sobre a tua espada viverás e a teu irmão servirás; acontecerá quando fizeres perambular e sacudirás o jugo sobre ele de cima de teu pescoço.”

Para Brown, não chega a ser uma bênção propriamente dita, mas uma resposta às indagações de Esaú sobre o fato de Isaque não ter reservado nenhuma bênção para ele. Ainda, segundo ele, esta bênção em estilo de oráculo, semelhante à de Jacó, pode ser uma inserção tardia e assim, “sacudir o jugo” pode estar se referindo à rebelião edomita no tempo de Salomão, ou, com maior probabilidade, pode estar relacionada à revolta dos edomitas contra Jorão.³⁷⁵

Quanto a essa similaridade com a bênção que Jacó recebeu, von Rad esclarece que a preposição מִן (*myn*) nesse verso tem conotação privativa, significando: longe de..., privado de...; diferentemente do emprego lá do verso 28 aonde tem uma utilização “partitiva”, correspondendo a: uma parte de...³⁷⁶

Outra peculiaridade entre ambas, destacada por Coats, é sua divisão em quatro partes: negação da fertilidade; subserviência ao irmão; uma vida destinada a lutas; e uma promessa sobre o fim da servidão.³⁷⁷ Para Alonso Schökel, há um forte paralelo entre a falta de fertilidade e a dependência da espada. Vendo nisso a razão pela qual Esaú se obrigaria a viver como “um saqueador de caravanas ou como soldado mercenário”.³⁷⁸

Arana, também apoia essa ideia. Menciona ainda, que a expressão “sobre a tua espada viverás” não teria lógica referir-se ao “ofício da guerra”; visto que nenhum povo consegue viver disso. Mas, provavelmente se aplicaria melhor acerca da “rapina que os edomitas exerciam sobre as caravanas que tinham obrigatoriamente

³⁷⁴ Segundo Von Rad (1977, p. 344) a preposição מִן (*myn*) que precede o substantivo, aqui tem uma conotação privativa, significando: “longe de...”, ou “privado de...”, diferentemente da mesma preposição encontrada lá no verso 28 – na bênção a Jacó – onde tem uma utilização “partitiva”, correspondendo a: “uma parte de...”

³⁷⁵ BROWN, 1971, p. 111.

³⁷⁶ VON RAD, 1977, p. 344.

³⁷⁷ COATS, 1983, p. 203.

³⁷⁸ ALONSO SCHÖKEL, 1970, p. 126.

de passar por seu território, e às incursões nos países limítrofes”.³⁷⁹ Entretanto, isso já é bastante interessante, antes mesmo de se pensar nos edomitas. Principalmente, ao se levar em consideração que em Gn 32.7 Esaú vai ao encontro de Jacó com um grupo de quatrocentos homens.³⁸⁰

Diante disso, concorda-se com Kidner, quando diz que não haveria desfecho melhor para alguém profano como Esaú: “a liberdade de viver sem ser abençoado (39) e não dominado”.³⁸¹

5.3.16 Gênesis 27.41-45: o epílogo

“Assim odiou Esaú a Jacó a respeito da bênção que abençoou (mesmo) a ele o pai dele e disse Esaú no coração dele: aproximar-se-á os dias do luto do meu pai assim matarei a Jacó o meu irmão...”

A expressão: “os dias de luto de meu pai estão chegando” associado às informações iniciais (Gn 27.1,4) parecem indicar que Isaque estaria bem debilitado, prestes a morrer. Mas a julgar por Gn 35.29 ele só irá morrer cerca de vinte anos depois, quando Jacó retorna de Padã-Arã.

Embora, Brown veja nisso, de forma não muito convincente, o conflito de duas tradições,³⁸² Kidner, chama a atenção para a perspicácia de Rebeca quanto à situação em sua volta. No início do capítulo, ela incita Jacó a enganar o pai. Então, reconhece que para salvar seu filho querido, terá que perdê-lo, enviando-o para bem longe; e mostra sua persuasão e habilidade para fazer com que Isaque encaminhasse-o para a região de seus antepassados. Assim, não sairia como um fugitivo.³⁸³

Mas, conforme o senso comum iniciar-se-ia o castigo de Jacó, por ele ter mentido e trapaceado. Além do ódio de Esaú, segundo Ballarini, o próprio

³⁷⁹ ARANA, 2003, p. 357.

³⁸⁰ Curiosamente, I Samuel 22.2 menciona que Davi, ao fugir de Saul, também havia reunido em torno de si, cerca de quatrocentos homens, dentre os endividados e amargurados de espírito; e Jz 11.3 descreve que Jefté, ao deixar a casa de seu pai, reúne uma turma de desocupados. Ao que parece, quando um filho, de alguma forma rejeitado, abandonava ou fugia da casa de seu pai, acabava se envolvendo com grupos de “saqueadores”.

³⁸¹ KIDNER, 2006, p. 145.

³⁸² BROWN, 1971, p. 111.

comportamento de Jacó, repreensível e cheio de gestos ardilosos, atrairia sobre si o castigo da providência divina. Ele vê claramente a lei do talião sendo exercida: por sua fraude, seria castigado através do engano (Gn 29.25) e da exploração (Gn 31.38-42) que sofrera mais tarde de seu sogro Labão.³⁸⁴

Ainda, segundo Oporto e Garcia, “sua desventura será tremenda: fugirá para o desterro, será enganado e humilhado; ao voltar, seu medo será tamanho que o incitará a devolver tudo o que roubou (Gn 33)”.³⁸⁵ Mas não se pode concordar com eles sobre a última parte da afirmação. Em momento algum é mencionado que Jacó restituía algo. Muito pelo contrário, presenteava Esaú como forma de agrado.

5.4 Ponderações finais

Para Von Rad: “o relato se limita a nos mostrar como Deus, ao prosseguir seus planos, os quais haverão de permanecer ocultos a todos, rompe uma família e parece passar entre suas ruínas de forma indiferente”.³⁸⁶

Percebe-se claramente que, embora Isaque tivesse suas preferências e Rebeca as dela, Yahweh é quem tem a última palavra. Assim, tudo “está nas mãos de Deus, que escolhe quem ele quer e impõe sua vontade na história, mesmo quando os homens acham que estão fazendo sua própria vontade”.³⁸⁷

Ausin ainda defende a ideia de que a trapaça é muito mais uma declaração da inteligência de Jacó do que de sua maldade. Para sua argumentação usa, principalmente, o fato de ser abençoado – onde vê como uma premiação – e também o Texto de Oséias 12, onde faz referência ao caso sem qualquer juízo de valor.³⁸⁸

Desta forma, pode-se dizer que Jacó fora aprovado por seu pai, após mostrar sua habilidade na trapaça. Em outras palavras, Rebeca recebe um vaticínio de que o menor recebera o favor divino e com base nisso, ela e seu favorito usaram

³⁸³ KIDNER, 2006, p. 145s.

³⁸⁴ BALLARINI, 1975, p. 115.

³⁸⁵ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 88.

³⁸⁶ VON RAD, 1977, p. 346.

³⁸⁷ OPORTO; GARCIA, 2002. p. 88.

³⁸⁸ AUSIN, 1991, p. 12.

de articulações para que aquela palavra se cumprisse. Diferentemente de José, que também tem a indicação divina, através dos sonhos, de que seria maior que seus pais e irmãos, mas não faz nada para que isso aconteça.

5.5 Comparação com Gênesis 33

Alguns tentam minimizar essa narrativa e seus efeitos, como descrita em Gn 27, ao compará-la com Gn 33, onde é narrado o reencontro dos irmãos. Lá, Jacó, mais novo e o detentor da bênção, é quem se curva sete vezes diante de Esaú, o chama de “meu senhor” e intitula-se “teu servo” (respectivamente, Gn 33.3,8,14). Contudo, para Schultz, isso não passa de uma simples prática diplomática muito comum encontrada nos documentos de Amarna e Ugarite.³⁸⁹

Nesta mesma linha de simplicidade interpretativa, Jenni defende que אֲדֹנָי (*'adon* – senhor) não é usada apenas para referir-se a relação escravo-senhor, mas também pode ser usada “como fórmula de cortesia, dirigida a outras pessoas que se pretende honrar com esta designação”;³⁹⁰ embora, o primeiro caso tenha um uso muito mais frequente. Ainda, sobre a servidão sugerida por Jacó, Westermann diz que: esta “fórmula de submissão” é paralela à “fórmula de cortesia: meu senhor”, mencionada anteriormente. Ele diz que ao se declarar como servo de seu irmão, numa determinada situação perigosa, tal pessoa reconhecia a superioridade momentânea do outro, diante de tais circunstâncias. Com isso, estaria se dispondo, temporariamente, à submissão.³⁹¹ Também, deve levar-se em consideração, o simples fato de que Jacó estava com muitíssimo medo de seu irmão e que este era um hábil estrategista.

Oporto e Garcia defendem que Jacó curvara-se sete vezes como resposta às sete bênçãos que havia roubado de Esaú. Porém, além deles insistirem em chamar Jacó de ladrão, o que não corresponde com a realidade, também tem uma

³⁸⁹ SCHULTZ, 1998, p. 36.

³⁹⁰ JENNI, Ernst. Señor. In: _____; WESTERMANN, Claus (Ed.). *Diccionario Teológico: manual del Antiguo Testamento*. t. 1. Traducción de J. Antonio Mugica. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978. p. 80.

ideia poético-espiritualizada sobre os presentes que Jacó oferece e, ainda, dizem que com aqueles bens, Jacó devolveu tudo o que havia roubado de seu irmão.³⁹² Mas não descrevem quais seriam as sete bênção roubadas, deixando muito a desejar em seus comentários.

³⁹¹ WESTERMANN, Claus. Siervo. In: JENNI, Ernst; _____. (Ed.). *Diccionario Teológico: manual del Antiguo Testamento*. t. 2. Traducción de Rufino Godoy. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985. p. 244.

³⁹² OPORTO; GARCIA, 2002. p. 94.

6 O DIREITO DE PRIMOGENITURA NO ANTIGO TESTAMENTO, À LUZ DAS NARRATIVAS SOBRE ESAÚ E JACÓ

Segundo Levine, a Bíblia confere um *status* bastante positivo ao primogênito masculino, em especial no que diz respeito ao direito de herança e a certos aspectos relacionados ao culto, mencionando ainda o reconhecimento destes direitos como parte da bênção proferida.³⁹³

Entretanto, quanto às mulheres, embora se criara certos preceitos que garantissem o direito de herança no caso de não terem irmãos (Cf. Nm 27.1-11 e 36), isso só se restringia a herança, i.e., segundo Schereschewski, a prerrogativa que os primogênitos tinham não se estende às filhas primogênicas, mesmo se estas tivessem o direito à herança.³⁹⁴ Este direito à herança estava relacionado ao território ou aos bens de sua família.

Outro exemplo bastante nobre, sem entrar nos pormenores, é o caso de Jó. Após o seu restabelecimento, trata seus filhos e filhas com uma igualdade bastante atípica para a época. Jó 42.15 menciona que ele deu herança às suas três filhas, à semelhança de seus irmãos.

Ainda, a partir de uma rápida análise no ciclo interno, onde é narrada a história do casamento de Jacó, percebe-se, ao menos entre os arameus, que além do direito à herança, era atribuída às filhas certa preeminência no que diz respeito ao casamento. Ou seja, nas palavras de Labão (Gn 29.26), pelo costume de sua região as filhas mais velhas casavam-se antes das mais novas.

Neste mesmo recorte literário, mais precisamente em Gn 31.19, é mencionado que Raquel roubou os ídolos de seu pai. Numa primeira análise pensa-se em pura idolatria ou, no mínimo, nalgum interesse religioso. Porém, segundo Schultz, essa atitude teve uma importância muito maior no campo legal do que no âmbito religioso. Assim, Raquel, de forma escusa, garantiria a herança para seus filhos.

Afora isso, as mulheres não participavam do direito de primogenitura, embora a cultura israelita fosse favorável a elas, como mostrado em muitas passagens. Porém, não é suficiente dizer que as mulheres não usufruíam esse

³⁹³ LEVINE, *In*: SKOLNIK, 2007, p. 45s.

direito; pois afinal, a grande questão continua sendo: o que de fato significava o direito de primogenitura? Diante dos autores pesquisados, percebe-se que ele envolve cinco principais áreas do convívio em comunidade, na sociedade daquela época: a) assuntos relacionadas à espiritualidade; b) aspectos culturais; c) a herança de riquezas ou bens; d) a autoridade para a liderança sobre o grupo; e) questões existenciais.

6.1 Dimensão espiritual (a bênção em si)

Como mencionado anteriormente, é bem provável que a estrutura na qual montou-se o livro de Gênesis apresenta uma intrínseca relação entre os patriarcas e José. Segundo Briend, esta correlação está na bênção de Deus a Abraão em Gn 12.1-3, algo muito presente em todo o ciclo patriarcal. Tanto o ciclo de Abraão, quanto os relatos de Isaque, a história de Jacó e a novela de José evidenciam que estes homens fizeram com que a bênção do Senhor cumprisse seu papel chegando, respectivamente, a Ló (pai dos Amonitas e Moabitas), a Abimeleque (um filisteu), a Labão (um arameu) e a Potifar juntamente com todo o Egito.³⁹⁵

Além disso, ele diz que o verbete bênção é mencionado cinco vezes em Gn 12.1-3, além das outras vezes que aparece no recorte patriarcal. Isso contrasta com a maldição que fora mencionada também cinco vezes no ciclo das origens (Gn 1-11). Desta forma, “o ciclo das origens é o da maldição e, portanto, do pecado”, enquanto o ciclo dos pais e mães de Israel de bênção.³⁹⁶

Além da bênção que perpassa a história de todos esses grandes líderes, acredita-se que a grande luz que o redator do Gênesis desejou transmitir é que com José há uma clara exposição do direcionar de Yahweh na história. José chegou onde chegou sem usar as “habilidades” familiares para tal. Não há momentos em que José procura usar de artimanhas,³⁹⁷ mas, sempre deixou-se conduzir pelos

³⁹⁴ SCHERESCHEWSKI, *In*: SKOLNIK, 2007, p. 47.

³⁹⁵ BRIEND, 1985, p. 19-22.

³⁹⁶ BRIEND, 1985, p. 19.

³⁹⁷ É bem verdade que, para se revelar a seu irmão, há toda uma trama bem elaborada, mas lá ele já está no poder e o faz, ao que parece, para levar seus irmãos a refletirem no que acontecera e aguçar seu senso de irmandade. Algo bem diferente de se usar a trapaça para adquirir algo pra seu proveito.

planos divinos, como ele mesmo declara: “Deus enviou-me adiante de vós [...] assim, não fostes vós que me enviastes para cá, mas sim Deus, que me colocou como pai [sic. conselheiro] do faraó, como senhor de toda sua casa e governador de toda a terra do Egito”.³⁹⁸

Desta forma acredita-se que alguns pressupostos relacionados, em especial a Jacó, devam ser reformulados, pois, suas atitudes não demonstram ingenuidade; muito pelo contrário, utilizou-se de subterfúgios negativos para alcançar sua meta. Aproveitou-se da fome de seu irmão para propor a compra da primogenitura e depois com extrema frieza e habilidade passou pelo teste de seu pai e tudo para buscar a bênção. Essa “paixão” pela primogenitura é de extremo louvor, mas seus métodos a fim de obtê-la são reprováveis.

Quanto a aprovação de Isaque no processo de hábil artimanha e, aparentemente, falta de qualquer juízo de valores na estrutura de Gn 25-36, o hagiógrafo parece condená-lo ao compará-lo com José. Talvez não só a ele, mas a toda trajetória de engano vivenciada pelos pais e mães: Abraão (quando diz ao faraó que Sara é sua irmã, Gn 20.9), Isaque (quando diz para Abimeleque que Rebeca é sua irmã, Gn 26.10) e, principalmente, ao próprio famigerado Jacó.

É bem provável que para uma melhor compreensão sobre as narrativas de Jacó, deve-se levar em consideração a integridade e o desenrolar da história de seu filho José. Assim, a bênção deve ser almejada e valorizada, mas, acima de tudo, adquirida com bons padrões de moral e ética. Pois, afinal, a mesma vem através de Yahweh que continua no controle da história e não deve ser buscada por meios escusos.

O que significa esta bênção? O que ela era? Por que Esaú chora inconformado quando descobre que seu irmão recebera a bênção? Certamente não era apenas uma bênção material; pois, embora Esaú não a recebesse, quando Jacó o encontra a caminho de casa, ele vai ao seu encontro com quatrocentos homens (Gn 33.1), um poder considerável. Deste modo pode-se pensar nas dimensões de atuação ou de definição da bênção.

Pode-se ver na bênção impetrada, um significado bastante espiritual. Pois “os israelitas criam, ademais, no poder das palavras, e, especialmente, que bênçãos e maldições, uma vez pronunciadas, punham em movimento uma série de

³⁹⁸ A BÍBLIA SAGRADA, 2008, p. 52. Gn 45.7-8.

acontecimentos que não se pode abolir”.³⁹⁹

Segundo Gusso:

[...] o uso da bênção é tão largo que, em alguns casos, pode dar a impressão de ser ela apenas um desejo de que alguma coisa boa venha a ocorrer para o abençoado, ou ainda, uma simples formalidade. Na realidade, porém, ela é muito mais do que um bom desejo, ou um rito formal. Para o povo de Israel ela possui o poder de criar algo bom no ou para o abençoado. Como bem diz Walther Eichrodt (1975), não é qualquer palavra proferida que tem poder em si mesma, mas palavras ditas com grande ênfase e firme intenção, o que é o caso da bênção.”⁴⁰⁰

Essa crença é tão forte que quando um pai concedia sua bênção ao filho, esta recebia uma conotação quase mágica. Eles acreditavam que se confirmava pelos deuses.⁴⁰¹

Essa concepção espiritual era tão forte, que segundo von Rad:

[...] é fato comprovado que para muitas culturas antigas as palavras não serviam apenas para designar determinados objetos. Em algumas situações, elas podiam fazer surgir uma nova realidade, baseada apenas no poder misterioso que lhes era inerente. Elas tinham o poder de criar alguma coisa”⁴⁰²

Para Mowinckel, através desse poder criador, o abençoado recebe segurança, bens, fertilidade, vida longa e felicidade. Não é um poder que surge do nada, mas provém de Yahweh, por isso seu nome se faz presente no pronunciamento de muitas bênçãos. Onde ocorre a transmissão da bênção do pai para o filho ou do orador ao abençoado.⁴⁰³

Para Kaiser, a bênção é o terceiro elemento da promessa, e a partir dela:

Abraão e cada filho sucessivo da promessa, teria de ser a fonte de bênçãos; de fato, seriam a pedra de toque da bênção para todos os outros povos. Todas as nações da terra seriam abençoadas por eles, porque cada um deles era o mediador de vida para as nações.⁴⁰⁴

Também define a bênção como:

³⁹⁹ ROGERSON, *In: CLEMENTS*, 1995, p. 25.

⁴⁰⁰ GUSSO, 2007, p. 131.

⁴⁰¹ SCHWANTES, *In: RIBLA*, 1996, p. 63.

⁴⁰² VON RAD, 1986 apud GUSSO, 2007, p. 139.

⁴⁰³ MOWINCKEL, 1962 apud GUSSO, 2007, p. 141.

⁴⁰⁴ KAISER, Walter C. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 94.

[...] uma profecia, o próprio presente que resultava da bênção (Gn 33.11), uma capacidade concedida por Deus para segurar o cumprimento da promessa (17.16; 24.60), o galardão da prosperidade (15.1), a paz do Senhor (26.29), e nada menos do que a presença do próprio Deus (26.3,28).⁴⁰⁵

Dentre os cinco aspectos mencionados acima, três delas estão intimamente ligadas com a conotação espiritual. Também, nessa mesma direção, Ballarini ainda destaca que na frase “quem te amaldiçoar seja amaldiçoado; quem te abençoar seja abençoado” (Gn 27.29) há uma promessa espiritual.⁴⁰⁶

6.2 Dimensão religiosa

Quando Rebeca chama Jacó e o instrui para receber a bênção no lugar de Esaú, ela deixa bem claro que a bênção apresentava uma conotação religiosa, pois seria alcançada diante do Senhor (Gn 27.7), como um ato de culto. Brown, já defendia essa ideia, quando falou sobre o fato de Rebeca puxar para si a responsabilidade do engano, inclusive colocando-se como o alvo da maldição que viria, caso alguma coisa desse errado.⁴⁰⁷

Segundo Noth, a promessa da terra e a promessa de um descendente (dois dos aspectos da bênção) estavam intimamente relacionadas com a religião dos patriarcas.⁴⁰⁸

Este vínculo era tão forte que há quem diga ser o fator preponderante no que diz respeito à herança, ou seja, o “herdeiro da propriedade do pai, [é] quem ficava com a obrigação de conservar as sacras da família, ou, mais propriamente, o culto dos Teraphins”.⁴⁰⁹ Embora seja uma afirmação um tanto abrangente, percebe-se, no mínimo, o senso de importância religiosa que imperava naquela época, inclusive entre os israelitas.

Segundo a Enciclopédia Judaica, pela posição privilegiada em que se encontrava, o primogênito era tratado como um dos sacrifícios mais desejáveis para

⁴⁰⁵ KAISER, 1980, p. 102.

⁴⁰⁶ BALLARINI, 1975, p. 115.

⁴⁰⁷ BROWN, 1971, p.110.

⁴⁰⁸ NOTH, [s.d] apud KAISER, 1980, p. 93.

se oferecer a uma divindade.⁴¹⁰ Na forma em que ele coloca a questão, dá-se a ideia de que o sacrifício de primogênitos era comum e generalizado. Sugerindo a veracidade do pensamento: “mata-se o primeiro para aplacar a ira dos deuses, e conseqüentemente, ter-se muito mais filhos”.⁴¹¹

Para de Vaux, o culto sacrificial em Israel com seus diversos sistemas, são bem parecidos com a prática dos cananeus. Pois, no processo de sedentarização eles adaptaram as práticas cananeias relacionadas ao holocausto e ao sacrifício de comunhão com os antigos ritos de sangue, criando ao final do processo uma religião independente. Ele também defende que o modelo de culto onde aconteciam os sacrifícios infantis fora copiado dos cultos dos filisteus.⁴¹²

Conforme a análise de Adam, o sacrifício de crianças e seu vínculo com a religião de Israel não é tão claro ou normativo, como imaginado no parágrafo anterior. Ele defende que: a) é extremamente difícil chegar a uma definição de data para o início desta prática pelos israelitas ou mesmo entre seus vizinhos; b) percebe-se que a origem dos sacrifícios acontecia entre a circunvizinhança israelita, embora não se defina de datas; c) há uma clara mão redacional que é unânime e contundente numa pregação contrária aos sacrifícios; d) uma das razões principais para a adoção de uma prática tão bárbara dava-se devido a ignorância ou confusão teológica do povo, que volta e meia confundia seu Deus com os deuses das outras culturas.⁴¹³

Weissheimer defende que a descrição dessa prática é excepcional. Assim, em Israel o sacrifício infantil não era algo normativo.⁴¹⁴

O sacrifício era mais que um tributo, era uma oferta. A oferta deveria ser algo que fizesse parte da vida cotidiana do ofertante e ao mesmo tempo fosse muito importante para ele. A respeito da destruição, sobre o altar, da vítima imolada ou dos produtos oferecidos, há duas versões que se completam: a primeira indica que a destruição é o único meio de tornar a

⁴⁰⁹ WHITEHOUSE, Owen C. *Costumes Orientais, Antiguidades Bíblicas*. Tradução de Jorge Goulart. São Paulo: União Cultural, 1950. p. 22.

⁴¹⁰ LEVINE, *In*: SKOLNIK, 2007, p. 45.

⁴¹¹ Não foi possível a localização de algum teólogo que tenha defendido isso claramente. Mas optou-se por manter esta ideia, deste jeito, porque por muitas vezes ela já fora dita nos bastidores dos meios acadêmicos. É quase uma verdade assentada, sem ao menos, ter uma base específica.

⁴¹² DE VAUX, 2003, p. 479.

⁴¹³ ADAM, Júlio César. *O Senhor da Guerra não Gosta de Crianças: busca por uma teologia diante do sacrifício de crianças...* 1996. 50 f. (Trabalho de Conclusão de Curso), Faculdades EST, São Leopoldo, 1996. p. 8-18.

⁴¹⁴ WEISSHEIMER, Vera Cristina. *As crianças e seus algozes herem, 'olah e exploração: sacrifício de crianças em Israel e na atualidade*. Rio de Janeiro: Koinonia, 1996. p. 15.

vítima inutilizável, que seja oferta irrevogável, o que está relacionada com uma ideia mais geral de que tudo é sagrado a Deus e deve ser subtraído do uso profano (...). A segunda razão mostra que a destruição é o único meio de dar a oferenda a Deus fazendo-a passar para a esfera invisível. [Sic]⁴¹⁵

Schwantes declara que os sacrifícios não viriam das unidades familiares, pois seria ilógico e contraproducente, mas teria sua aplicação instituída a partir da macro-estrutura de poder. Os estados necessitariam, dependendo de sua confusão teológica e apego idolátrico, dos primogênitos entregues aos sacrifícios, principalmente para aplacar a ira dos deuses e ainda como maneira de ostentar o poder de posse sobre seus explorados.⁴¹⁶ Isto, explicaria a grande importância dada ao primogênito no período patriarcal (por ser uma fase sem o domínio controlador e deturpador do estado e ainda, por seu estilo marginalizado⁴¹⁷) e também pelo cronista (certamente a retomada da importância da primogenitura seria um bom aliado contra as hierarquias de poder e/ou seus ditames).

Eichrodt compartilha desse pensamento dizendo que a ideia de se conceber uma prática sacrificial corriqueira, não passa de um grande equívoco. Embora as escavações tenham comprovado os sacrifícios infantis pelos cananeus pré-israelitas, não se pode imaginar algo comum ou habitual. Não dá para manter a ideia de que todos os primogênitos eram sacrificados; as oferendas aconteciam em ocasiões especiais, em geral nas fundações de construções ou muros e nos casos de guerra. Se essa rotina não pode ser comprovada em Canaã, muito menos o seria em Israel. Não seria lógico pensar nos sacrifícios de todos os primogênitos, diante da clara alegria demonstrada em todo o Antigo Testamento pelo seu nascimento. Outro aspecto que depõe contra esta prática é o momento vivencial i.e., antes de instalarem-se como nação, os filhos de Israel precisavam de toda a força possível para as batalhas ou mesmo para o assentamento, sendo assim, não poderiam se dar ao luxo de perder o primogênito.⁴¹⁸ Sem mencionar que conforme definido anteriormente, o primeiro a romper a madre era símbolo de vigor, como um todo ou no âmbito sexual.

⁴¹⁵ WEISSHEIMER, 1996, p. 14.

⁴¹⁶ SCHWANTES, 1986 apud ADAM, 1996, p. 17.

⁴¹⁷ Por estilo marginalizado, pretende-se enfatizar o aspecto de liberdade que uma cultura caracteristicamente nômade tinha com relação às cidades e seus malefícios.

⁴¹⁸ EICHRODT, W. *Theology of the Old Testament*. Tradução de J. A. Baker. Philadelphia: Westminster Press, 1975. v. 1. p. 148.

Embora não comprove a prática dos sacrifícios infantis como algo normativo, é fato a intrínseca ligação entre a religião e o direito de primogenitura. Em especial, quando se observa as leis referentes às ofertas das primícias, onde as primeiras crias e os primeiros frutos eram entregues ao Senhor, e o primogênito era considerado pertencente a Yahweh, mas em lugar de sacrifícios Deus exigia remissão.

6.3 Dimensão patrimonial

É possível pensar que no período patriarcal, o direito de primogenitura não teria nenhuma conotação relacionada à terra. Até se cogitaria a possibilidade da herança de riquezas diversas, desde que deixadas de lado às questões territoriais, afinal eram nômades e teoricamente não se fixavam a lugares. Isso porém, não é de todo verdadeiro, pois, mesmo sendo itinerantes, suas saídas e chegadas eram pré-estabelecidas. Possivelmente até as rotas poderiam ter uma conotação de bem pessoal.

Para Schultz, além Isaque ter herdado a riqueza de seu pai Abraão e seu estilo de vida, ele passou a praticar a agricultura e se instalou em Gerar. Abraão também esteve em Gerar, mas permanecera mais na região de Hebrom.⁴¹⁹ Além disso, em Gn 21.25-31 Abraão discute sobre o fato dos servos de Abimeleque tomarem os poços que ele cavara, dando a ideia de pertença, de posse.

Corroborando com essa ideia, Schwantes, defende que:

[...] numa vida de nomadismo o acesso a um poço é, simultaneamente, acesso à terra, à pastagem [sendo ainda possível dizer] que o túmulo represente, em terra agricultável (cap. 24), algo semelhante ao poço em terra de pastagens seminômades (cap. 21). Ambos constituem direito de uso para a terra circundante”.⁴²⁰

Jarschel declara que “a bênção do primogênito deve ser analisada dentro deste prisma [conflitos entre grupos, com disputas políticas pela terra]. Ela é ao

⁴¹⁹ SCHULTZ, 1998, p. 34.

⁴²⁰ SCHWANTES, Milton. “Não Estendas a Tua Mão contra o Menino”: observações sobre Gênesis 21 e 22. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, No. 10, p. 24-39, 1991. p. 34.

mesmo tempo, assunto da casa e do grupo maior porque envolve terra”.⁴²¹

Para Donner:

De acordo com o *direito fundiário* israelita clássico, Javé era tido como proprietário de todo o solo e de toda a terra. Os direitos de propriedade das famílias são fundiariamente subordinados à Javé, e o são como feudos fundamentalmente inegociáveis e obrigatoriamente hereditários.⁴²²

Talvez seja aplicável nessa mesma ideia que os deuses são os detentores da propriedade, como se comprova quando Raquel rouba os ídolos de seu pai. Em conformidade com os costumes de Nuzu, “um genro que possuísse os deuses domésticos podia reivindicar em tribunal a herança da família”.⁴²³

Gottwald, menciona que um dos aspectos confirmatórios da bênção de Yahweh percebia-se conforme o rendimento agrícola, pois dependia da terra arável e da necessidade da renovação da bênção de geração a geração, devido às devastações causadas pelas intempéries da natureza ou pelos conflitos armados.⁴²⁴

Para von Rad, “a promessa aos pais possui um duplo conteúdo; a garantia da posse da terra de Canaã e a promessa de uma posteridade inumerável”.⁴²⁵ Enquanto que para Kaiser, é tríplice: “um descendente, uma terra e uma bênção para todas as nações da terra” com a bênção sendo o principal, ou mais importante deles.⁴²⁶

Ballarini destaca que para o cumprimento de parte da bênção descrita em Gn 25.28 “orvalho dos céus, enxúndia da terra e transbordamento de messe e vinho” há a necessidade de um território.⁴²⁷

Kidner afirma que “pelo menos no Israel ulterior, duplo quinhão de herança”.⁴²⁸ Em contrapartida, Hamilton defende que no período patriarcal isso não se limitava apenas aos dois terços ou duplo quinhão, ia muito além. Abraão, por exemplo, deu tudo o que tinha para Isaque, no momento da bênção.⁴²⁹

⁴²¹ JARSCHER, In: RIBLA, 1996, p. 59.

⁴²² DONNER, 2006. v. 1. p. 177.

⁴²³ SCHULTZ, 1998, p. 35

⁴²⁴ GOTTWALD, Norman K. *As tribos de lahweh: uma sociologia da Religião de Israel liberto, 1250-1050 a.C.* Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 295.

⁴²⁵ VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento: teologia das tradições históricas de Israel.* São Paulo: ASTE, 1973. p. 175.

⁴²⁶ KAISER, 1980, p. 89.

⁴²⁷ BALLARINI, 1975, p. 115.

⁴²⁸ KIDNER, 2006, p. 141.

⁴²⁹ HAMILTON, 1994, p. 185.

De Vaux, a partir de Deuteronômio 25.5⁴³⁰ defende que “é provável que só se repartissem os bens móveis e que, para manter intacto o patrimônio familiar, a casa e as terras fossem atribuídas ao primogênito ou ficassem indivisas”.⁴³¹

6.4 Dimensão social

Além do aspecto espiritual, da relação religiosa e do âmbito territorial, vistos até aqui como pertencentes à bênção, nota-se uma dimensão também no campo social, a liderança do grupo.

Para Levine, a primogenitura, em si mesma, traz certos direitos e deveres que vão além da tradicional concepção de herança e *status* religioso. Embora, ele não esclareça exatamente qual seria esta finalidade, pois, como defende, não se tem uma definição bíblica tão clara como se gostaria que fosse, pelos textos indicados percebe-se que o primogênito, em determinadas situações, recebia uma posição pré-estabelecida e em outras, tarefas específicas a desenvolver.⁴³²

Quanto ao destaque do primogênito em relação aos demais, é vislumbrado a partir de alguns indícios encontrados na Bíblia. Um deles é os dois sonhos de José. Quando jovem seus irmãos ficaram furiosos com a possibilidade dele, o décimo primeiro filho, receber a liderança do grupo (Gn 37.7-11). Outro indício está registrado em Gn 43.33, onde os irmãos de José foram dispostos à mesa por ordem de idade; e também em Gn 48.13, no momento da transmissão da bênção, o primogênito posicionava-se à direita de seu pai.

Em relação às suas funções, Gn 37.20-24 indica que Rúben, o primogênito de Jacó, demonstrava certa autoridade sobre os demais. Após os outros irmãos planejarem matar a José, ele conseguiu dissuadi-los. Jz 8.20 destaca que Gideão, ao voltar do combate ordena que Jeter, seu primogênito, mate o inimigo capturado

⁴³⁰ “Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer sem filhos, então, a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família; seu cunhado a tomará e a receberá por mulher, e exercerá para com ela a obrigação de cunhado.” (A BÍBLIA Sagrada, Tradução de João Ferreira de Almeida. Tradução Revista e Atualizada. 1993)

⁴³¹ DE VAUX, 2003, p. 77.

⁴³² LEVINE, *In*: SKOLNIK, 2007, p. 45.

em batalha. Em I Cr 26.10, faz-se menção a um homem designado para determinada função, com a observação de que ele não era o primogênito.

Ballarini, embora não descreva os pormenores, menciona que o fator de dominação de um sobre o outro, fazia parte da bênção.⁴³³ Algo tão necessário para aquela época e sua estrutura familiar diferenciada.

De igual modo, Schultz diz que a partir da narrativa bíblica, o mais relevante no recebimento da bênção é sua aplicabilidade quanto à liderança do grupo, muito mais do que as bênções materiais propriamente ditas.⁴³⁴

Kidner também concorda que “o direito de nascimento (AV) era a posição social do primogênito (cf. AA). Significava a chefia da família.”⁴³⁵

Para Laburthe-Tolra, o chefe do clã, como líder recebia

[...] quatro principais funções de autoridade: religiosa, política, jurídica e econômica: ele é o sacerdote do culto doméstico [...] representante [...] nas relações políticas, junto ao conselho da aldeia ou da tribo, do qual ele participa; tem jurisdição no interior da família; [...] e] é o administrador do patrimônio da comunidade, devendo assegurar sua conservação e crescimento.⁴³⁶

6.5 Dimensão existencial

Na transmissão da bênção ao seu filho, o pai passa sua força vital, num ritual envolto em tamanha profundidade que, metaforicamente, seria possível dizer que naquele momento sua própria alma era transmitida ao seu descendente. Optou-se em nomear isso como dimensão existencial, porque a bênção também corresponde à própria continuidade da vida. Na cultura hebraica acreditava-se que o nome do pai, sua essência, era transmitido aos filhos, os quais conduziriam esta linhagem adiante, repassando-a aos seus filhos e assim sucessivamente. Pois, o “israelita antigo entendia que o seu nome e a sua personalidade seriam de algum modo perpetuados na vida dos seus descendentes”.⁴³⁷

⁴³³ BALLARINI, 1975, p. 115.

⁴³⁴ SCHULTZ, 1998, p. 35.

⁴³⁵ KIDNER, 2006, p.141.

⁴³⁶ LABURTHE-TOLRA, 2010, p. 122-123.

⁴³⁷ WHITEHOUSE, 1950, p. 11.

Como bem destaca Rogerson, “os israelitas também não reconheciam os limites de sua personalidade da forma que o fazemos hoje, mas criam que a personalidade do indivíduo podia ficar inteiramente imersa na do grupo [ou também] se estender para dentro de outra pessoa”.⁴³⁸

Nesta mesma linha de pensamento, mas ampliando mais esta percepção, Vermeylen, ao fazer um recorte Javista no ciclo de Jacó,⁴³⁹ defende que:

[...] a ligação entre as ‘histórias das origens’ e a de Abraão é agora garantida pelo motivo do ‘nome’. Todos os homens tentam em vão conquistar um nome (relato J da torre de Babel, Gn 11.1-9; cf. v. 4), mas que Javé concede com toda liberdade a um só, isto é, a Abraão (12.2). [...] Também o vínculo entre as histórias de Jacó pai de José (25-33 Dv) e de José filho de Israel (Gn 37-46 Dv) é possível pela adição J do motivo do novo nome conferido a Jacó em Gn 32.28-29a.⁴⁴⁰

Schwantes também faz uma observação bastante pertinente: curiosamente, os três grandes ciclos (Abraão, Jacó e José) são denominados, respectivamente como: Toledot⁴⁴¹ de Terá, Toledot de Isaque e Toledot de Jacó. Ainda, segundo ele, “as histórias de José são intituladas como se fossem de Jacó. As de Jacó como se elas se referissem a Isaque [e as] ‘histórias de Abraão’ [...] são introduzidas como se fossem de Terá”. Isso só acontecia, porque o pai continuava “vivo” na trajetória do filho.⁴⁴²

Talvez por isso, a lei do Levirato era bastante importante na cultura hebraica:

Se dois irmãos morarem juntos, e um deles morrer sem deixar filhos, a mulher do falecido não se casará com um estranho, alguém de fora; seu cunhado se casará com ela, cumprindo seu dever de cunhado para com ela. E o primogênito que ela lhe der perpetuará o nome do irmão falecido, para que o nome dele não se apague em Israel [...]⁴⁴³

⁴³⁸ ROGERSON, *In*: CLEMENTS, 1995, p. 25.

⁴³⁹ Este autor faz uma análise dentro do Ciclo Jacobita, do que ele julga ser pertencente à fonte Javista, chegando a ver certa estrutura e procurando mostrar suas lições. Embora, não se possa concordar plenamente com sua tese, a constatação citada a seguir faz muito sentido.

⁴⁴⁰ VERMEYLEN, *In*: PURY, 1996, p. 157. A consoante J é usada por ele como sigla da Fonte Javista Salomônica e Dv como símbolo da Fonte Javista davídica.

⁴⁴¹ Por *Toledot* (tAdleAT) pode-se entender a geração de alguém (genealogia) ou de algo (gênese), sua origem, sua história, conforme KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 20. ed. São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2007. p. 265.

⁴⁴² SCHWANTES, Milton. “E estas são as gerações de Terá”: Introdução a Gênesis 12-25. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Pentateuco. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, n. 23. p. 46, 1996.

⁴⁴³ DEUTERONÔMIO, 2008. p. 222. (Dt 25. 5-6)

Boecker destaca que o primeiro filho de um levirato “não é considerado filho do pai biológico, mas, sim, do irmão falecido. Ele continua o seu nome e providencia para que o nome do falecido ‘não se apague em Israel’ (v.6), i.e., sua linhagem conservará em Israel”.⁴⁴⁴ Este autor reforça dizendo: “possivelmente, a origem jurídica se encontra na época nômade, quando a estrutura familiar era de suma importância”.⁴⁴⁵ Nesta mesma linha de relevância, Crüsemann destaca três áreas de ingerência que esse costume está relacionado: “à ordem hereditária patrilinear, à estrutura familiar patrilocal e à suma importância do nome”.⁴⁴⁶

Isso estava tão arraigado, que Coleman chega a mencionar a probabilidade de existir muito mais disputas pela primogenitura além de Esaú e Jacó, que nem foram registradas. Ele diz: “é provável que existam inúmeros outros casos de manobras semelhantes [às de Jacó para com Esaú], até com ocorrência de mortes prematuras, por causa deste costume”.⁴⁴⁷

Além desse posicionamento cultural peculiar dos israelitas, Barr chama a atenção para outro detalhe relacionado com a herança. Ao analisar a Lei como um todo, ele vê na legislação registrada em Nm 27.1-11 e 36, uma permissão para que a herança fosse dividida entre as filhas, na falta de filhos, devido ao grande interesse ou necessidade de se evitar a extinção da família.⁴⁴⁸

A continuidade da linhagem, além de super valorizada, recebia um lugar especial no momento do pronunciamento da bênção relacionada ao direito de primogenitura. Por isso, dependendo da situação, o pai poderia optar por não abençoar o primogênito, como de costume.

Exemplo disso é o caso de Judá, que, na opinião de Kaiser, foi quem se tornou o líder dos filhos de Jacó, apesar de ser o quarto na sucessão, pois, os três primeiros foram desqualificados: Rúben por ter se deitado com a concubina de seu pai e Simeão e Levi por não serem fiéis a uma aliança, se metendo na vergonhosa vingança dos siquemitas. Ainda, segundo ele, o fato de José ter recebido porção

⁴⁴⁴ BOECKER, Hans Jochen. *Orientação para a vida: direito e lei no Antigo Testamento*. Tradução de Erica L. Ziegler. São Leopoldo: Sinodal e EST, 2004. p.73.

⁴⁴⁵ BOECKER, 2004, p. 73.

⁴⁴⁶ CRÜSEMANN, 2001, p. 344.

⁴⁴⁷ COLEMAN, 1991, p. 86.

⁴⁴⁸ BARR, *In: VEIJOLA*, 1990. p. 13. Este episódio trata da questão levada a Moisés por Macla, Noa, Hogla, Milca e Tirza, a respeito da herança de seu pai Zelofeade, que morrera sem deixar um filho homem.

dobrada (conforme Gn 48.22) não significava ser ele o herdeiro, mas simplesmente por ter dois filhos, os quais foram adotados por Jacó.⁴⁴⁹

Em contrapartida, Efraim acaba sendo o representante das tribos do Norte. Curiosamente, em Gn 48.16 quando Jacó abençoa a Efraim e Manassés, suas palavras dizem respeito a que seu nome fosse chamado neles. Semelhantemente, na bênção final aos seus doze filhos em Gn 49, enquanto a Judá é pronunciado que seus irmãos se prostrariam (49.8) e que o governo estaria sempre junto dele (49.10), para José, pai de Efraim, fala-se que ele teria uma posição separada de seus irmãos (Gn 49.26) e ainda, a palavra bênção aparece cinco vezes de forma explícita e uma vez implicitamente, em apenas cinco versículos (Gn 49.22-26).

Talvez por este motivo, as tribos do sul só são chamadas pelo nome Israel, quando as do norte são dizimadas pelo exílio Assírio. Antes disso, apenas as tribos do norte (Efraim) são reconhecidas ou denominadas como Jacó ou Israel. Durante ou após o cativeiro Babilônico, os judaítas são mencionados como Israel, israelitas e, ainda, como povo, família ou casa de Israel, conforme discriminado no Quadro 7:

Denominações	Referências Bíblicas
Israel	Esdras 3.11; 6.17; 7.10,11,28; 8.29,35; 9.1; 10.2,5,10; Neemias 10.34; 13.3; Isaías 49.3,6; Jeremias 3.23; 10.16; 23.8; Ezequiel 2.3; 11.13; Sofonias 3.12,14,15; e Malaquias 1.1,5; 2.11; 3.22.
Israelitas	Esdras 2.59,70; 3.1; 6.16; 6.21; 7.7,13; 8.25; 10.1,25; Neemias 1.6; 2.10; 7.7,72; 9.1,2; 10.40; 11.20; 12.47; Isaías 56.8; Ezequiel 6.5; 14.5; e Daniel 1.3; 9.7,20.
Povo, casa ou família de Israel	Esdras 2.2; 4.3; Jeremias 9.25; 10.1; 18.6,13; e Ezequiel 3.1,4,5,7,17; 4.3-5,13; 5.4; 6.11; 8.10-12; 11.5,15; 14.6.
Jacó	Isaías 49.5

Quadro 7 – Relação de nomenclatura nortista utilizada pelo povo de Judá
Fonte: A BÍBLIA Sagrada Almeida Século 21, 2008. p. 506-947.

⁴⁴⁹ KAISER, 1980, p. 99.

6.6 Considerações finais

Como foi descrito até aqui, a definição de bênção tem uma conotação bem ampla. O filho abençoado, geralmente o primogênito, estava sob pelo menos cinco dimensões da mesma. Assim, quando fala-se em bênção da primogenitura, precisa-se ter em mente que ela abarca aspectos espirituais, religiosos, sociais, patrimoniais e existenciais.

A principal diferença entre a dimensão espiritual e a religiosa está no fato da primeira ser algo mais teórico, quase mágico, tratando da sacralidade que envolve a bênção e sua transmissão; enquanto o veio religioso procura vislumbrar algo mais prático, como o culto e toda a religiosidade por trás do mesmo.

O social diz respeito à liderança que é transmitida como herança ao abençoado, o patrimonial refere-se aos bens (principalmente rotas, poços e sepulcros); enquanto o viés existencial envolve a responsabilidade de perpetuar o nome de seu pai.

De forma bastante clara, não se pode afirmar que todas estas dimensões estiveram sempre presentes. Houve momento ou situações em que um aspecto parecia ser mais importante do que outro. Nem sempre todos eles estiveram juntos, variando de acordo com a circunstância.

CONCLUSÃO

Partindo do problema de pesquisa “o direito de primogenitura no Antigo Testamento”, formularam-se determinadas perguntas e algumas hipóteses como respostas. Após análise de obras previstas no início do projeto e outras que foram sendo descobertas ao longo do processo, pode-se comprovar as hipóteses levantadas, embora por meios distintos do que o esperado inicialmente e com alguns acréscimos significativos.

Confirmou-se a hipótese sobre o embasamento da pesquisa em duas palavras do hebraico: בְּכוֹר (bekhor) e פֶּטֶר (peter), que podem ser traduzidas por “primogênito” além de outras variantes. Enquanto a primeira tem um uso mais jurídico, referindo-se ao primeiro filho de um homem sem levar em consideração quantas esposas ele tem, a segunda aparece usada com referência à mãe e num contexto mais religioso.

Em relação à segunda hipótese, percebe-se que ela também foi comprovada. Primeiramente constatou-se veracidade na ideia de solidariedade familiar, por essa razão, tinha um formato estendido, sendo compostas por membros consanguíneos ou afins. Sua principal característica constituía-se por apresentar membros de três ou quatro gerações. Diante disso, inicialmente, na época dos seminômades primitivos de Israel, não existia o costume de partilhar a herança devido à própria dinâmica vivencial, no dia-a-dia. Mas havia o costume da escolha do filho mais velho como o sucessor e administrador da família e do patrimônio. Uma ressalva importante a ser feita é sobre a ideia de porção dobrada ao primogênito. Não foi possível averiguar quando teria surgido essa prática, nem quando o costume tornou-se lei. Também, não foi possível comprovar a existência de uma lei clara sobre todos os aspectos da primogenitura, embora seja plausível argumentar a favor da ideia de um direito consuetudinário.

Houve uma expansão desta hipótese no que diz respeito à significação do direito de primogenitura. Em lugar de apenas enfatizar a liderança e a porção dobrada, observou-se que o primogênito tinha uma participação mais ampla. Sua bênção abrangia cinco áreas: espiritual (implícito em Gn 27.29c quando atribui ao abençoado o poder de bênção e maldição aos que se relacionassem com ele); religiosa (subentendido na própria religião dos patriarcas; que dava-se em torno da

terra e da descendência; e, de forma explícita, quando Rebeca declara que a bênção era impetrada na presença de Yahweh e a partir dos textos normativos relacionados ao culto das primícias); patrimonial (latente nos relatos patriarcais, em especial com a disputa pelos poços de Isaque e o roubo dos *terafins* por Raquel; e explicitado em Gn 27.28, Dt 21.15-17 e Dt 25.5); social (especificado em Gn 27.29 e Gn 49.8e10) e existencial (implicitamente percebido na expressão *Toledot* em Gn 11.27; 25.19; 37.2; e de forma explícita em Gn 48.16, Dt 25.6 e Nm 27.1-11; 36.1-12).

Para a terceira e quarta hipóteses, sobre a subversão da primogenitura, foi possível a verificação, diante da quantidade de casos que aparecem. Descartou-se a possibilidade de ultimogenitura, sugerida por de Vaux. Constaou-se que no processo de sublevação não existe uma única causa nem um único responsável: há a participação divina, mesclada com a paternal, a maternal e a própria intervenção do primogênito. Comprovou-se que o possível *status* em relação ao nascimento, embora defendido e, até salientado nas Escrituras, não interfere na posição do homem diante de Deus e suas escolhas; e que Este tem um gosto peculiar, ou cuidado sobressalente, para com os desfavorecidos.

A última hipótese foi comprovada em parte. As duas leis encontradas a respeito do primogênito e seus direitos, são mais tardias. Porém, não se pode atestar se seus motivos foram meramente condenatórios; embora o intento maior fosse a preservação e a continuidade da família. Também observou-se que Deus, como Soberano, e o patriarca, pela autoridade que lhe era conferida pela própria sociedade, possuíam sua autonomia de ação, respeitando-se as devidas proporções.

Percebeu-se, através da psicologia, que a temática comportamental entre os irmãos continua bastante atual. Curiosamente, à semelhança do passado, onde se acreditava que o primeiro filho seria o vigor de seu pai, hoje ainda se tem expectativas mais elevadas e maiores responsabilidades depositadas sobre o primogênito. De igual modo, assim como no passado, quando o mais velho acabava sendo o líder, atualmente, embora culturalmente isso não aconteça, ele ainda traz algumas marcas dessa iniciativa. Outro dado instigante é que nos dias de hoje, o reconhecimento fraternal tem um papel muito mais determinativo quanto a essa diferença do que a idade, enquanto na cultura hebraica primitiva, era principalmente o pai que desempenhava esse papel de aceitação.

No que diz respeito às informações bíblicas, embora não se tenha descoberto nenhuma lei clara, os indícios encontrados foram suficientes para concordar com os teólogos que defendem uma hegemonia para os primogênitos. Semelhantemente, mesmo não se obtendo detalhes de evolução do processo de um costume consuetudinário, não se tem como negá-lo por completo. Não se sabem detalhes de sua origem e de seu desenvolvimento na história, mas percebe-se a usabilidade de uma prática de favorecimento do filho mais velho com vistas ao melhor andamento da família e suas práticas.

Em relação aos textos bíblicos analisados, diante de tantas teorias vislumbradas, optou-se pelo ecletismo, ora apegando-se ao veio tradicional, ora abandonando-o. Quanto ao tradicionalismo, acredita-se que o Pentateuco deve ser estudado na forma em que é apresentado e defende-se a historicidade das narrativas patriarcais. Não se encontrou indícios fortes o bastante que descaracterizassem as sagas patriarcais como criadas a partir de personagens históricos. Indo além do tradicionalismo, no que diz respeito à trapaça de Jacó, não se pode considerá-lo ladrão, embora não se concorde com seus métodos; é percebido uma intrínseca ligação entre sua história e a de seu filho José, pois, ao que parece, sua predisposição para a trapaça é contraposta com a total dependência do filho, que também recebera vaticínio sobre seu futuro, mas não se utilizou de meios escusos para consegui-los.

De igual modo, o tradicional é abandonado, quando aceita-se a teoria de Bledstein no que diz respeito à nova interpretação sobre a trapaça de Jacó, que não vê Isaque como um moribundo, mas como alguém atento ao seu redor e um hábil estrategista.

Além desses apontamentos obtidos, há também algumas situações que poderiam ser investigadas através de outras pesquisas, tais como:

Qual a diferença entre a bênção dada a Judá (autoridade) e aquela mencionada a Efraim em Gn 49?

Qual a correlação de Gn 49 com a divisão do reino, visto que Judá fica com a monarquia enquanto Efraim deveria ser o responsável pela perpetuação do nome?

Seria possível sugerir um surgimento comum e uma datação mais antiga para o Pentateuco Massorético e o Samaritano, devido às poucas diferenças encontradas entre eles?

Como aconteceria o fratriarcado, aparentemente, existente no clã de Labão?

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA Sagrada. Hebraico. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.
- A BÍBLIA Sagrada. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Ed. revista e ampliada. Direção Editorial de Paulo Bazagila. São Paulo: Paulus, 2008.
- A BÍBLIA Sagrada. Português. *Bíblia Sagrada. Tradução de Ludovico Garmus*. 45. ed. Petrópolis: Vozes, Aparecida: Santuário, 1563 p.
- A BÍBLIA Sagrada. Português. *Bíblia Tradução Ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1997. [CR-ROM]
- A BÍBLIA Sagrada. Português. *Tradução de João Ferreira de Almeida*. Tradução Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- A BÍBLIA Sagrada Almeida Século 21. Português. *Tradução de João Ferreira de Almeida*. Organizada por SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- ADAM, Júlio César. *O Senhor da Guerra não Gosta de Crianças: busca por uma teologia diante do sacrifício de crianças...* (Trabalho de Conclusão de Curso), Faculdades EST, São Leopoldo, 1996. 50 f.
- ALONSO SCHÖKEL, Luiz. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997. 798 p.
- _____. *Pentateuco I: Genesis y Exodo*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1970.
- ALT, Albrecht. *Terra prometida: ensaios sobre a história do Povo de Israel*. São Leopoldo: Sinodal, 1987. 236 p.
- ALTAVILA, Jaime. *Origem dos direitos dos povos*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. 224p.
- ARANA, Andrés Ibáñez. *Para compreender o livro de Gênesis*. Tradução de Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2003.
- ARCHER, Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento? Panorama e introdução*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1979. 575 p.
- ARNOLD, Bill T.; BEYER, Bryan E. *Descobrendo o Antigo Testamento: uma perspectiva cristã*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001. 527 p.
- AUSIN, Santiago. *La tradicion de Jacob em Oseas 12*. In: ESTUDIOS BIBLICOS. Vol XLIX, Segunda época, Cuaderno 1. Madrid: Centro de Estudios Teológicos San Damaso; Asociación Bíblica Española, p. 5-23, 1991.

BALLARINI, Teodorico. *Pentateuco: introdução à Bíblia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis: Vozes, 1975. 367p.

BARR, James. *Biblical Law and the Question of Natural Theology*. In: VEIJOLA, Timo (Org.). *The Law in The Bible and in its Environment*. Helsinki: The Finnish Exegetical Society, Goettingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990. 186p.

BENDER, André Luís. *O código de Hammurabi e o Antigo Testamento*. In: VOX CONCORDIANA: SUPLEMENTO TEOLÓGICO, Vol. 10 No. 1. São Paulo: Instituto Concórdia, p. 37-80, 1995.

BERNARDOS, M. L. Sanches, et al. *Orden de nacimiento y apoyo parental: su papel em La orientación interpersonal de los adolescentes. Um estudio preliminar*. In: CLÍNICA Y SALUD. [S.l.], vol. 18, n. 1, p. 9-21, 2007. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl3?sid=metalib:L_SCIELO&id=doi:&genre=&isbn=&issn=1130-5274&date=2007&volume=18&issue=1&spage=9&epage=21&aulast=S%C3%A1nchez%2DBernardos&aufirst=&auinit=&title=Cl%C3%ADnica%20y%20Salud&atitle=Orden%20de%20nacimiento%20y%20apoyo%20parental%3A%20su%20papel%20en%20la%20orientaci%C3%B3n%20interpersonal%20de%20los%20adolescentes%20E%20Un%20estudio%20preliminar&sici=&__service_type=&pid=<metalib_doc_number>013248644</metalib_doc_number><metalib_base_url>http://svrperiodicos2.periodicos.capes.gov.br</metalib_base_url><opid></opid>>. Acesso em: 26 mar. 2011.

BIBLEWORKS for Windows [arquivo de computador]. version 7.0.012g. Norfolk: Bibleworks, LLC, 2006.

BLEDSTEIN, Adrien Janis. *A amarradora, o trapaceiro, o calcanhar e o cabeludo. Relendo Gênesis 27 como uma trapaça contada por uma mulher*. In: BRENNER, Athalya (Org.). *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. Tradução de Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. 447p.

BOECKER, Hans Jochen. *Orientação para a vida: direito e lei no Antigo Testamento*. Tradução de Erica L. Ziegler. São Leopoldo: Sinodal e EST, 2004. 128p.

BOUZON, Emanuel. *As cartas de Hammurabi: introdução, tradução do texto cuneiforme e comentários*. Petrópolis: Vozes, 1986. 240p.

_____. *As leis de Eshnunna: introdução, texto cuneiforme em transcrição, tradução e comentários*. Petrópolis: Vozes, 1981. 176p.

_____. *O Código de Hammurabi: introdução, tradução (do original cuneiforme) e comentário*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. 116p.

BRIEND, Jacques. *Leitura do Pentateuco*. 4.ed. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1985. 85p.

BRIGHT, J. *História de Israel*. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Edições Paulinas, 1978. 688p.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Traduzido por Celso Eronides. São Paulo: Academia Cristã e Paulus. 2007. 1263p.

BRUEGGEMANN, Walter. *Genesis: a Bible commentary for teaching and preaching*. Atlanta: John Knox Press, 1982. 384p.

CARROLL, Michael P. *Genesis Restructured*. In: LANG, Bernhard. (Ed.) *Anthropological Approaches to the Old Testament*. Philadelphia: Fortress Press, London: SPCK, 1985. 175p.

CASTRO, Flávia Lages de. *História do direito: geral e Brasil*. [S.l.]: Lumen Juris, 2010. 570p.

CERESKO, Antony R. *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1996. 351p.

CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado: Versículo por versículo*. v. 1. São Paulo: Candeia, 2000.

CLEMENTS, Ronald E. Israel em sua situação histórica e cultural. In: _____ (Org.). *O Mundo do antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995. 416p.

COATS, Georges W. *Genesis, with an introduction to narrative literature*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1983. 322p.

COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Tradução de Myriam Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1991. 360p.

CONTENAU, Georges. *A vida Quotidiana na Babilônia e na Assíria*. Tradução de Leonor de Almeida e Alexandre Pinheiro Torres. Lisboa: Livros do Brasil, [19--]. 342p.

CROATTO, José Severino. *O propósito querigmático da redação do Pentateuco: reflexões sobre a estrutura e teologia*. In: REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA, Pentateuco. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, n. 23. p. 7-15, 1996.

CRÜSEMANN, Frank. *A Tora: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Tradução de Haroldo Reimer. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 353.

DATTLER, Frederico. *Gênesis: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 1984. 239p.

DAVIDSON, B. *The analytical hebrew and chaldee lexicon*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1980. 784p.

DE VAUX, Roland de. *Das Alte Testament und seine Lebensordnungen*. I. Freiburg: HERDER, 1960.

2.periodicos.capes.gov.br</metalib_base_url><opid></opid>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

GANCHO, C. *Primogênito*. In: DIEZ-MACHO, Alejandro; BARTINA, Sebastian. *Enciclopedia de la Biblia*. Barcelona: Ediciones Garriga, 1963.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Casa e Casamento no Antigo Testamento: Seminário da Faculdade de Teologia - 1. semestre de 2002*. In: Estudos Teológicos, São Leopoldo, v.42, n.1, p. 81-89, abr. 2002.

GESENIUS, H. W. F. *Gesenius' hebrew and chaldee lexicon to the Old Testament scriptures*. Translated by Samuel Prideaux Tregelles. Michigan: Baker, 1984. 919p.

GORGULHO, Gilberto. A História primitiva: Gênesis 1-11. *RIBLA*, Pentateuco. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, n. 23. p. 32-44, 1996.

GOTTWALD, Norman K. *As tribos de lahweh: uma sociologia da Religião de Israel liberto, 1250-1050 a.C.* Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1986. 931p.

_____. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988. 639p.

GOWER, Ralph. *Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos*. Tradução de Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 393p.

GUSSO, Antônio Renato. *As Maldições do Salmo 137: o princípio da reciprocidade na justiça do Antigo Testamento como chave bíblica para a interpretação*. 2007. 289 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, UMESP, São Bernardo do Campo, 2007.

_____. *Gramática Instrumental do Hebraico*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 308p.

_____. *Linhas gerais e novas tendências da crítica do Pentateuco*. VIA TEOLÓGICA. Curitiba: FTBP, n. 8, dez. p. 73-102, 2003.

_____. *O Pentateuco: Introdução fundamental e auxílio para a interpretação*. Curitiba: A.D. Santos, 2011. 120p.

HAMILTON, Victor P. *Patar*. In: HARRIS, HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

_____. *The Book of Genesis: Chapters 18-50*. Michigan: Grand Rapids, 1994. p.185. 774p.

HARRIS, J. R. (org.) *O legado do Egito*. Tradução de Henrique Araújo de Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 584p.

HOFF, Paul. *O Pentateuco*. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. 2. ed. São Paulo: Vida, 1983.

HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010. 628 p.

HOLLENBERG, W.; BUDDE, K. *Gramática elementar da língua hebraica*. 7. ed. Tradução de Nelson Kirst. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1991. 461p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Melo. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2925p.

JARSCHEL, Haidi. *Ventre, Casa, Terra: espaços da historiografia sexuada, Gênesis 25-36*. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Pentateuco. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, n. 23. p. 55-66, 1996.

JENNI, Ernst. *Señor*. In: _____; WESTERMANN, Claus (Ed.). *Diccionario teológico: manual Del Antigo Testamento*. t. 1. Traducción de J. Antonio Mugica. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978. 1306 p.

KÄSER, Lothar. *Diferentes culturas: uma introdução a etnologia*. Tradução de George Albert Fuchs. Londrina: Descoberta, 2004. 310p.

KAISER, Walter C. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1980. 312 p.

KIDNER, D.K. *Gênesis: introdução e comentário*. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Edições Vida Nova, Mundo Cristão, 2006. 260p.

KIRST, Nelson et al. *Dicionário hebraico-português & aramaico-português*. 20. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2007. 305p.

KITTEL, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1972-1976. 10 v.

KOEHLER, Ludwig, BAUMGARTNER, Walter. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 1994. Vol I.

LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. *Etnologia – Antropologia*. Tradução de Anna Hartmann Cavalcanti. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 470p.

LASOR, Willian. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Lucy Yamakamí. São Paulo: Vida Nova, 1999. 880p.

LEVINE, Baruch A. *Firstborn*. In: SKOLNIK, Fred; BERENBAUM, Michael (Ed.). *Encyclopaedia Judaica*. 2. ed. Detroit, MI: Thomson/Gale, Macmillan Reference USA. 2007. 7 v.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *An intermediate Greek-English Lexicon*. 7. ed. of Liddell and Scott's Greek-English Lexicon. New York: American Book Company, 1888. 910p.

LISOWSKI, Gerhard. *Konkordanz zum Hebraeischem Alten Testament*. Stuttgart: Privileg, 1958. 1672p.

LÓPEZ, Félix García. *O Pentateuco: Introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia*. Tradução de Alceu Luiz Orso. São Paulo: Ave Maria, 2004. 326p.

LÓPEZ, Maricel Mena. *Rebeca e a bênção de Jacó: engano ou cumprimento profético?* In: KAEFER, José Ademar; JARSCHHEL, Haidi. Org. *Dimensões Sociais da fé do Antigo Israel: uma homenagem a Milton Schwantes*. São Paulo: Paulinas, 2007. 462p.

MANNICHE, Lise. *A vida sexual no Antigo Egito*. Tradução de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 128p.

MATTHEWS, Victor Harold. *Social World of ancient Israel 1250-587 BCE*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1995. 327p.

MAYES, Andrew D. H. *Sociologia e Antigo Testamento*. In: CLEMENTS, R. E. (Org.) *O Mundo do Antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995. 416p.

MELLA, Federico A. Arborio. *Dos sumérios a Babel: a mesopotâmia, história, civilização e cultura*. Tradução de Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, [19--] 335p.

MICHAUD, Robert. *Los Patriarcas: Historia y Teologia*. Estella: Verbo Divino, 2 ed. 1983. 244p.

MONTET, Pierre. *O Egito no tempo de Ramsés*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Schwarcz, 1989. 367p.

MOTYER, J. Alec. *Jacó*. In: GARDNER, Paul (Ed.). *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 1999. 674p.

NIEHR, Würzburg H.. *Peter*. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. 2. Translated by John T. Willis. Grand Rapids: William B. Eerdmans. 1974. 615p.

NOBLECOURT, Christiane Desroches. *A mulher no tempo dos faraós*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1994. 385p.

OPORTO, Santiago Guijarro; GARCIA, Miguel Salvador (Ed.). *Comentário ao Antigo Testamento I*. Tradução de José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2002.

OSWALT, John N. *Bakar*. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

OWENS, J. J. *Analytical key to the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1989. v. 4.

PICCININI, Cesar Augusto et al. *O nascimento do segundo filho e as relações familiares*. In: PSICOLOGIA: TEORIA E PESQUISA. vol. 23, n. 3, p. 253-261, jul./set. 2007. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl3?sid=metalib:L_SCIELO&id=doi:&genre=&isbn=&issn=0102-3772&date=2007&volume=23&issue=3&page=253&epage=262&aulast=Piccinini&aufirst=&auinit=&title=Psic%2E%3A%20Teor%2E%20e%20Pesq%2E&atitle=O%20nascimento%20do%20segundo%20filho%20e%20as%20rela%C3%A7%C3%B5es%20familiares&sici=&__service_type=&pid=<metalib_doc_number>085601988</metalib_doc_number><metalib_base_url>http://svr.periodicos2.periodicos.capes.gov.br</metalib_base_url><opid></opid>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

PISANO, Stephen. *O texto do Antigo Testamento*. In: SIMIAN-YOFRE, Horácio et al. *Metodologia do Antigo Testamento*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Loyola, 2000.

PURY, Albert de, RÖMER, Thomas. (Org.) *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Petrópolis: Vozes, 1996. 324p.

RAST, Walter E. *Tradition History and the Old Testament*. Philadelphia: Fortress Press, 1972. 82p.

REIMER, Haroldo. A Necessidade da Monarquia para Salvar o Povo: apontamentos sobre a história de José (Gênesis 37-50). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Pentateuco. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, n. 23. p. 67-78, 1996.

RIZZARDI, Karine. *Características de personalidade do primogênito, filho do meio e caçula e suas influências ao longo da vida*. In: PRÁXIS EVANGÉLICA. Londrina: FTSA, v. 1, n. 16, p. 101-115, 2010.

ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo*. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 816p.

ROGERSON, John W. *Antropologia e Antigo Testamento*. In: CLEMENTS, R. E. (Org.) *O Mundo do Antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

ROIBAL, Suzana Barbeito, et al. *El criterio de elección del sucesor en las empresas familiares Gallegas*. *Revista Galega de Economía*, Santiago de Compostela, año 15, n. 2, p. 1-16, 2006. Disponível em: <http://buscador.periodicos.capes.gov.br:80/V/RC5RBIGSMQSB7LAH5C2N5VK782CY8DHBBJF2JETMRICIYB3QIX-27067?func=full-external-exec&doc_number=082087051&line_number=0014&service_type=TAG%22>

www.doaj.org/doaj?func=fulltext& passMe=http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=39115205>. Acesso em: 24 mar. 2011.

RÖSEL, Martin. *Panorama do Antigo Testamento: história, contexto e teologia*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST. 2009. 232p.

SCHERESCHEWSKY, Ben Zion. *Redemption of the firstborn*. In: SKOLNIK, SKOLNIK, Fred (Ed.). *Encyclopaedia Judaica*. 2. ed. Detroit: Macmillan Reference, 2007. 7 v.

SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1998. 413p.

SCHWANTES, Milton. “E estas são as gerações de Terá”: Introdução a Gênesis 12-25. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Pentateuco. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, n. 23. p. 45-54, 1996.

_____. *Família de Sara e Abraão: texto e contexto de Gênesis 12-50*. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1986. 91p.

_____. “Não Estendas a Tua Mão contra o Menino”: observações sobre Gênesis 21 e 22. *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, No. 10 , p. 24-39, 1991.

SELMS, A. van. *Primogênito*. In: DOUGLAS, J. D.; BRUCE, F. F.; SHEDD, Russell Philip. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1680p.

SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1994. 318p.

SOARES, Armando. *Moderníssimo Dicionário Brasileiro*. São Paulo: Angelotti, 19--. 1682p.

STRECK, Gisela; LAUX, Núbia M. (Org.) *Manual de normas para trabalhos científicos: baseado nas normas da ABNT*. 2. ed. São Leopoldo: EST/ISM, 2009. 58p.

TAYLOR, B. A. *The analytical lexicon to the Septuagint: a complete parsing guide*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1994.

THÉODORIDÈS, Aristide. *O conceito de direito no Antigo Egito*. In: HARRIS, J. R. org. *O legado do Egito*. Tradução de Henrique Araújo de Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 584p.

THIEL, Winfried. *A sociedade de Israel na época pré-estatal*. Tradução de Ilson Kaiser, Annemarie Höhn (notas). São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulinas, 1993. 158p.

TSEVAT, Cincinnati M. *Bekhor*. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. 2. Translated by John T. Willis. Grand Rapids: William B. Eerdmans. 1974. 488p.

VERMEYLEN, Jacques. *As primeiras etapas literárias da formação do Pentateuco*. In: PURY, Albert de, RÖMER, Thomas. *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Petrópolis: Vozes, 1996. 324p.

VON RAD, Gerhard Von. *El Libro Del Genesis*. Salamanca: SIGUEME, 1977. 539p.

_____. *Teologia do Antigo Testamento: teologia das tradições históricas de Israel*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: ASTE, 1986. v. 1.

WEISSHEIMER, Vera Cristina. *As crianças e seus algozes herem, 'olah e exploração: sacrifício de crianças em Israel e na atualidade*. Rio de Janeiro: Koinonia, 1996. 31p.

WESTERMANN, Claus. *Genesis 12-36: a commentary*. Minneapolis: Augsburg, 1985. 604p.

_____. *Siervo*. In: JENNI, Ernst; _____. (Ed.). *Diccionario Teológico: manual del Antigo Testamento*. t. 2. Traducción de Rufino Godoy. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985. p.244.

WHITEHOUSE, Owen C. *Costumes Orientais, Antiguidades Bíblicas*. São Paulo: União Cultural, 1950. 142p.

WILLEMS, Emílio. *Antropologia Social*. Tradução de Yolanda Leite. 2ed. São Paulo: Difusão Européia, 1966. 169p.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007. 368p.

ZENGER, Erich. *A Tora/ O Pentateuco como um todo*. In: _____. et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2003. 557p.

APÊNDICE A – Comparação entre versões (Gênesis 25.19-26)

Gênesis 25.19:

BHS⁴⁵⁰ –

וְאֵלֶּה תּוֹלְדֹת יִצְחָק בֶּן־אַבְרָהָם אֲבִרְהֵם הוֹלִיד אֶת־יִצְחָק:

UL⁴⁵¹ – E estas (são) as gerações de Isaque filho de Abraão. Abraão fez dar à luz a Isaque.

BJ⁴⁵² – Eis a **história** de Isaac, filho de Abraão. Abraão gerou Isaac.

ARA⁴⁵³ – São estas as **gerações** de Isaque, filho de Abraão: Abraão gerou a Isaque;

TEB⁴⁵⁴ – Eis a **família** de Isaac, filho de Abraão. Depois de Abraão gerar Isaac,

AC⁴⁵⁵ – As primeiras versões, apesar de usarem palavras diferentes, trabalham numa mesma linha de raciocínio, a TEB restringe o pensamento apenas ao âmbito familiar.

Gênesis 25.20:

BHS – וַיְהִי יִצְחָק בֶּן־אַרְבָּעִים שָׁנָה בְּקָחְתּוֹ אֶת־רֵבֶקָה בַּת־בְּתוּאֵל הָאֲרָמִי מִפְּדַן אָרָם אֵחֹת לָבָן הָאֲרָמִי לוֹ לְאִשָּׁה:

UL – E tinha Isaque quarenta anos quando tomar para si Rebeca Filha de Betuel o arameu de Padã Arã a irmã de Labão o arameu para ele por esposa

BJ – Isaac tinha quarenta anos quando **se casou** com Rebeca, filha de Betuel, o arameu de Padã-Aram, e irmã de Labão, o arameu.

ARA – era Isaque de quarenta anos, quando **tomou por esposa** a Rebeca, filha de Betuel, o arameu de Padã-Arã, e irmã de Labão, o arameu.

TEB – ele, com quarenta anos, **tomou por mulher** Rebeca, filha de Betuel, arameu da planície de Arâm, e irmão de Laban, o arameu.

AC – Quanto ao casamento de Isaque, as versões BJ e VOZ que mencionam o verbo “casar” fazem uma interpretação, embora não tenha fugido do conceito original. E em relação à origem da família de Rebeca, VOZ é a única a mencionar que Rebeca é quem veio de Padã, enquanto as outras versões designam esta

⁴⁵⁰ Bíblia Hebraica Stuttgartensia. In: BIBLEWORKS for Windows [arquivo de computador]. version 7.0.012g. Norfolk: Bibleworks, LLC, 2006.

⁴⁵¹ Tradução pessoal de forma ultra-literal.

⁴⁵² Bíblia de Jerusalém: Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

⁴⁵³ Almeida Revista e Atualizada. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1959;

⁴⁵⁴ A BÍBLIA: Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1995

origem a Betuel (seu pai). Outro detalhe é que a TEB é a única versão a traduzir o nome Padã, como planície.

Gênesis 25.21:

BHS – וַיִּעֲמֵר יִצְחָק לַיהוָה לְנִכְחַ אִשְׁתּוֹ כִּי עֲקָרָה הָיָא וַיִּעֲמֵר לוֹ יְהוָה וַתֵּהָר רֵבֶקָה אִשְׁתּוֹ:

UL – E pediu Isaque para Yahweh no lugar da esposa dele pois estéril (era) ela e atendeu para ele Yahweh e concebeu a mulher dele.

BJ – Isaac **implorou** a lahweh por sua mulher, porque ela era estéril: lahweh **o ouviu** e Rebeca sua mulher *ficou grávida*.

ARA – Isaque **orou** ao Senhor por sua mulher, porque ela era estéril; e o Senhor **lhe ouviu as orações**, e Rebeca, sua mulher, *concebeu*.

TEB – Isaac **implorou** o Senhor em favor de sua mulher, pois ela era estéril: o Senhor **teve compaixão dele**, e sua mulher Rebeca *engravidou*.

AC – Enquanto a BJ e a TEB usam o verbo “implorar” as demais mencionam que Isaque orou ao Senhor. Outro detalhe diz respeito à resposta dada por Deus, enquanto as versões ERV, BJ e VOZ se mantêm mais fiéis, a TEB diz que Deus teve compaixão de Isaque e a ARA menciona que Deus ouviu suas orações. E quanto à gravidez de Rebeca, embora usem vernáculos distintos, todas continuam dentro de um mesmo campo semântico.

Gênesis 25.22:

BHS – וַיִּתְרַצְצוּ הַבָּנִים בְּקִרְבָּהּ וַתֹּאמֶר אִם-כֵּן לָמָּה זֶה אֲנִי וַתִּלְדָּ לְדָרֶשׁ אֶת־יְהוָה:

UL – E empurravam um ao outro no corpo dela e (ela) disse se (é) assim por que este eu estou? E foi buscar a Yhaweh

BJ – Ora, as crianças **lutavam** dentro dela e ela *disse*: Se é assim, **para que viver?** Foi então consultar a lahweh,

ARA – Os filhos **lutavam** no ventre dela; então *disse*: Se é assim **por que vivo eu?** E consultou ao Senhor.

TEB – mas os filhos dela se **debatiam** no seu seio, e ela *exclamou*: Se é assim, **para que estou neste estado?** Ela foi consultar o Senhor,

AC – A VOZ destoou um pouco ao usar o verbo “chocar-se”. A ERV trocou o verbo dizer por pensar, embora faça mais sentido, possivelmente não pertence ao original.

⁴⁵⁵ Apontamentos Comparativos.

Quanto à indagação feita por Rebeca, embora a grande maioria concorde em apelar para uma crise “existencial”, ao que parece a TEB captou melhor a ideia; pois parece mais lógico uma curiosidade sobre o assunto do que o desejo pela morte.

Gênesis 25.23:

BHS – וַיֹּאמֶר יְהוָה לָהּ שְׁנֵי גֵימִים [גוֹיִם] בְּבֶטֶןךָ וְשְׁנֵי לְאֻמִּים מִמֶּעַד יִפְרְדוּ וְלְאִם מִלְאִם יֵאָמֵן –
וְרַב יַעֲבֹד זָעִיר:

UL – E disse Yhawah para ela dois povos (há) em teu ventre e dois povos no ventre de ti se dividirão e povo de povo será forte e grande trabalhará como escravo (para) menor.

BJ – e lahweh **lhe disse**: Há duas nações em teu seio, **dois povos saídos de ti se separarão**, um povo dominará um povo, o mais velho servirá ao mais novo.

ARA – **Respondeu-lhe** o Senhor: Duas nações há no teu ventre, **dois povos, nascidos de ti, se dividirão**: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço.

TEB – que **lhe respondeu**: Duas nações estão no teu seio, **dois povos se desprenderão das tuas entranhas**. Um será mais forte que o outro e o grande servirá ao pequeno.

AC – Todas as versões deixam claro que Deus respondeu para Rebeca (e não para o marido, como talvez seria mais comum, para a época). Algumas versões usam o verbete seio como sinônimo de ventre, o que sou um pouco estranho. Melhor seria entranhas ou dentro. Quanto à divisão dos dois povos a ERV consegue transmitir melhor o que está acontecendo (desde as entranhas, eles já se dividiram) e a TEB foi infeliz ao usar o verbo “desprender”; pois fugiu da ideia central.

Gênesis 25.24:

BHS – וַיִּמְלֵאוּ יָמֶיהָ לְלֵדָת וְהָנָה תוֹמָם בְּבֶטֶןָהּ:

UL – E cumpriu-se o dia dela parir e eis que (havia) gêmeos no ventre dela

BJ – Quando chegou o tempo de dar à luz, eis que ela trazia gêmeos.

ARA – Cumpridos os dias para que desse à luz, eis que se achavam gêmeos no seu ventre.

TEB – Quando se completaram os dias em que ela devia dar à luz, encontravam-se gêmeos no seu seio.

AC – Todas mantiveram a mesma ideia. Embora a VOZ e a TEB usarem o verbete seio em lugar de ventre, (como já observado anteriormente).

Gênesis 25.25:

BHS – וַיֵּצֵא הָרִאשׁוֹן אֶדְמוֹנִי כֹּלֹ כַּאֲדָרַת שֵׁעָר וַיִּקְרְאוּ שְׁמוֹ עֵשָׂו:

UL – E saiu o primeiro avermelhado todo ele como capa de pelo e chamaram o nome dele Esaú

BJ – Saiu o primeiro: era ruivo e peludo como um **manto de pêlos**; foi chamado Esaú

ARA – Saiu o primeiro, ruivo, todo **revestido de pêlo**; por isso lhe chamaram Esaú.

TEB – O primeiro que saiu era ruivo, todo peludo como um **pêlo de animal**: chamou-se Esaú.

AC – a ARA só diz que Esaú era revestido de pelo, enquanto as demais o comparam a uma pelica ou manto de pelo. E também, a ARA é a única que dá a entender que o nome Esaú foi-lhe dado pela circunstancia de ser ruivo e peludo. Nas outras, isso não transparece.

Gênesis 25.26:

BHS – וַאֲחֵרֵיכֶן יָצָא אָחִיו וַיְדֹ אֶחְזֹת בְּעֵקֵב עֵשָׂו וַיִּקְרָא שְׁמוֹ יַעֲקֹב וַיִּצְתַּק בְּרֶגְלָיו שְׁנָה בְּלֶדֶת אִתָּם:

UL – E depois saiu o irmão dele e a mão dele pegando no calcanhar de Esaú e chamaram o nome dele Jacó e (era) Isaque da idade de sessenta anos quando gerar à eles.

BJ – Em seguida **saiu** seu irmão, e sua mão segurava o calcanhar de Esaú; foi chamado Jacó. Isaac tinha sessenta anos quando eles nasceram.

ARA – Depois **nasceu** o irmão; segurava com a mão o calcanhar de Esaú; por isso lhe chamaram Jacó. Era Isaque da idade de sessenta anos, quando Rebeca lhos deu à luz.

TEB – Seu irmão **saiu** em seguida, com a mão agarrada ao calcanhar de Esaú: chamou-se Jacó. Isaac tinha sessenta anos ao nascerem.

AC – enquanto todas as versões utilizam o verbo “sair” a ARA menciona fala que Jacó “nasceu”, que pelo contexto não destoa em nada. E novamente, é a única a mencionar que o nome Jacó foi escolhido com relação ao fato de estar segurando o

pé de seu irmão Esaú. Outro detalhe é que a ERV e a ARA colocam Rebeca em evidência na última cena da perícopes, enquanto as demais deixam a figura dos meninos, e ao que parece, no original o sujeito da última ação continua sendo Isaque (“quando fez gerar a eles”).

APÊNDICE B – Comparação entre versões (Gênesis 25.27-34)

Gênesis 25.27:

- BHS – וַיִּגְדְּלוּ הַנְּעָרִים וַיְהִי עֶשָׂו אִישׁ יָדַע צֹד אִישׁ שָׂדֶה וַיַּעֲקֹב אִישׁ תָּם יֹשֵׁב אֹהֶלִים:
- UL – Esaú homem interessado na caçada, **homem do campo**. Jacó, um homem calmo, habitava em tendas.
- BJ – Os meninos cresceram: Esaú tornou-se hábil caçador, **correndo a estepe**; Jacó era homem tranquilo, morando sob tendas.
- ARA – Cresceram os meninos. Esaú saiu perito caçador, **homem do campo**; Jacó, porém, homem pacato, habitava em tendas.
- TEB – Os meninos cresceram, Esaú era um caçador experimentado **que corria o campo**; Jacó era uma criança sensata que habitava sob as tendas.
- AC – A BJ e a TEB acabam interpretando em vez de traduzir, quando diz que Esaú corria o campo; e a TEB ainda destoa bastante dizendo que Jacó era criança e sensato.

Gênesis 25.28:

- BHS – וַיֵּאָהֵב יִצְחָק אֶת־עֶשָׂו כִּי־צֹד בְּפִיו וְרֵבֶקָה אֲהָבַת אֶת־יַעֲקֹב:
- UL – Isaac amava a Esaú porque comia de sua caça. Mas Rebeca amava (Qal participio) a Jacó.
- BJ – Isaac preferia Esaú, porque apreciava a caça, mas Rebeca preferia Jacó.
- ARA – Isaac amava a Esaú, porque se saboreava de sua caça; Rebeca, porém, amava a Jacó.
- TEB – Isaac preferia Esaú, pois gostava de caça; Rebeca preferia Jacó.
- AC – Embora o verbo original seja amar, a BJ e a TEB desta vez foram mais felizes ao usar o verbo preferir.

Gênesis 25.29:

- BHS – וַיִּזְדַּךְ יַעֲקֹב נֶזֶד וַיָּבֵא עֶשָׂו מִן־הַשָּׂדֶה וְהוּא עֵיף:
- UL – Jacó cozinhava uma comida, Esaú chegou exausto do campo.
- BJ – Certa vez, Jacó preparou um cozido e Esaú voltou do campo, esgotado.
- ARA – Tinha Jacó feito um cozinhado, quando, esmorecido, veio do campo Esaú

TEB – Um dia em que Jacó preparava uma sopa, Esaú voltou dos campos. Ele estava esgotado

AC – mesmo usando palavras diferentes, todas mantiveram um mesmo sentido.

Gênesis 25.30:

BHS – וַיֹּאמֶר עֵשָׂו אֶל-יַעֲקֹב הֲלֵעִיטֵנִי נָא מִן-הָאֲדָמָה הַזֹּאת כִּי עֵיף אָנֹכִי עַל-בֶּן קָרְא־שְׁמוֹ
אָדָם:

UL – Esaú disse a Jacó: Deixa-me engolir rapidamente, vamos! **Deste vermelho, deste vermelho.** Pois eu estou exausto. Por conta disso ele foi chamado de Edom.

BJ – Esaú disse a Jacó: “deixa-me comer **desta coisa ruiva**, pois estou esgotado.” – É por isso que ele foi chamado Edom.

ARA – e lhe disse: Peço-te que me deixes comer um pouco **desse cozinhado vermelho**, pois estou esmorecido. Daí chamar-se Edom.

TEB – e disse a Jacó: Deixa-me comer **dessa coisa ruiva, dessa coisa ruiva** aí, pois estou exausto. Eis por que ele se chamou Edom — *isto é, o Ruivo*.

AC – Mesmo que tenham atingido um sentido semelhante, faz-se destaque à duplicidade mantida pela UL e pela TEB. Além disso, essa última faz um acréscimo elucidativo: “*isto é, o Ruivo*”, que não compromete o texto.

Gênesis 25.31:

BHS – וַיֹּאמֶר יַעֲקֹב מִכֶּרֶה כִּיּוֹם אֶת-בְּכֹרְתְךָ לִי:

UL – Então Jacó disse: Vende cada dia [hoje] o teu direito de primogenitura para mim.

BJ – Jacó disse: “Vende-me primeiro o teu direito de primogenitura.”

ARA – Disse Jacó: Vende-me primeiro o teu direito de primogenitura.

TEB – Jacó respondeu: Vende-me hoje mesmo o teu direito de primogenitura•

AC – Apenas a UL destoa um pouco das demais, mas pode ter sido por um mal entendimento na tradução de uma expressão idiomática. Mas também, não compromete o bom entendimento do texto.

Gênesis 25.32:

- BHS – וַיֹּאמֶר עֵשָׂו הֲנֵה אֲנֹכִי הוֹלֵךְ לָמוּת וְלָמָּה־יָהּ לִי בְכֹרָה:
- UL – Esaú disse: eis que eu **tenho caminhado para morrer**; então para que servirá o meu direito de primogenitura?
- BJ – Esaú respondeu: “Eis que eu **vou morrer**, de que me servirá o direito de primogenitura?”
- ARA – Ele respondeu: **Estou a ponto de morrer**; de que me aproveitará o direito de primogenitura?
- TEB – Esaú prosseguiu: Eis, **já que eu vou morrer**, de que serve o meu direito de primogenitura?
- AC – A BJ e a TEB foram infelizes na conjugação utilizada para o sentimento de morte de Esaú. Do jeito que expressaram, perdeu-se a ideia do imediato, do agora.

Gênesis 25.33:

- BHS – וַיֹּאמֶר יַעֲקֹב הַשְּׂבָעָה לִי כִּי־וּמָכַר אֶת־בְּכֹרְתִי לְיַעֲקֹב:
- UL – Então disse Jacó: **Jura para mim cada dia (hoje)** e Esaú jurou para ele e vendeu o seu direito de primogenitura para Jacó.
- BJ – Jacó retomou: “**Jura-me primeiro**”. Ele lhe jurou e vendeu seu direito de primogenitura a Jacó.
- ARA – Então, disse Jacó: **Jura-me primeiro**. Ele jurou e vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó.
- TEB – Jacó disse: **Hoje mesmo, jura-mo**. Esaú lho jurou, ele vendeu seu direito de primogenitura a Jacó,
- AC – a BJ e a ARA usaram de interpretação ao trocar o “hoje” por “primeiro”. Quanto à segunda parte do verso, a BJ e a ARA ocultam o nome do protagonista principal.

Gênesis 25.34:

- BHS – וַיַּעֲקֹב נָתַן לְעֵשָׂו לֶחֶם וְיִזְיִר עֲדָשִׁים וַיֹּאכַל וַיִּשְׂתֶּה וַיָּקָם וַיֵּלֶךְ וַיִּבֹז עֵשָׂו אֶת־הַבְּכֹרָה:
- UL – E Jacó deu para Esaú pão e um prato de lentilha. Então Esaú devorou tudo, bebeu, levantou-se e seguiu; Assim desprezou Esaú o direito de primogenitura.
- BJ – Então Jacó lhe deu pão e o cozido de lentilhas; ele comeu e bebeu, levantou-se e partiu. Assim desprezou Esaú seu direito de primogenitura.

ARA – Deu, pois, Jacó a Esaú pão e o cozinhado de lentilhas; ele comeu e bebeu, levantou-se e saiu. Assim, desprezou Esaú o seu direito de primogenitura.

TEB – que lhe deu pão e sopa de lentilhas. Ele comeu e bebeu, levantou-se e partiu. Esaú menosprezou seu direito de primogenitura.

AC – Embora tenham usado palavras diferentes, todas mantiveram a mesma ideia central.

APÊNDICE C – Comparação entre versões (Gênesis 27.18-41)

Gênesis 27.18:

- BHS – וַיָּבֹא אֶל-אָבִיו וַיֹּאמֶר אָבִי וַיֹּאמֶר הֲנִי מִי אַתָּה בְּנִי:
- UL – **E veio** para seu pai e disse: meu pai! *E ele disse: eis-me.* Quem és tu, meu filho?
- BJ – **Jacó foi** a seu pai e disse: “*Meu pai!*” *Este respondeu: “Sim! Quem és tu, meu filho?”*
- ARA – **Jacó foi** a seu pai e disse: *Meu pai! Ele respondeu: Fala!* Quem és tu, meu filho?
- TEB – **Ele entrou** no quarto de seu pai e disse: *Meu pai! Aqui estou,* — respondeu — quem és tu, meu filho?
- AC – A BJ e a ARA tornam claro o sujeito oculto, melhorando a compreensão. A TEB foi infeliz ao relatar que Jacó teria entrado no quarto, o que a narrativa não deixa claro. Quanto à segunda parte do verso, ARA e TEB tentaram elucidar melhor a expressão, mas acabaram se contradizendo. No entanto, o texto original está um pouco truncado, provocando essa dúvida.

Gênesis 27.19:

- BHS – וַיֹּאמֶר יַעֲקֹב אֶל-אָבִיו אָנֹכִי עָשׂוּ בְכֹרֶךָ עָשִׂיתִי כַּאֲשֶׁר דִּבַּרְתָּ אֵלַי קוּם-נָא שֹׁבָה וְאָכְלָהּ מִצִּידִי בְעֵבוֹר תְּבָרַכְנִי נַפְשֶׁךָ:
- UL – E disse Jacó para seu pai: eu sou Esaú o teu primogênito. Fiz conforme tua palavra para mim. **Levante depressa**, senta e come da minha caça. Para que abençoes (mesmo) a mim tua alma.”
- BJ – Jacó disse a seu pai: “Sou eu Esaú, teu primogênito; fiz o que me ordenaste. **Levanta-te, por favor**, assenta-te e come de minha caça, a fim de que tua alma me abençoe.”
- ARA – Respondeu Jacó a seu pai: Sou Esaú, teu primogênito; fiz o que me ordenaste. **Levanta-te**, pois, assenta-te e come da minha caça, para que me abençoes.
- TEB – Jacó disse a seu pai: Sou Esaú, teu primogênito. Fiz o que me disseste. **Levanta-te, eu te peço**, senta-te e come da minha caça para que me abençoes.

AC – A BJ e a TEB foram mais felizes ao traduzir a súplica após o imperativo para se levantar. No final a UL e a BJ mantêm a correlação entre a alma e a bênção, dando uma ideia de maior profundidade.

Gênesis 27.20:

BHS – וַיֹּאמֶר יִצְחָק אֶל-בְּנוֹ מִהֲיָגָה מִהֲרַתָּ לְמִצְאָא בְּנִי וַיֹּאמֶר כִּי הִקְרָה יְהוָה אֱלֹהֶיךָ לְפָנָי:

UL – Então disse Isaque para seu filho: Por que isto, apressaste-te para conseguir meu filho? E disse: realmente dirigiu Yahweh o teu Deus para minha face.

BJ – Isaac disse a Jacó: “Como encontraste depressa, meu filho!” Ele respondeu: “é que lahweh teu Deus me foi propício.”

ARA – Disse Isaque a seu filho: Como é isso que a pudeste achar tão depressa, meu filho? Ele respondeu: Porque o SENHOR, teu Deus, a mandou ao meu encontro.

TEB – Isaac respondeu a seu filho: Como achaste depressa, meu filho! É que o Senhor, teu Deus, mandou-a a meu encontro.

AC – Todas mantiveram o mesmo sentido, mesmo usando palavras distintas.

Gênesis 27.21:

BHS – וַיֹּאמֶר יִצְחָק אֶל-יַעֲקֹב גְּשֶׁה-נָּא וְאִמְשָׁךְ בְּנִי הֲאֵתָה זֶה בְּנִי עֶשָׂו אִם-לֹא:

UL – Então disse Isaque para Jacó: venha, chegue perto e eu apalpo a ti meu filho. Tu és este meu filho Esaú, certamente?

BJ – Isaac disse a Jacó: “Aproxime-te, pois, para que te apalpe, meu filho, para saber se és ou não meu filho Esaú.”

ARA – Então, disse Isaque a Jacó: Chega-te aqui, para que eu te apalpe, meu filho, e veja se és meu filho Esaú ou não.

TEB – Isaac disse então a Jacó: Vem mais perto, meu filho, para eu te apalpar. És realmente meu filho Esaú ou não?

AC – Embora com palavras diferentes, todas mantiveram uma mesma linha de interpretação.

Gênesis 27.22:

BHS – וַיִּגַּשׁ יַעֲקֹב אֶל-יִצְחָק אָבִיו וַיִּמְשְׁחוּ וַיֹּאמֶר הֲקֵל קוֹל יַעֲקֹב וְהִנְדִים יָדַי עֵשָׂו:

UL – “E chegou perto Jacó para Isaque seu pai, então apalpou a ele. E disse: a voz é a voz de Jacó, mas as mãos são as mãos de Esaú.

BJ – Jacó aproximou-se de seu pai Isaac, que o apalpou e disse: “a voz é de Jacó, mas os braços são de Esaú!”

ARA – Jacó chegou-se a Isaque, seu pai, que o apalpou e disse: A voz é de Jacó, porém as mãos são de Esaú.

TEB – Jacó aproximou-se de seu pai Isaac, que o apalpou e disse: A voz é a de Jacó, mas as mãos são as de Esaú.

AC – Na segunda parte, apenas a BJ destoa um pouco e de forma positiva, mencionando braço em lugar de mão. Visto que a palavra hebraica para mão também pode corresponder ao braço e/ou antebraço. Ademais, teria mais sentido ele apalpar o braço atrás dos pelos de Esaú do que apenas sua mão.

Gênesis 27.23:

BHS – וְלֹא הִכִּירוּ כִּי-הָיוּ יָדָיו כִּי-דַי עֵשָׂו אָחָיו שְׁעֵרַת וַיְבָרְכֶהוּ:

UL – E não fez conhecer a ele. Pois tornaram-se as mãos dele como as mãos de Esaú, o irmão dele, cabeludas. Então abençoou (mesmo) a ele.

BJ – Ele não o reconheceu porque seus braços estavam peludos como os de Esaú, seu irmão, e ele o abençoou.

ARA – E não o reconheceu, porque as mãos, com efeito, estavam peludas como as de seu irmão Esaú. E o abençoou.

TEB – Ele não o reconheceu, pois as mãos dele estavam peludas como as de Esaú seu irmão; e o abençoou.

AC – Todas mantiveram a mesma ideia. Exceto a BJ que, à semelhança do verso anterior, usa o termo braço em vez de mão.

Gênesis 27.24:

BHS – וַיֹּאמֶר אַתָּה זֶה בְּנִי עֵשָׂו וַיֹּאמֶר אָנִי:

UL – Mas disse: tu és este meu filho Esaú. E disse: Eu sou.

BJ – Disse: “Tu és meu filho Esaú?” e o outro respondeu: “Sim”.

ARA – E lhe disse: És meu filho Esaú mesmo? Ele respondeu: Eu sou.

TEB – Ele lhe disse: És realmente tu, meu filho Esaú? Eu sou, respondeu ele.

AC – Não há nada destoante entre elas.

Gênesis 27.25:

BHS – וַיֹּאמֶר הַגֵּשָׁה לִי וְאֶכְלָה מִצֵּיד בְּנֵי לְמַעַן תְּבָרְכֶךָ נַפְשִׁי וַיִּגְשֶׁה לוֹ וַיֹּאכַל וַיָּבֵא לוֹ יַיִן וַיִּשְׁתָּ:

UL – **Então disse:** faça chegar perto de mim e comerei da caça, meu filho. A fim de que abençoes (mesmo) a ti, a minha alma. Então fez chegar para ele (Isaque) e comeu e fez vir para ele vinho e ele bebeu.”

BJ – **Isaac retomou:** “Serve-me e que eu coma da caça de meu filho, a fim de que minha alma te abençoe!” Ele o serviu e **Isaac** comeu, apresentou-lhe vinho e ele bebeu.

ARA – **Então, disse:** Chega isso para perto de mim, para que eu coma da caça de meu filho; para que eu te abençoe. Chegou-lho, e ele comeu; trouxe-lhe também vinho, e ele bebeu.

TEB – **Ele prosseguiu:** Serve-me, meu filho, para que eu coma da caça e te abençoe. Jacó o serviu e ele comeu; trouxe-lhe vinho e ele bebeu.

AC – A BJ evidencia o sujeito do verso, diferentemente das demais. A TEB tenta esclarecer a segunda parte do verso, tirando o sujeito da obscuridade, mas enfatiza a Jacó.

Gênesis 27.26:

BHS – וַיֹּאמֶר אֵלָיו יִצְחָק אָבִיו וְשָׁהֲנָא וּשְׁקָה לִי בְנֵי:

UL – E disse para ele, Isaque o pai dele: Venha, aproxima-te e beija-me meu filho.

BJ – Seu pai Isaac lhe disse: “Aproxima-te e beija-me, meu filho!”

ARA – Então, lhe disse Isaque, seu pai: Chega-te e dá-me um beijo, meu filho.

TEB – Foi então que seu pai Isaac lhe disse: Vem mais perto e beija-me, meu filho.

AC – Todas mantiveram o mesmo sentido.

Gênesis 27.27:

BHS – וַיִּגְשֶׁה וַיִּשְׁקֶלּוּ וַיִּרְחַח אֶת־רוּחַ בְּגָדָיו וַיְבָרְכֵהוּ וַיֹּאמֶר רְאֵה רֵיחַ בְּנֵי כְרִיחַ שָׂדֶה אֲשֶׁר בָּרַכּוּ יְהוָה:

UL – Então aproximou-se e beijou a ele e cheirou o cheiro na roupa dele e abençoou mesmo a ele. E disse: Ah! O cheiro do meu filho, como cheiro de um campo, que abençoou (mesmo) **Yahweh**.

BJ – Ele se aproximou e beijou o pai, que respirou o odor de suas roupas. Ele o abençoou assim: “Sim, o odor de meu filho é como o odor de um campo fértil que **lahweh** abençoou.

ARA – Ele se chegou e o beijou. Então, o pai aspirou o cheiro da roupa dele, e o abençoou, e disse: Eis que o cheiro do meu filho é como o cheiro do campo, que o **SENHOR** abençoou;

TEB – Ele aproximou-se e o beijou. Isaac respirou o odor das roupas dele e o abençoou, dizendo: Oh! O odor de meu filho é como o odor de um campo que o **Senhor** abençoou.

AC – O único destaque destoante é o uso do nome de Deus pela UL e pela BJ. As demais usam o substantivo Senhor para se referir a Ele.

Gênesis 27.28:

BHS – וַיִּתֵּן לָךְ הָאֱלֹהִים מִטַּל הַשָּׁמַיִם וּמִשְׁמַנֵּי הָאָרֶץ וְרֵב דָּגַן וְחִירָשׁ:

UL – Então deu para ti o Deus do orvalho dos céus e da enxúndia da terra e transbordamento de messe e vinho.

BJ – Que te dê o orvalho do céu e as gorduras da terra, trigo e vinho em abundância!

ARA – Deus te dê do orvalho do céu, e da exuberância da terra, e fartura de trigo e de mosto.

TEB – Que Deus te dê o orvalho do céu e terras gordas, trigo e vinho novo em abundância!

AC – Embora todas mantiveram uma mesma linha de tradução, a ARA foi mais clara ao escolher suas palavras.

Gênesis 27.29:

BHS – יַעֲבֹדוך עַמִּים (וַיִּשְׁתַּחֲוּ) לָךְ לְאֲמִים הַגּוֹה גְבִיר לְאַחֶיךָ וַיִּשְׁתַּחֲוּ לָךְ בְּנֵי אִמְךָ אֲרָרְךָ אֶרֶר וּמְבָרְכֶיךָ בָרוּךְ:

UL – Sirvam a ti os **povos** e se tornem (mesmo) e se tornem (mesmo) para ti **nações**, sê senhor para os irmãos de ti e se tornem (mesmo) para ti os filhos de tua mãe. Aquele que te amaldiçoa será feito amaldiçoado e aqueles que te abençoam (mesmo) será feito abençoado.

BJ – Que os **povos** te serviam, Que **nações** se prostrem diante de ti! Sê um senhor para teus irmãos, que se prostrem diante de ti os filhos de tua mãe! Maldito seja quem te amaldiçoar! Bendito seja quem te abençoar!”

ARA – Sirvam-te **povos**, e **nações** te reverenciem; sê senhor de teus irmãos, e os filhos de tua mãe se encurvem a ti; maldito seja o que te amaldiçoar, e abençoado o que te abençoar.

TEB – Que **povos** te sirvam e que **populações** se prostrem diante de ti! Sê chefe para teus irmãos, e que os filhos de tua mãe se prostrem diante de ti! Maldito seja quem te maldisser, bendito seja quem te abençoar!

AC – Somente a TEB não utiliza o trocadilho “povo e nações”, ela traduz populações. O que talvez para a época fizesse mais sentido. Quanto ao restante, todas mantiveram a mesma ideia.

Gênesis 27.30:

BHS – וַיְהִי כַאֲשֶׁר כָּלָה יִצְחָק לְבָרֵךְ אֶת־יַעֲקֹב וַיְהִי אֵד יֵצֵא יֵצֵא יַעֲקֹב מֵאֵת פְּנֵי יִצְחָק אָבִיו וְעֵשָׂו אָחִיו בָּא מִצִּידוֹ:

UL – E aconteceu depois de concluir (mesmo) Isaque de abençoar (mesmo) a Jacó aconteceu obviamente sair, saiu Jacó da presença de Isaque o pai dele. Então Esaú, o irmão dele, veio da caçada dele.

BJ – Isaac tinha acabado de abençoar Jacó e Jacó acabava de sair de junto de seu pai Isaac, quando seu irmão Esaú voltou da caça.

ARA – Mal acabara Isaque de abençoar a Jacó, tendo este saído da presença de Isaque, seu pai, chega Esaú, seu irmão, da sua caçada.

TEB – Isaac terminara de abençoar Jacó, e Jacó apenas deixara seu pai, quando seu irmão Esaú voltou da caça.

AC – Todas dão o mesmo sentido.

Gênesis 27.31:

BHS – וַיַּעַשׂ גַּם־הוּא מִטַּעֲמִים וַיָּבֵא לְאָבִיו וַיֹּאמֶר לְאָבִיו יִקַּם אָבִי וַיֹּאכַל מִצִּיד בְּנִי בְעֵבֶר חֲבֵרְכִנִי נִפְשָׁד:

UL – E fez também ele **uns guisados saborosos** e veio para o pai dele e disse para o pai dele: levante-se meu pai e coma da caça de teu filho, para que abençoes (mesmo) a mim a **tua alma**.

BJ – Também ele preparou **um bom prato** e o trouxe a seu pai. Ele lhe disse: “Que meu pai se levante e coma da caça de seu filho, a fim de que **tua alma** me abençoe!”

ARA – E fez também ele **uma comida saborosa**, a trouxe a seu pai e lhe disse: Levanta-te, meu pai, e come da caça de teu filho, para que me abençoes.

TEB – Também ele preparou **uma iguaria**, que trouxe a seu pai. Depois lhe disse: Que meu pai se levante e coma da caça de seu filho; assim **tua alma** poderá abençoar-me.

AC – As versões BJ, ARA e TEB usaram o singular para referir-se ao prato preparado por Esaú. A TEB vai mais longe ao usar o termo iguaria. E todas, exceto ARA, atrelam a alma de Isaque à bênção a ser impetrada.

Gênesis 27.32:

BHS – וַיֹּאמֶר לוֹ יִצְחָק אָבִיו מִי־אַתָּה וַיֹּאמֶר אֲנִי בִנְךָ בְּכֹרֶךָ עֲשׂוֹ:

UL – Mas disse para ele Isaque, o pai dele: quem és tu? E disse: eu sou teu filho, o teu primogênito Esaú.

BJ – Seu pai Isaac lhe perguntou: “Quem é tu?” – “Sou teu filho primogênito, Esaú,” respondeu ele.

ARA – Perguntou-lhe Isaque, seu pai: Quem és tu? Sou Esaú, teu filho, o teu primogênito, respondeu.

TEB – Seu pai Isaac respondeu: Quem és tu? Sou Esaú, teu filho primogênito, disse ele.

AC – Todas foram muito semelhantes.

Gênesis 27.33:

BHS – וַיִּחְרַד יִצְחָק חֲרָדָה גְּדוֹלָה עַד־מָאֵד וַיֹּאמֶר מִי־אַפּוֹא תוּא הַצֶּדֶד־צִיד וַיָּבֵא לִי וְאָכַל מִכֹּל בְּטֶרֶם תָּבוֹא וְאַבְרָכְתֶּהוּ גַם־בְּרוּךְ יִהְיֶה:

UL – **Estremeceu-se Isaque de um temor grande até muito** e disse: então quem é aquele que caçou da caça e fez vir para mim? E eu comi de tudo antes que tu viestes então abençoei (mesmo) ele. Além disso o que tem sido abençoado (mesmo) será.

BJ – Então Isaac **estremeceu com grande emoção** e disse: “Quem é, pois, aquele que apanhou a caça e ma trouxe? Comi antes que tu viesse e o abençoei, e ele ficará abençoado!”

ARA – Então, **estremeceu Isaque de violenta comoção** e disse: Quem é, pois, aquele que apanhou a caça e ma trouxe? Eu comi de tudo, antes que viesses, e o abençoei, e ele será abençoado.

TEB – Isaac **foi tomado de um violento tremor** e disse: Quem é, pois, que foi caçar e me trouxe caça? Comi de tudo antes de entrares. Abençoei-o, e abençoado ele será.

AC – Embora com palavras diferenciadas, todas mantêm a mesma linha de interpretação, mencionando o estado de choque que Isaque se encontrava diante da situação.

Gênesis 27.34:

BHS – כְּשִׁמְעַע עֵשָׂו אֶת־דִּבְרֵי אָבִיו וַיִּצְעַק צְעָקָה גְּדֹלָה וּמְרָה עַד־מְאֹד וַיִּאמֶר לְאָבִיו בְּרַכְנִי
 וַיִּאמֶר אָבִיו:

UL – Conforme escutar Esaú as palavras do pai dele **gritou um clamor grande e muito amargo**. E disse para o pai dele: abençoa (mesmo) a mim, também eu meu pai.

BJ – Quando Esaú ouviu as palavras de seu pai, **gritou com muita força e amargor** e disse ao seu pai: “Abençoa-me também, meu pai!”

ARA – Como ouvisse Esaú tais palavras de seu pai, **bradou com profundo amargor** e lhe disse: Abençoa-me também a mim, meu pai!

TEB – Ao ouvir as palavras de seu pai, Esaú **soltou um grande grito, no auge da amargura**, e disse a seu pai: Ó meu pai, abençoa-me, também a mim!

AC – à semelhança do verso anterior, todas mantiveram o mesmo sentido, apesar de usar palavras diferentes.

Gênesis 27.35:

BHS – וַיִּאמֶר בְּנֵי אַחִיךָ בְּמַרְמָה וַיִּקַּח בְּרַכְתְּךָ:

UL – Porém disse (Isaque): veio teu irmão com **uma mentira** e tomou tua bênção.

BJ – Mas este respondeu: “Teu irmão veio com **astúcia** e tomou a tua bênção.”

ARA – Respondeu-lhe o pai: Veio teu irmão **astuciosamente** e tomou a tua bênção.

TEB – Ele respondeu: Teu irmão veio **fraudulentamente** e tomou a bênção.

AC – Apenas BJ e ARA concordam com a terminologia adotada por Jacó, algo mais neutro, a UL e a TEB usam palavras diferentes e com um teor mais negativo.

Gênesis 27.36:

BHS – וַיֹּאמֶר הַכִּי קָרָא שְׁמוֹ יַעֲקֹב וַיַּעֲקֹבֵנִי זֶה פְּעֻמֹּים אֶת־בְּכֹרְתִי לָקַח וְהִנֵּה עַתָּה לָקַח
בְּרַכְתִּי וַיֹּאמֶר הֲלֹא־אֶצְלַתְּ לִי בְרָכָה:

UL – Então disse: com razão, chamou o nome dele Jacó. Pois, **deu uma rasteira em mim**, isto duas vezes; o meu direito de primogenitura ele tomou e eis que agora toma a minha bênção. Ainda disse: não separaste para mim uma bênção?

BJ – Esaú retomou: “Com razão se chama Jacó: é a segunda vez que **me enganou**. Ele me tomou meu direito de primogenitura e eis que agora tomou minha bênção!” Mas acrescentou, “não reservaste nenhuma bênção para mim?”

ARA – Disse Esaú: Não é com razão que se chama ele Jacó? Pois já duas vezes **me enganou**: tirou-me o direito de primogenitura e agora usurpa a bênção que era minha. Disse ainda: Não reservaste, pois, bênção nenhuma para mim?

TEB – Esaú prosseguiu: É por chamar-se Jacó que, por duas vezes, **ele me suplantou**? Tomou o meu direito de primogenitura, e eis que agora levou a bênção que era minha. E disse: Não guardaste uma bênção para mim?

AC – BJ e ARA também estão de acordo em traduzir as palavras de Esaú por engano, mas isso não altera em nada a compreensão do texto. Semelhantemente, usam verbos diferentes na pergunta de Esaú, mas com o mesmo significado.

Gênesis 27.37:

BHS – וַיַּעַן יִצְחָק וַיֹּאמֶר לַעֲשׂוֹ תֵן גְּבִיר שְׁמִתִּיו לְךָ וְאֶת־כָּל־אֲחָיו נָתַתִּי לוֹ לְעֲבָדִים וְדָגָן וְתִירֹשׁ
סִמְכֹתִיו וְלֶכְהָ אֲפֹא מָה אַעֲשֶׂה בְנִי:

UL – Respondeu Isaque e disse para Esaú: Como senhor coloquei ele para ti e todos os parentes dele dei para ele para servos [nomeei para ele de servos], e messe e vinho provi a ele. Mas para ti, o que fiz meu filho? [o que poderei fazer?]

BJ – Isaac, tomando a palavra, respondeu a Esaú: “Eu o estabeleci teu senhor, dei-lhe todos os seus irmãos como servos e o provi de trigo e vinho. Que poderia eu fazer por ti, meu filho?”

ARA – Então, respondeu Isaque a Esaú: Eis que o constituí em teu senhor, e todos os seus irmãos lhe dei por servos; de trigo e de mosto o apercebi; que me será dado fazer-te agora, meu filho?

TEB – Isaac tomou a palavra e disse a Esaú: Vê! Fiz dele o teu chefe, dei-lhe todos os seus irmãos por servos. Provi-o de trigo e de vinho novo. Que posso fazer por ti, meu filho?

AC – Todas usam palavras diferenciadas, mas mantiveram o mesmo entendimento para o assunto.

Gênesis 27.38:

BHS – וַיֹּאמֶר עֵשָׂו אֶל-אָבִיו הַבְּרָכָה אַחַת הוּא-לְךָ אָבִי בְרַכְנִי גַם-אֲנִי אָבִי וַיֵּשֶׂא עֵשָׂו קֶלֶד
וַיִּבְךְ:

UL – Então disse Esaú para o pai dele: ela é uma bênção para ti meu pai? Abençoe [mesmo] também eu meu pai; então levantou Esaú a voz dele e **afogou-se em prantos**.

BJ – Esaú disse a seu pai: “É, pois, tua única bênção, meu pai? Abençoa-me também, meu pai!” e Esaú **se pôs a chorar**.

ARA – Disse Esaú a seu pai: Acaso, tens uma única bênção, meu pai? Abençoa-me, também a mim, meu pai. E, **levantando Esaú a voz, chorou**.

TEB – Esaú respondeu a seu pai: Só tens uma única bênção, meu pai? Abençoa-me também a mim! Esaú **levantou a voz e chorou**.

AC – A BJ perdeu um pouco a dramaticidade ao descrever o choro de Esaú. Quanto ao restante são todas bem similares.

Gênesis 27.39:

BHS – וַיַּעַן יַצְחָק אָבִיו וַיֹּאמֶר אֵלָיו הֲנֵה מִשְׁמֵנִי הָאָרֶץ יִהְיֶה מִוֹשְׁבֶיךָ וּמִטְלֵ הַשָּׁמַיִם מֵעַל:

UL – Respondeu Isaque o pai dele e disse para ele: Eis que **longe⁴⁵⁶ da enxúndia da terra** será a tua morada e do orvalho dos céus [estarás] longe.

BJ – Então seu pai Isaac tomou a palavra e disse: “**Longe das gorduras da terra** será tua morada, longe do orvalho que cai do céu.

ARA – Então, lhe respondeu Isaque, seu pai: **Longe dos lugares férteis da terra** será a tua habitação, e sem orvalho que cai do alto.

⁴⁵⁶ Segundo Von Rad (1977, p. 344) a preposição מִן (*Min*) que precede o substantivo, aqui tem uma conotação privativa, significando: “longe de...”, ou “privado de...”, diferentemente da mesma preposição encontrada lá do verso 28 – na bênção a Jacó – onde tem uma utilização “partitiva”, correspondendo a: “uma parte de...”

TEB – Então Isaac tomou a palavra e disse: Vê, **fora da terra gorda** será o teu habitat, e longe do orvalho que está no céu.

AC – Novamente a ARA foi mais elucidativa em mencionar os lugares férteis. Enquanto a TEB foi mais feliz em mencionar sobre o habitat e não apenas morada ou habitação, como as outras o fazem.

Gênesis 27.40:

BHS – וְעַל-חַרְבֶּךָ תַחֲוֶה וְאֶת-אֲחִיךָ תַעֲבֹד וְהָיָה כַּאֲשֶׁר תִּלְוֶה וּפְרַקְתָּ עָלָיו מִעַל צַוְאַרְךָ:

UL – E sobre a tua espada viverás e a teu irmão servirás; acontecerá quando fizeres perambular e sacudirás o jugo sobre ele de cima de teu pescoço.

BJ – Tu viverás de tua espada, servirás a teu irmão. Mas, quando te libertares, sacudirás seu jugo de tua cerviz.”

ARA – Viverás da tua espada e servirás a teu irmão; quando, porém, te libertares, sacudirás o seu jugo da tua cerviz.

TEB – Da tua espada viverás, **mas** servirás a teu irmão e, no decorso das tuas andanças, romperás o seu jugo de sobre teu pescoço.

AC – A TEB foi mais coerente em usar o advérbio “mas” em lugar da conjunção “e”, como elo de ligação entre o viver pela espada e a servidão ao irmão. Quanto à segunda parte, a BJ e a ARA, ao tentarem interpretar, acabaram dando uma tradução estranha usando o verbo “se libertar”. Na terceira parte, embora tenham usado palavras distintas, manteve-se o significado.

Gênesis 27.41:

BHS – וַיִּשְׁטֹם עֵשָׂו אֶת-יַעֲקֹב עַל-הַבְּרָכָה אֲשֶׁר בֵּרַכּוּ אָבִיו וַיֹּאמֶר עֵשָׂו בְּלִבּוֹ יִקְרְבוּ יָמַי אֲבָל אָבִי וְאֶת-הַרְגָה אֶת-יַעֲקֹב אָחִי:

UL – Assim **odiou** Esaú a Jacó a respeito da bênção que abençoou [mesmo] a ele o pai dele e disse Esaú no coração dele: aproximar-se-á os dias do luto do meu pai assim matarei a Jacó o meu irmão.

BJ – Esaú **passou a odiar** Jacó por causa da bênção que seu pai lhe dera, e disse consigo mesmo: “Estão próximos os dias de luto por meu pai. Então matarei meu irmão Jacó.

ARA – **Passou** Esaú **a odiar** a Jacó por causa da bênção, com que seu pai o tinha abençoado; e disse consigo: Vêm próximos os dias de luto por meu pai; então, matarei a Jacó, meu irmão.

TEB – Esaú **tratou** Jacó **como inimigo** por causa da bênção que obtivera de seu pai. Disse a si mesmo: A época do luto por meu pai aproxima-se e poderei matar meu irmão Jacó!

AC – A TEB interpreta o ódio que Esaú sentira por Jacó, e declara que ele o trata como inimigo. Mas é feliz ao acrescentar o verbo poder ao desejo de morte do mais velho pelo irmão mais novo.

APÊNDICE D – Crítica Textual de Gênesis 25.19-26

São bem poucas as sugestões demonstradas no aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia. E os dados necessários para a interpretação das abreviaturas mencionadas ali foram extraídos do *Manual da Bíblia Hebraica*⁴⁵⁷.

Em Gn 25.22 conforme sugestão da versão Siríaca, provavelmente o termo **היה** deve ser inserido após o **זָה** em conformidade com Gn 27.46: Ficando assim a tradução: “por que este eu vivo?” em vez de “Se é assim, por que este eu estou?”. Entretanto, embora facilite a leitura, a lição sugerida parece fugir do contexto. Seria mais lógico ela se perguntar sobre o que estaria acontecendo, do que desejar morrer. A defesa dessa ideia também pode ser encontrada em Kidner.⁴⁵⁸

Em Gn 25.24 é sugerido pelo Pentateuco Samaritano que seja usado **תאמים** (gêmeos, dobro) em lugar de **תומם** (mesma tradução, mas com grafia diferente) como em Gênesis 38.27.

Em Gn 25.25, conforme sugerido pela Septuaginta de Göttingen, pela versão Siríaca: Peshita (sec II) e pela Vulgata: (séc IV-V), o verbete **ויקראו** (Waw Consec + Verbo no Qal imp, terc pes Mas Plu – e chamaram) deve ser usado no singular; assim como aparece no versículo seguinte.

Em Gn 25.26, por sua vez, é sugerido pelos fragmentos de códices manuscritos hebraicos do acervo da Guenizá da Sinagoga Ben Ezra do Cairo (séc V-IX) e pelo Pentateuco Samaritano (séc. V a.C.) que um Waw seja acrescentado no verbete **ויקרא** (Waw Consec + Verbo arq no Qal imp, terc pes Mas Sing) transformando-o em plural.

Entretando, mesmo diante de tantos detalhes e sugestões, não se observou nada de cunho relevante, algo que realmente pudesse melhorar o sentido do texto.

⁴⁵⁷ FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao texto massorético; guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 21-117.

⁴⁵⁸ KIDNER, 2006, p. 140.

APÊNDICE E – Crítica Textual de Gênesis 25.27-34

Nesta perícopie há apenas duas sugestões pequenas:

Em Gn 25.28, tanto o Pentateuco Samaritano quanto a Septuaginta, sugerem que em lugar de בִּי־צִיד בְּפִיו (“*kay Tsayd Befyw*” – por causa da caça em sua boca) seja usado בִּי־צִידוֹ לְפִיו (“*kay Tseydo Lefyw*” – por causa da caça **dele para** sua boca).

Em Gn 25.29, a Septuaginta acrescenta o verbete: φακου (“*Phaku*” – lentilha).⁴⁵⁹ O que, no hebraico só seria revelado ao final da narrativa.

Como pode ser visto, não houve nenhuma contribuição significativa nas lições propostas. Desta forma, prefere-se manter o formato do texto massorético.

⁴⁵⁹ LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *An intermediate Greek-English Lexicon*. 7. ed. of Liddell and Scott's Greek-English Lexicon. New York: American Book Company, 1888.

APÊNDICE F – Crítica Textual de Gênesis 27.1-45

Apesar de ter sido feito um recorte, e concentrado as energias entre os versos 18-41, neste momento optou-se para dar uma olhada na perícopie inteira: Gn 27.1-45.

Em Gn 27.3 o Pentateuco Samaritano usa o verbete תליתך (*“Tlytch”*) em lugar de תליותך (*“Telycha”* – os teus apetrechos) e, ainda o verbete צידה (*“Tseydah”* – provisões, víveres, mantimento) em lugar de צידה (*“Tsaydh”* – mesma tradução, porém incorretamente grafada, i.e., a forma como aparece no texto massorético, é uma mistura do masculino com o feminino).

Em Gn 27.4, em vez de והביאה (*“wehavy’ah”* – faça vir, verbo Hifil, Imperativo, Masc.), o Pentateuco Samaritano usa והבאת (*“whv’t”* – fazes vir, verbo Hifil, 2ª p).

Em Gn 27.5 a septuaginta troca להביא (*“Lehavi”* – para fazer vir – verbo Hifil no Infinitivo) por τῷ πατρὶ αὐτοῦ (*“to Patrí autu”* – para o pai dele). Provavelmente, um erro de leitura.

Em Gn 27.16, o Pentateuco Samaritano retira corretamente o Yud de צואריו (*“Tsawa’rayw”* – os pescoços dele), transformando o verbete em singular צוארו (*“Tsw’rw”* – o pescoço dele).

Em 27.24, o Pentateuco Samaritano corretamente acrescenta uma letra na segunda palavra, indicando que a frase é uma interrogativa.

Em Gn 27.27, o Pentateuco Samaritano, a Septuaginta e a Vulgata Latina fazem um acréscimo à expressão כרית שדה (*“Kereyah Sadeh”* – Como fragrância de um campo), ficando assim: כרית שדה מלא (*“Kereyah Sadeh Male”* – Como fragrância de um campo **cheio**).

Em Gn 27.29, o Pentateuco Samaritano, o codex Leningradensis e muitos outros manuscritos usam a palavra וישתחו (*“weyshtahu”* – torne-se) como plural (tornem-se).

Em Gn 27.33 é sugerido que em lugar de *וְאָכַל מִכֹּל* (“*wa’ochal mikol*” – e eu comi de tudo) use-se *וְאָכַל אֶכְל* (“*wa’ochal ’akol*” – e eu comi com bom apetite)⁴⁶⁰

Ainda, o Pentateuco Samaritano e a Siríaca acrescentam um waw, equivalente a um “e” na última frase: *וְגַם-בְּרוּךְ יִהְיֶה* (“*wegam Baruch yhyeh*” – **E** além disso, o que tem sido abençoado (de forma intensa) será.).

Em Gn 27.34 ao que parece o aparato crítico sugere que, a partir do Pentateuco Samaritano e da Septuaginta, seja realocada a primeira palavra desse verso, como penúltima do verso 33. Mas a tradução ficaria muito estranha.

No verso 38, a Septuaginta acrescenta, entre a primeira e a segunda parte do versículo, a expressão: *κατανυχθέντος δὲ Ἰσαακ* (*katanyxthentos de Isaak* – então Isaque ficou perturbado).

⁴⁶⁰ Brown, 1971, p. 110.